

MORTE BRANCA

**CLIVE
CUSSLER**
& PAUL KEMPRECOS



Prólogo I

A OESTE DAS ILHAS BRITÂNICAS, 1515

DIEGO AGUIRREZ DESPERTOU DO SONO AGITADO QUE TIVERA COM A NÍ-TIDA sensação de que uma ratazana lhe passara a correr por cima da cara. Tinha a testa larga encharcada em suores frios, o coração martelava-lhe no peito e um pânico disforme roía-lhe avidamente as entranhas. Escutou com atenção os ressonos abafados da sua tripulação adormecida e o marulhar da ondulação minguta a bater como palmadinhas no casco de madeira. Nada parecia fora do habitual. Todavia, não conseguia afastar aquela sensação inquieta de que uma ameaça invisível se emboscava no meio das sombras.

Saindo da cama suspensa, Aguirrez cobriu os ombros musculados com um cobertor de lã grossa e subiu uma escada de quebra-costas das camaratas para o convés envolto em nevoeiro. Sob a luz ténue do luar, a caravela de construção robusta reluzia como se fosse feita de teias de aranha. Aguirrez aproximou-se de uma figura encolhida próximo do luzeiro amarelo irradiado por uma candeia de petróleo.

— Boa noite, capitão — disse o homem ao aperceber-se da sua chegada.

Aguirrez ficou satisfeito por ver que o marinheiro de quarto de alva estava acordado e de vigia.

— Boa noite — respondeu o capitão. — Está tudo em ordem?

— Sim, senhor, apesar de continuarmos sem vento.

Aguirrez levantou os olhos para os mastros e as velas espectrais. — Há-de vir. Já o sinto.

— Sim, meu capitão — disse o homem, reprimindo um bocejo.

— Agora desça e vá dormir um bocado. Eu substituo-o.

— Ainda não está na hora, senhor. O meu turno só termina daqui a um relógio, na próxima volta da ampulheta.

O capitão agarrou na ampulheta colocada junto à candeia e virou-a.
— Pronto — concluiu. — Agora *já* está na hora.

O homem agradeceu entredentes e, com passos arrastados, encaminhou-se para os alojamentos da tripulação, ao mesmo tempo que o capitão se sentava no lugar do vigia no supino e quadrangular gurupés no castelo da popa do navio. Olhou para Sul, perscrutando por entre o nevoeiro fuliginoso que ascendia como vapor do mar calmo e espelhado. Mantinha-se ainda no seu posto quando o sol nasceu. Estavam congestionados os seus olhos negros cor de azeitona, e o cansaço tornara-os doridos. O cobertor que o cobria estava ensopado pela humidade, mas a obstinação costumeira fê-lo ignorar o desconforto e recomeçou a andar para trás e para diante como um tigre enjaulado.

O capitão era basco, um habitante das montanhas escarpadas, situadas entre a Espanha e a França, e o seu instinto, aguçado por anos no mar, não devia ser desatendido. Os Bascos eram os melhores marinheiros do mundo, e homens como Aguirrez viajavam de modo costumeiro para regiões consideradas por marinheiros mais temerosos o reino de serpentes marinhas e redemoinhos colossais. À semelhança de muitos bascos, ele tinha sobranceiras como silvedos cerrados, orelhas grandes e protuberantes, um nariz comprido e rectilíneo e um queixo que lembrava o rebordo de uma montanha. Em épocas posteriores, os cientistas haviam de sugerir que os Bascos, de feições bem marcadas, eram os descendentes directos do homem de Cro-Magnon.

Entre bocejos e gestos espreguiçados, a tripulação emergiu aos primeiros raios de luz acinzentada, preparando-se para dar início às tarefas destinadas a cada um. O capitão recusou cada uma das oblatas para ser substituído. A sua persistência seria recompensada perto do meio da manhã. Os seus olhos raiados de sangue captaram uma esquirola difusa de luz por entre a espessa cortina de nevoeiro. O rápido pestanejo nervoso durou apenas um instante, mas encheu o espírito de Aguirrez com uma estranha combinação de alívio e grande temor.

Com o pulso acelerado, Aguirrez levantou a luneta de latão que trazia pendurada ao pescoço presa por um cordão, esticou os tubos até ao comprimento máximo e espreitou pelo óculo. Primeiro, viu apenas o monótono círculo cinzento da ampliação, onde o banco de nevoeiro se confundia com o mar. O capitão limpou os olhos com a manga, pestanejou para tornar a visão mais nítida e voltou a levantar a luneta. Continuava a não ver nada. «Artifícios luminosos», pensou.

De repente, viu um movimento através da lente. Uma proa aguçada emergia do nevoeiro como o bico protuberante de uma ave de rapina. Depois, avistou todo o comprimento do navio. O esguio casco negro da embarcação avançou com um impulso, deslizou suavemente por instantes e depois voltou a avançar com outro impulso ondulatório para diante. Outros dois navios seguiam-no numa sucessão impaciente, navegando de vento em popa e rompendo a superfície plana como gigantescos insectos aquáticos. Aguirrez praguejou em voz baixa.

Galés de combate.

A luz do sol era reflectida pelos remos molhados que se afundavam no mar com uma cadência mecânica. A cada movimento circular dos mesmos, depressa os lustrosos navios encurtavam a distância que os separava do veleiro.

Sereno, o capitão avaliou da proa à popa os navios que se aproximavam velozes, estudando-lhes as linhas perfeitas e funcionais com o juízo de um hábil construtor naval. Autênticos galgos marinhos, capazes de avançar a grande velocidade, as galés de combate, aprestadas por Veneza, eram usadas por dezenas de países europeus.

Cada galé era impulsionada por cento e cinquenta remos, divididos por três bancadas de vinte e cinco remadores de cada lado. Quando avistada de lado, a borda baixa conferia-lhe uma aparência aerodinâmica inovadora para o tempo, curvando-se graciosamente para cima na retaguarda onde os alojamentos do capitão se distinguiam na popa. A proa era alongada, embora já não funcionasse como um esporão de metal dos navios de guerra de tempos idos. A proa fora transformada numa plataforma para a artilharia.

Uma pequena vela latina triangular envergava num único mastro próximo da popa, mas a força dos músculos humanos imprimia à galé velocidade e destreza. O sistema penal espanhol fornecia um regular suprimento de remadores condenados a morrer a puxar pesados remos de nove metros. A coxia, uma passagem estreita que corria da popa à proa, era o domínio dos mais severos que instigavam os remadores a puxar com mais força sob ameaças e correadas de chicote.

Aguirrez sabia que o poderio do ataque investido contra o seu navio seria gigantesco. As galés quase duplicavam os vinte e quatro metros de comprimento da sua atarracada caravela. A galé de combate carregava de habitual cinquenta arcabuzes de alma lisa, de carregar pela boca e disparo único. A artilharia mais pesada, um canhão de ferro fundido de tiro vertical, conhecido como *bombarda*, era montado na plataforma da artilharia na proa. A sua posição na frente direita era uma revitalização dos tempos em que a estratégia naval se centrava no ataque do inimigo pela frente.

Enquanto a galé era um retrocesso às robustas embarcações gregas

que transportavam Ulisses de Circe para o país dos Cíclopes, a caravela era o aceno do futuro. Rápido e manobrável para a época, o robusto navio conseguia navegar em qualquer superfície aquática do mundo. A caravela juntava aos seus aprestos sulistas um possante casco do norte de tábuas resistentes e um leme articulado num eixo único. As velas latinas, fáceis de aparelhar, descendiam do árabe dhou, tornando o navio muito superior a qualquer barco à vela seu contemporâneo quando navegava com o vento de feição.

Desafortunadamente para Aguirrez, as velas, milagrosas na sua eficácia tão simples, pendiam agora indolentes dos mastros duplos. Sem a mais leve brisa que lhes ufanasse a lona, as velas transformavam-se em inúteis e extensos pedaços de tecido. A caravela privada de vento estava colada à superfície marítima como um navio no interior de uma garrafa.

Aguirrez lançou um olhar rápido à lona inerte e amaldiçoou os elementos por conspirarem contra si. Encrespou-se diante da arrogância tancha que o levava a desafiar o seu próprio instinto para se manter longe do mar. Com as obras mortas¹ baixas, as galés não haviam sido concebidas para o mar alto e tinham dificuldade em seguir a caravela. Todavia, ele navegara junto à costa por desse modo a rota ser mais a direito. Com ventos favoráveis, no mar, o seu navio conseguia ganhar vantagem sobre qualquer embarcação. Nunca previra semelhante calma podre. Nem esperara que as galés o encontrassem com tamanha facilidade.

Afastou a auto-recriminação e a suspeição. Teria tempo suficiente mais tarde para lidar com questões como aquelas. Arremessando o cobertor para o lado como se da capa de um *matador* se tratasse, percorreu todo o comprimento do navio com passadas largas ao mesmo tempo que bradava ordens. Os homens pareciam ganhar vida à medida que a troante voz do capitão ecoava de uma extremidade à outra do navio. Em poucos segundos, o convés parecia um formigueiro revolvido.

— Lançar botes ao mar! — Aguirrez apontou para os barcos de guerra que se aproximavam. — Depressa, rapazes, ou pomos os carrascos a trabalhar noite e dia.

Correram a executar todas as tarefas com uma vivacidade lesta. Cada homem a bordo da caravela sabia que os horrores da tortura e a execução na fogueira seriam o seu destino se as galés os alcançassem. Em poucos minutos, os três botes da caravela estavam na água, equipados com os remadores mais fortes. As amarras que os prendiam ao barco esticaram-se tensas quais arcos de reboque, mas a caravela recusava-se teimosamente a

¹ Obras mortas – Parte do casco de uma embarcação que fica acima da linha de água. (N. da T.).

mover-se. Aguirrez gritou aos homens para que remassem com mais força. O ar por cima da sua cabeça ia-se tornando azulado à medida que gritava apelos à sua virilidade basca, intercalados por todo o tipo de imprecações indecorosas de que conseguia lembrar-se.

— Remem em conjunto! — gritava Aguirrez com os olhos escuros irados. — Vocês remam como um bando de pegas espanholas.

Os remos agitaram-se ainda mais nas águas calmas formando uma espuma saboeira. O navio estremeceu e rangeu, e, por fim, começou a avançar aos poucos. Aguirrez redobrou o encorajamento e regressou à popa. Debruçou-se sobre a amurada e encostou um olho ao óculo da luneta. Através da lente, viu um homem alto e magro na plataforma da proa da galé dianteira a olhar para ele através de um telescópio.

Os lábios de Aguirrez comprimiram-se num sorriso sinistro. A sua luneta fora talhada por um vidrista basco, chamado Diaz, que descobrira as propriedades de colocar lentes num tubo uma centena de anos antes de Galileu. Esses instrumentos ópticos eram um segredo bem guardado entre os marinheiros bascos, que os usavam nas suas viagens de longa distância. Os telescópios eram extraordinariamente dispendiosos e até um homem abastado como Aguirrez possuía apenas dois, o que usava naquele momento e o outro que lhe fora roubado pelo homem que comandava a galé dianteira.

— *El Braserero* — murmurou Aguirrez com um manifesto menosprezo na voz.

Ignatius Martinez viu Aguirrez a olhar para si e comprimiu os lábios grossos e voluptuosos num esgar triunfante. Os seus olhos implacáveis e mesquinhos chispavam de fanatismo nas órbitas encovadas. O longo nariz aristocrata era arrebitado como se tivesse captado algum odor desagradável.

— Capitão Blackthorne — resmungou para o homem de barba ruiva de pé ao seu lado —, espalhe este aviso por todos os remadores. Diga-lhes que os libertamos se apanharmos a nossa presa.

O capitão encolheu os ombros e foi transmitir o desígnio, sabendo que Martinez não tencionava cumprir o prometido, que se tratava simplesmente de um logro cruel.

El Braserero significava braseiro em espanhol. Martinez obtivera essa alcunha do zelo que colocava na calcinação de hereges nos *autos de fé*, como os espectáculos públicos de punição eram designados. Ele era uma figura familiar no *quemerdo*, ou local de execução na fogueira, onde recorria a todos os meios, incluindo o suborno, para se certificar de que tinha a honra de acender a pira funerária. Embora os títulos oficiais que detinha fossem o de Procurador da Coroa e de Conselheiro da Inquisição, conseguira convencer as autoridades a nomeá-lo o Inquisidor encarregado da instaura-

ção de processos aos Bascos, acção extremamente lucrativa. A Inquisição confiscava de imediato o património dos acusados. A riqueza roubada às vítimas servia para financiar os cárceres inquisitoriais, a polícia secreta, as câmaras de tortura, o exército e a burocracia, fazendo dos Inquisidores homens abastados.

Os Bascos tinham elevado a arte da navegação e da construção naval a níveis de perícia ímpares. Aguirrez navegara para locais de pesca recônditos, cruzando o Mar Ocidental dezenas de vezes à pesca da baleia e do bacalhau. Os Bascos eram argentários naturais, e muitos deles, como Aguirrez, haviam enriquecido com a venda do bacalhau e do produto da pesca à baleia. O seu movimentado estaleiro, instalado no rio Nervion, construía embarcações de todo o género e dimensão. Aguirrez dera pelas movimentações da Inquisição e pelos excessos que cometia, mas estava demasiado ocupado com a administração dos seus diversos negócios e o usufruto da rara companhia da sua bonita mulher e dos dois filhos de ambos para se ocupar excessivamente com isso. Foi no regresso de uma viagem que soube pessoalmente que Martinez e a Inquisição eram forças malevolentes que não podiam ser ignoradas.

Uma multidão em fúria acorrera ao encontro das embarcações carregadas de peixe que se dirigiam lentamente para as docas para descarregarem a faina. As gentes gritavam a chamar a atenção de Aguirrez e não paravam de rogar que as ajudasse. A Inquisição prendera um grupo de mulheres locais e acusava-as de bruxaria. A sua própria mulher contava-se entre as que tinham sido levadas. Ela e as outras haviam sido julgadas e sentenciadas culpadas e estavam a ser levadas da prisão para o local exacto da execução na fogueira.

Aguirrez aplacou os ânimos da multidão e encaminhou-se de imediato para a capital da província. Embora fosse um homem de influência, os seus rogos para que as prisioneiras fossem libertadas caíram em saco roto. Os oficiais disseram-lhe nada poderem fazer por ser aquele um assunto da Igreja e não uma questão civil. Alguns sussurraram-lhe mesmo que as suas vidas e bens poderiam correr perigo caso agissem de modo contrário às ordens do Santo Ofício. *El Brasero*, sussurraram atemorizados.

Aguirrez chamou então a si a resolução daquele caso e reuniu uma centena dos seus homens. Atacaram a escolta dócil que se dirigia para o local da execução e arrancaram à sua guarda as acusadas de bruxaria, libertando-as sem que fosse disparado um único tiro. No mesmo instante em que tomava a mulher nos braços, Aguirrez ficou a saber que *El Brasero* tinha maquinado aquelas prisões e julgamentos por bruxaria para se apoderar com uma ganância voraz da sua própria pessoa e do seu património.

Aguirrez suspeitava haver um motivo mais forte para estar na mira

da Inquisição. No ano anterior, um concílio de vetustos atribuíra-lhe as funções de intendente das relíquias mais sagradas do território basco. Um dia, seriam usadas para congregar os Bascos em torno da grande luta pela independência contra a Espanha. Encontravam-se estas, por isso, guardadas numa arca escondida numa câmara secreta da luxuosa mansão de Aguirrez. Martinez devia ter ouvido falar nos artefactos, pois estava a região repleta de informadores. Martinez devia, pois, saber como as relíquias sagradas podiam inflamar o fanatismo, de modo muito idêntico ao que o Santo Graal levava os sanguinários Cruzados a lançarem-se na sua busca. Tudo o que unisse os Bascos seria considerado uma ameaça pela Inquisição.

Martinez não respondeu à libertação das mulheres, mas Aguirrez não se deixaria enganar, porque Martinez atacaria apenas depois de recolhidos todos os pedaços de provas incriminatórias. Aguirrez usou esse tempo para se preparar. Incluiu a caravela mais veloz na sua frota a caminho de San Sebastián, como se fosse levada para uma qualquer reparação, distribuiu generosas quantias em dinheiro para constituir o seu próprio exército de espíões, que incluía alguns membros do círculo do Procurador da Coroa, e fez saber que a maior recompensa iria para o homem que acautelasse a sua prisão. Depois, tratou da sua vida como de habitual e aguardou, conservando-se próximo de casa, onde se rodeou de guardas, todos eles veteranos de guerra.

Foram vários os meses que passaram sem novidade. Certa noite, então, um dos seus espíões, um homem que estava ao serviço da própria Inquisição, rumou a galope e sem fôlego para a sua morada e bateu à porta de punhos cerrados. Martinez conduzia para ali um grupo de soldados que vinham prendê-lo. Aguirrez pagou generosamente ao espíão reconhecido e pôs em prática os seus planos bem delineados. Despediu-se com um beijo da mulher e dos filhos e prometeu juntar-se a eles em Portugal. Enquanto a família fugia numa carroça com muita da riqueza que possuíam, foi montado um embuste para levar o grupo de soldados a empreender uma perseguição enganosa pelos campos. Acompanhado pelos seus homens de confiança armados, Aguirrez dirigiu-se para a costa. Pela calada da noite, a caravela zarpu do cais, desfraldou as velas e rumou para norte.

Quando, na manhã seguinte, o sol nasceu, uma frota de galés de combate emergiu do nevoeiro matinal determinada a interceptar a caravela. Valendo-se de uma tripulação destra, Aguirrez eludira os seus perseguidores, e uma brisa constante levava o seu navio a rumar veloz para norte ao longo da costa francesa. Traçara uma rota com passagem pela Dinamarca, onde faria a viragem para oeste em direcção à Gronelândia e à Islândia e às Grandes Terras para lá delas. Ao largo das Ilhas Britânicas, porém, o navio

despertara sem vento, e Aguirrez e os seus homens haviam-se encontrado parados no meio de um mar calmoso...

Agora, com o trio de galés a aproximar-se para a chacina, Aguirrez estava determinado a combater até à morte se a isso se visse obrigado, mas o seu instinto mais forte era o da sobrevivência. Ordenou aos artilheiros que se preparassem para o combate. Ao armar a caravela, sacrificara o armamento à velocidade e a potência de tiro à agilidade.

O arcabuz comum era uma besta pesada, de mecha e de carregar pela boca, que estava cavilhado numa bancada móvel e precisava de dois homens para ser carregado e disparado. Os artilheiros da caravela estavam armados com versões mais leves e de menores dimensões que podiam ser disparadas por um único homem. A sua tripulação incluía excelentes atiradores que faziam com que cada tiro fizesse a diferença. Para a artilharia pesada, Aguirrez optara por um par de canhões de bronze, que podiam ser deslocados sobre armações de rodados. A tripulação armada com espingardas sujeitara-se a treinos intensos ao ponto de conseguir carregar, apontar e disparar com uma precisão maquinal, inigualável pela maior parte dos navios.

Os remadores estavam visivelmente cansados, e o navio lembrava uma mosca rastejando por um alcatruz de melaço. As galés estavam quase dentro do alcance de tiro. Os seus atiradores emboscados podiam com facilidade abater um a um os seus remadores. Decidiu que os homens teriam de se manter aos remos. Enquanto o navio se fosse deslocando, Aguirrez teria algum controlo. Instigou os homens a continuarem a puxar, e, virava-se para trás para ajudar os homens das espingardas quando o seu sentido apurado detectou uma mudança na temperatura, habitualmente o prenúncio de uma brisa. A vela latina mais pequena agitou-se como a asa de um pássaro ferido. Depois, estacou imóvel.

Enquanto o capitão esquadrihava a superfície marítima em busca de algum capelo de vaga anunciador de uma breve rajada de vento, ouviu o inconfundível ribombar de uma bombarda. O morteiro de boca larga era suportado por uma armação fixa sem nenhuma orientação especial nem elevação. A bala do canhão mergulhou inofensiva no mar por entre salpicos e borrifos a cerca de cem metros da popa da caravela. Aguirrez deu uma gargalhada, sabendo ser quase impossível conseguir um tiro certo com uma bombarda, mesmo num alvo com uma deslocação tão lenta como a caravela.

As galés aproximavam-se lado a lado. Quando uma nuvem de fumo se elevou acima da superfície do mar, as galés colocaram-se nos flancos da embarcação dianteira e avançaram em linha recta por detrás da caravela.

A manobra era um simulacro. Ambas as galés mudaram de rumo para a esquerda e uma delas assumiu o comando. As galés transportavam a maior parte do armamento à frente do lado direito. No momento em que passassem pela caravela, que continuava a deslocar-se devagar, podiam varrer-lhe o convés a tiro de popa à proa e reforçar o ataque com armas de pequeno e médio calibre.

Antecipando o ataque, Aguirrez colocara os dois canhões próximo um do outro a bombordo e cobrira-lhes as bocas com um pano preto. O inimigo pensaria então que a caravela transportava também a ineficiente bombardarda e talvez os seus flancos se encontrassem desprotegidos.

Com minúcia, através da luneta, o capitão analisou a artilharia do primeiro pavimento e praguejou ao reconhecer um antigo tripulante que o acompanhara em muitas fainas. O homem conhecia a rota seguida por Aguirrez até ao Mar Ocidental. Decerto a Inquisição andaria a fazer ameaças contra a sua família.

Aguirrez verificou o ângulo de tiro de cada canhão. Afastou o pano preto e espreitou através das miras em busca de um círculo imaginário no mar. Ao não encontrar nenhuma oposição, a primeira galé aproximou-se da caravela — e Aguirrez deu ordem para que fosse aberto fogo. Ambos os canhões retumbaram. Um disparo foi prematuro e fez saltar o beque da galé, mas a segunda bala de canhão embateu violentamente contra o pavimento da artilharia.

A secção da proa desintegrou-se numa explosão de labaredas e fumo. A água entrou em torrente pelo casco desfeito, auxiliada pela marcha veloz da galé para diante, e o barco afocinhou à superfície e afundou-se num único instante. Aguirrez sentiu um sopro de piedade angustiada pelos remadores, agrilhoados aos seus remos e incapazes de fugir, mas a sua morte seria rápida comparada com semanas e meses de calvário.

A tripulação da segunda galé viu o destino do navio da frente, e, numa demonstração de agilidade pela qual os trirremes eram conhecidos, virou de bordo rapidamente saindo do alcance da caravela, e depois, dando a volta, foi juntar-se a Martinez, que com prudência mantivera a sua embarcação na retaguarda.

Aguirrez calculou que as galés se separassem, se aproximassem de ambos os lados do seu navio, acautelando-se para se manterem fora do alcance dos seus canhões, depois voltassem para trás formando um círculo e atacassem os remadores vulneráveis. Quase como se Martinez lhe lesse o pensamento, as galés separaram-se e começaram a descrever uma curva larga em cada um dos lados do navio, rodeando-o como hienas matreiras.

Aguirrez ouviu um estalido por cima da cabeça, causado por um batimento solto da vela grande. Susteve a respiração enquanto verificava se

se tratava apenas de uma rajada de vento errante como a anterior. Depois, a vela voltou a sacudir-se, ufanou-se e os mastros estalaram. Correu para a proa, inclinou-se sobre a amurada e gritou à tribulação que estava no convés para que fizesse os remadores regressarem a bordo.

Era demasiado tarde.

As galés haviam encurtado a sua volta larga e lenta e voltavam rapidamente para trás numa rota que as trazia directamente ao seu barco. A galé da direita fez uma curva balouçante e posicionou-se lateralmente, e os artilheiros fixaram o alvo de disparo do arcabuz na chalupa comprida indefesa. Uma fuzilada seca foi disparada sobre os remadores.

Animada, a segunda galé ensaiou a mesma manobra a bombordo. Os bons atiradores da caravela tinham-se reagrupado depois de terem sido apanhados de surpresa, e dirigiram o disparo para o tabuado da artilharia agora exposto onde Aguirrez vira Martinez pela última vez. *El Brasero* estava decerto escondido por detrás de algum madeiro grosso, mas perceberia a mensagem.

A salva atingiu o tabuado como um punho de chumbo. Assim que os melhores atiradores disparavam o último tiro, agarravam noutra arma e voltavam a disparar, enquanto a tripulação febril lhes recarregava as armas. A fuzilada foi contínua e mortal. Incapaz de conter a prolongada saraivada de balas, a galé mudou de direcção e zarpou com o casco em esquirolas e os remos feitos em pedaços.

A tripulação da caravela apressou-se a puxar para bordo os longos botes. No primeiro ocorrera um banho de sangue e metade dos seus remadores estavam mortos. Aguirrez gritou ordens aos atiradores da artilharia pesada, correu para a casa do leme e agarrou-se aos comandos. A tripulação encarregue da artilharia amontoou-se em volta dos canhões e levantou a pulso as pesadas armas levando-as então para a proa. Outros marinheiros do convés ajustaram o cordoame com torceduras e apertos calculados para retirar o máximo da brisa refrescante.

Quando a caravela ganhou velocidade, deixando para trás uma esteira crescente, o capitão dirigiu o navio para a galé que fora varrida a tiro pelos seus artilheiros. A galé tentou fugir-lhe, mas tinha perdido remadores e movia-se de modo vagante. Aguirrez esperou até estar a quarenta e cinco metros. Os artilheiros da galé dispararam sobre os seus perseguidores, mas os disparos tiveram pouco efeito.

O canhão ressoou e as balas silvaram direitas à coberta da casa do capitão à popa, fazendo-a em mil pedaços. Os canhões foram rapidamente recarregados e apontados para a linha de água da galé, onde lhe fizeram enormes rombos no casco. Com o peso dos homens e do equipamento, a galé depressa desapareceu da superfície, deixando visíveis apenas bolhas de

ar, fragmentos de madeira e alguns nadadores desafortunados que marcavam a sua passagem.

O capitão dirigiu a sua atenção para a terceira galé.

Vendo a sua sorte mudar, Martinez seria o seguinte. A sua galé zar-pou então para sul como uma lebre assustada. A ágil caravela virou a ré à matança e tentou segui-la. Aguirrez tinha os olhos raiados de sangue ao mesmo tempo que se deleitava com a perspectiva de meter *El Brasero* ao fundo.

Isso não viria a acontecer. A brisa refrescante ainda soprava suave e a caravela não conseguia equiparar a sua à velocidade da galé em fuga, cujos remadores puxavam pelos remos para salvar a própria vida. Pouco depois, a galé era apenas um ponto negro no oceano.

Aguirrez teria perseguido Martinez até ao fim do mundo, mas avis-tou velas ao longe no horizonte e calculou tratarem-se de reforços inimi-gos. A Inquisição tinha um longo alcance. Lembrou-se da promessa que fizera à mulher e aos filhos, e ainda da responsabilidade que tinha para com o povo basco. Relutante, virou o navio oscilante e traçou uma rota para norte em direcção à Dinamarca. Aguirrez não tinha a mínima ilusão em relação aos seus inimigos. Martinez podia ser um covarde, mas era paciente e persistente.

Seria apenas uma questão de tempo até voltarem a encontrar-se.

Prólogo II

ALEMANHA, 1935

PASSAVA POUCO DA MEIA-NOITE QUANDO OS CÃES COMEÇARAM A UIVAR junto a um terreno de trigo entre a cidade de Hamburgo e o Mar do Norte. Canídeos aterrorizados fitavam o céu escuro e sem luar de línguas penduradas e garupas arrepiadas. A sua audição apurada captara o que os ouvidos humanos não eram capazes — o débil ronco dos motores do gigantesco torpedo de fuselagem prateada que deslizava com movimentos incertos por entre a densa camada de nuvens altas.

Quatro motores *Maybach* de 12 cilindros, um par de cada lado, estavam suspensos no interior de cárteres aerodinâmicos posicionados na barriga da aeronave de 244 metros de comprimento. As luzes brilhavam nas janelas desmedidas da cabina de comando próximo da frente da fuselagem. A cabina de comando oblonga estava organizada como a ponte de comando de um navio, aprestada com uma bússola e volantes de raios para o leme de direcção e o leme de profundidade.

De pé ao lado do timoneiro, de pernas afastadas e braços cruzados atrás das costas, estava o capitão Heinrich Braun, uma figura alta e aprumada, impecavelmente vestido com um uniforme azul-escuro e um boné de marinheiro com viseira. O frio penetrava na cabina e, por exceder os seus agasalhos, ele usava uma camisola de gola alta grossa por baixo do casaco. O perfil altivo de Braun podia ter sido esculpido de um bloco de granito. A sua atitude rígida e o cabelo grisalho combinavam com o seu escalpo ao estilo militar, e a ligeira elevação do queixo proeminente lembrava os tempos em que fora oficial da marinha prussiana.

Braun verificou a agulha da bússola, depois virou-se para um homem corpulento de meia-idade cujo bigode farfalhudo e revirado para cima lhe dava uma aparência de morsa bonacheirona.

— Bem, Sr. Lutz, concluímos com sucesso a primeira etapa da nossa viagem histórica — Braun tinha uma maneira de falar elegante e anacrónica. — Continuamos a manter-nos nos cento e vinte quilómetros por hora. Até com uma leve brisa pela frente, o consumo de combustível é exactamente o calculado. Os meus parabéns, senhor Professor.

Na aparência, Herman Lutz lembrava um empregado de uma cervejaria de Munique, mas era um dos mais qualificados engenheiros de aeronáutica europeus. Depois de se reformar, Braun escrevera um livro a sugerir o recurso aos serviços de aeronaves para a realização de expedições entre o pólo e a América do Norte. Numa palestra promocional do seu livro, conhecera Lutz, quando este tentava angariar fundos para realizar uma viagem numa aeronave polar. Aproximou estes dois homens a firme convicção de que as aeronaves podiam promover a cooperação internacional.

Os olhos azuis de Lutz agitaram-se de entusiasmo. — *Dou-lhe* os meus parabéns, capitão Braun. Juntos faremos a promoção do grande triunfo da paz mundial.

— Estou certo que estará a referir-se ao grande triunfo da *Alemanha* — escarneceu Gerhardt Heinz, um homem baixo e franzino, que se conservara atrás dos outros, mas suficientemente próximo para ouvir cada palavra. Com todos os rituais, acendeu um cigarro.

Numa voz acerada e insensível, Braun observou: — Sr. Heinz, esqueceu-se que por cima das nossas cabeças existem milhares de metros cúbicos de hidrogénio altamente inflamável? Só é permitido fumar na zona reservada para o efeito na cabina dos tripulantes.

Heinz resmoneou uma resposta e apagou o cigarro com os dedos. Tentando ganhar vantagem, empertigou-se como um galo doméstico envaidecido. Heinz rapara completamente a cabeça e usava com afectação umas lunetas para os seus olhos míopes. A cabeça de um branco pálido estava encarrapitada em cima de dois ombros estreitos. Embora o efeito fosse supostamente intimidatório, era sobretudo grotesco.

Lutz pensou que, com o seu apertado casaco comprido preto de pele, Heinz parecia uma larva a emergir da sua crisálida, mas sensatamente guardou para si próprio estes pensamentos. Ter Heinz a bordo era o preço que ele e Braun tinham tido de pagar para porem a aeronave no ar. Isso e o nome da aeronave — *Nietzsche*, em homenagem ao filósofo alemão. A Alemanha debatia-se para sair do jugo financeiro e psicológico imposto pelo Tratado de Versalhes. Quando Lutz propusera uma viagem de aeronave ao

Pólo Norte, as pessoas tinham-se mostrado entusiasmadas por poderem contribuir com fundos, mas o projecto fora suspenso.

Um grupo de industriais abordara discretamente Lutz com uma nova proposta. Com o apoio militar, financiariam uma viagem secreta de uma aeronave ao Pólo Norte. Se a missão fosse bem sucedida, seria tornada pública e aos Aliados seria apresentado como um *fait accompli*, revelador da superioridade da tecnologia aérea da Alemanha. O desaire seria mantido em segredo para evitar a mínima mácula. A aeronave fora construída clandestinamente com Lutz a fabricá-la no interior da gigantesca aeronave *Graf Zeppelin*. Como parte do acordo, concordara levar Heinz na expedição em representação dos interesses dos industriais.

— Capitão, pode informar-nos da nossa progressão? — pediu Lutz.

Braun aproximou-se de um estirador com um mapa. — Esta é a nossa posição. Seguiremos a mesma rota do *Norge* e do *Italia* até às Ilhas Spitsbergen. A partir daí seguimos directamente para o pólo. Estou a contar que a última etapa demore cerca de quinze horas, dependendo das condições atmosféricas.

— Espero que tenhamos mais sorte do que os italianos — comentou Heinz, sem que fosse necessário lembrar aos outros as anteriores tentativas de algumas aeronaves chegarem ao pólo. Em 1926, o explorador norueguês Amundsen e um engenheiro italiano, chamado Umberto Nobile, tinham chegado ao pólo com sucesso e tinham-no contornado num dirigível italiano, chamado *Norge*. No entanto, na segunda expedição de Nobile a bordo de uma aeronave gémea, chamada *Italia*, era suposto ter aterrado no pólo, mas despenhou-se. Perdera-se o rasto de Amundsen durante uma tentativa de resgate, mas Nobile e alguns dos seus homens acabariam por ser salvos.

— Não é uma questão de sorte — disse Lutz. — A concepção desta aeronave teve em conta os erros das outras e em mente justamente esta missão. É mais resistente e mais fácil de dirigir com mau tempo. Tem sobrejos sistemas de comunicação. A utilização de Blaugas irá permitir um maior controlo, porque não teremos de expelir o hidrogénio para manter o equilíbrio. Através dos comandos podemos fazer a descongelação. A mecânica foi concebida para operar em temperaturas árticas infragélidas. É a aeronave mais rápida alguma vez construída. Dispomos de uma rede de aviões e navios no local que responderão de imediato se nos depararmos com alguma dificuldade. Os nossos conhecimentos meteorológicos não são excedidos por ninguém.

— Tenho a maior confiança em si e na aeronave — declarou Heinz com um sorriso adulator, ao mesmo tempo que a sua tendência natural para bajular os outros se tornava evidente.

— Óptimo. Sugiro então que todos descansemos um pouco antes de

chegarmos a Spitsbergen. Aí voltamos a abastecer e depois seguimos para o pólo.

A viagem até Spitsbergen decorreu sem percalços. Contactada pelo rádio, a tripulação que efectuava o abastecimento e o reforço das provisões estava a terminar o trabalho, e a aeronave partiu em poucas horas, rumando para norte com passagem pelo arquipélago Franz Josef.

O mar cinzento baço lá em baixo via-se salpicado por pedacinhos de gelo flutuante. Os grandes pedaços tinham acabado por se aglomerar em grandes panquecas irregulares que se juntavam e formavam blocos de gelo partido um pouco por todo o lado por entre veios negros muito escuros de mar aberto. Próximo do pólo, o gelo tornava-se uma extensão imensa e compacta. Embora a superfície branca azulada parecesse plana dos trezentos e cinco metros de altitude, os exploradores terrestres tinham aprendido da forma mais dura que ela era entrecruzada por espinhaços e outeiros.

— Boas notícias — anunciou Braun com entusiasmo. — Estamos nos oitenta e cinco graus norte. Em breve chegaremos ao pólo. As condições meteorológicas são ideais, não há vento e o céu está limpo.

A expectativa aumentou, e até os que estavam fora de serviço encheram a cabina de comando e espreitaram pelas amplas janelas como se esperassem ver um mastro alto despido a marcar o local aos noventa graus norte.

Um tripulante gritou: — Capitão, parece-me ver qualquer coisa no gelo.

O capitão espreitou pelos binóculos para o sítio para onde o tripulante apontava.

— Muito interessante — disse, empunhando os binóculos na direcção de Lutz.

— É um barco — disse Lutz instantes depois.

Braun anuiu com um aceno de cabeça e ordenou ao timoneiro que mudasse de rota.

— O que está você a fazer? — perguntou-lhe Heinz.

Braun entregou-se os binóculos. — Veja — respondeu sem dizer mais nada.

Heinz atrapalhou-se com as próprias lunetas e depois espreitou pelos binóculos. — Não vejo nada — declarou num tom inexpressivo.

Braun não ficou surpreso com a observação. O homem era tão cego como um morcego. — Seja como for, está um barco no gelo.

— O que pode um *barco* andar ali a fazer? — quis saber Heinz, pestanejando nervosamente. — Não ouvi falar em nenhuma outra expedição ao pólo. Ordeno-lhe que regresse à nossa rota.

— Com que fundamento, Sr. Heinz? — perguntou o capitão, levan-

tando ainda mais o queixo. Transparecia da frieza da sua voz que não lhe interessava minimamente a resposta, qualquer que ela fosse.

— A nossa missão é ir ao Pólo Norte — declarou Heinz.

O capitão Braun olhou para Heinz como se estivesse prestes a pôr o homenzinho fora da aeronave a pontapé e a ver o corpo dele cair no gelo compacto.

Lutz apercebeu-se da contrariedade perigosa do capitão e interveio. — Sr. Heinz, tem razão, meu amigo, mas creio que a nossa obrigação é também averiguar qualquer situação que possa ser-nos útil, a nós ou às expedições futuras.

Braun acrescentou: — Além disso, também neste caso temos obrigação de ajudar qualquer navio que, navegando nestas águas, possa estar em dificuldades.

— Se eles nos virem, irão contactar alguém via rádio e porão em perigo a nossa missão — disse Heinz, tentando ir por outra via.

— Teriam de ser cegos e surdos para ainda não nos terem visto nem ouvido — disse Braun. — E o que acontece se eles derem informações acerca da nossa presença? Além do nome, a nossa aeronave não tem qualquer marca distintiva.

Ao ver-se vencido, Heinz acendeu um cigarro devagar e muito sério soprou o fumo para o ar, desafiando o capitão a impedi-lo de o fazer.

O capitão ignorou o gesto desafiador e ordenou que descessem. O timoneiro ajustou os comandos e a gigantesca aeronave iniciou a sua longa e planada descida oblíqua até à superfície gelada.

1

AS ILHAS FAROÉ, NA ACTUALIDADE

O BARCO SOLITÁRIO QUE SE APROXIMAVA VELOZ DAS ILHAS FAROÉ PARECIA o derrotado de uma luta de bolas de tinta. O casco do *Sentinela dos Mares* de 52 metros estava salpicado com uma miscelânea garrida e psicadélica de cores roubadas ao arco-íris. Uma calíope com uma flauta e uma tripulação de palhaços não estariam deslocados e completariam a aparência carnavalesca. Mas o aspecto libertino do navio era ilusório. Como muitos tinham ficado a saber para seu próprio infortúnio, o *Sentinela dos Mares* era tão perigoso nas suas acções como qualquer navio referido nas páginas de *Jane's Fighting Ships*.

O *Sentinela dos Mares* chegara às águas das Faroé depois de uma viagem de mais de seiscentos e quinze quilómetros, desde as Ilhas Shetland, ao largo da Escócia. A receber o navio estava uma pequena flotilha de barcos de pesca e iates alugados por empresas ligadas à imprensa internacional. O cruzador dinamarquês *Leif Eriksson* mantinha-se alerta e um helicóptero andava em círculos no céu carregado de nuvens.

Chuviscava, o típico Verão nas Faroé, um arquipélago com dezoito pontos rochosos, situados no Atlântico nordeste equidistante entre a Dinamarca e a Islândia. Os 45 000 habitantes humanos das Faroé eram em grande parte descendentes dos Vikings, que ali se haviam instalado no século IX. Embora as ilhas fizessem parte do reino da Dinamarca, os locais falavam uma língua que provinha do nórdico primitivo. O número de pessoas era largamente excedido pelos milhões de aves que faziam os seus ninhos nas escarpas altaneiras que se erguiam como muralhas contra o mar.

Um homem alto e bem constituído, pelos quarenta anos, estava de pé na coberta da proa do navio rodeado por repórteres e técnicos de filmagem. Marcus Ryan, o capitão do *Sentinela dos Mares*, estava vestido num estilo conservador com um uniforme preto de oficial, engalanado com galões dourados na gola e nas mangas. Com o seu perfil de estrela de cinema, a pele bronzeada, o cabelo, que chegava ao colarinho, agora despenteado pela brisa e a orla da barba ruiva a emoldurar-lhe o maxilar quadrado, Ryan parecia ter sido escolhido para interpretar no cinema o papel de um capitão arrojado. A imagem era algo que ele se esforçava por cultivar.

— Felicito-os, minhas senhoras e meus senhores — disse Ryan numa voz bem modulada que se sobrepunha ao ruído surdo e prolongado dos motores e ao marulhar da água a bater no casco. — Lamento não ter podido proporcionar-vos um mar mais calmo. Alguns de vocês parecem um pouco indispostos depois da nossa viagem desde as Shetland.

Os elementos daquele grupo de imprensa tinham sido escolhidos entre muitos outros para fazerem a cobertura da história da invasão. Depois de uma noite passada em beliches estreitos, enquanto o navio navegava por um mar encapelado, alguns membros do Quarto Estado desejavam não ter tido aquela sorte.

— Não faz mal — resmoneou uma repórter da CNN. — Faça apenas com que a história valha o raio de todo o Dramamine que já tive de engolir.

Radiante, Ryan mostrou o seu sorriso cinematográfico. — Posso quase *garantir-lhes* que terão alguma acção — abriu os braços de forma teatral, descrevendo um enorme arco. Disciplinadas, as câmaras seguiram o seu dedo que apontava para o navio de guerra. Descrevendo um círculo amplo, o cruzador mantinha-se numa velocidade muito reduzida. A agitar-se no mastro principal estava o pavilhão vermelho e branco da Dinamarca. — A última vez que tentámos impedir os Faroenses de chacinar baleias-piloto, aquele cruzador dinamarquês que estão ali a ver disparou um tiro contra o nosso casco. Disparos de armas de pequeno calibre por pouco não acertaram num dos nossos tripulantes, apesar dos dinamarqueses negarem ter disparado contra nós.

— É verdade que o senhor os atacou com uma arma carregada de lixo? — perguntou a repórter da CNN.

— Defendemo-nos com o que tínhamos à mão — respondeu Ryan com uma gravidade trocista. — O nosso cozinheiro tinha aparelhado uma catapulta para do convés lançar à água sacos com lixo biodegradável. Como é um fanático de armas medievais, criou uma engenhoca parecida com um trabuco que tinha um alcance incrível. Quando o cruzador tentou afastar-nos, pregámos-lhe com um tiro no alvo, para nossa grande surpresa... e *deles* — fez uma pausa e, com um tempo cómico perfeito, declarou: — Não

há nada como atacar alguém com cascas de batatas, cascas de ovos e borras de café para o deixar estupefacto.

Rumorejaram gargalhadas no grupo.

A repórter da CNN perguntou: — Não fica preocupado por acções desse género poderem reforçar ainda mais a reputação dos *Sentinelas dos Mares* como um dos grupos ambientalistas e dos direitos dos animais mais radicais? A vossa organização não teve o mínimo problema em considerar a possibilidade de afundar baleeiros, bloquear cursos de água, aspergir com tinta crias de focas, perseguir os caçadores de focas, cortar redes sardinheiras de emalhar...

Ryan levantou a mão em protesto. — Tratava-se de baleeiros *pirata* e encontrávamo-nos em águas internacionais, quanto a outras coisas que referiu, podemos documentar a sua legalidade por terem a ver com acordos internacionais. Por outro lado, os *nosso*s navios têm sido atacados, a nossa gente gaseada, alvejada e presa de forma ilegal.

— O que tem a dizer às pessoas que vos consideram uma organização terrorista? — perguntou um repórter do *The Economist*.

— Pergunto-lhes o que pode haver de mais aterrador do que a chacinha a sangue frio de mil e quinhentas a duas mil baleias-piloto indefesas todos os anos? E deixem-me que lhes recorde que nunca ninguém foi ferido nem morto por uma intervenção da SOS — Ryan voltou a mostrar o seu sorriso radiante. — Vamos lá, minha gente, vocês conheceram as pessoas que andam neste barco — gesticulou na direcção de uma jovem atraente que se mantivera afastada dos outros a ouvir a conversa. — Digam-me lá, sinceramente, se esta senhora vos parece assustadora.

Therri Weld tinha uns 35 anos, era de estatura mediana, bem constituída e bem proporcionada. As calças de ganga desbotadas e a camisa aos quadrados que usava por baixo do anoraque largo pouco iludiam a sua figura atlética, mas decididamente feminina. Um boné de basebol da SOS tapava-lhe o cabelo acastanhado, cuja ondulação natural se tornara mais pronunciada com a humidade atmosférica, e os seus olhos gencianos eram atentos e perspicazes. Ela deu um passo em frente e dirigiu um sorriso luminoso aos profissionais da imprensa.

— Já conheço a maior parte de vocês — afirmou num tom de voz baixo, mas distinto. — Pois é, sabem que quando Marcus não me escraviza como marinheiro do convés, sou conselheira jurídica da SOS. Como Marcus disse, partimos para a acção directa apenas como último recurso. Recuámos depois do nosso último confronto nestas águas para realizarmos um boicote à pesca nas Faroé.

— Mas vocês ainda não acabaram com as *grinds* — disse a repórter da BBC para Ryan.

— Os *Sentinelas dos Mares* nunca subestimaram a dificuldade que teriam para pôr fim a uma tradição que remonta há centenas de anos — respondeu Ryan. — Os Faroenses conservam a obstinação dos seus antepassados vikings no que diz respeito às técnicas de sobrevivência. Não estão dispostos a ceder perante um bando de amiguinhos das baleias como nós. Mas, embora admire os Faroenses, considero a *grindarap* cruel e bárbara. Não é digno de um povo como os Islandeses. Eu sei que alguns de vocês nunca assistiram a uma *grind*. Alguém se importa de a resumir?

— É o raio de uma actividade sanguinária — admitiu o repórter da BBC. — Mas eu também não gosto da caça à raposa.

— Ao menos a caça à raposa tem a ver com o espírito desportivo — disse Ryan com o maxilar tenso. — A *grind* não é mais do que um *massacre*. Quando alguém vê um pequeno grupo de baleias-piloto, a sirene dispara e os barcos encaminham as baleias para a costa. Os locais — às vezes mulheres e crianças — aguardam-nas na praia. Bebem e fazem uma grande festa, onde todos se divertem, excepto as baleias. As pessoas espetam arpões nos espiráculos das baleias e puxam-nas para terra, onde lhes cortam as veias jugulares e as deixam esvair-se em sangue até à morte. A água fica vermelha com a sangria. Por vezes, vê-se gente a decepar os animais com serras enquanto ainda estão vivos!

Uma repórter loura quis saber. — Em que é que uma *grind* é diferente do abate de novilhos para se fazer bifes?

— Está a perguntar à pessoa errada — declarou Ryan. — Eu sou *vegetariano*. — Esperou que as gargalhadas esmorecessem. — No entanto, a sua pergunta faz todo o sentido. Podemos bem estar a proteger os Faroenses da sua própria acção. A carne das baleias-piloto está carregada de mercúrio e cádmio, o que prejudica seriamente a saúde dos seus filhos.

— Então, e se eles quiserem envenenar-se, a eles próprios e aos filhos — perguntou a repórter —, não é uma intolerância da SOS condenar as suas tradições?

— O combate de gladiadores e as execuções públicas também foram tradições noutras tempos. A civilização determinou que esses espectáculos selvagens não tinham lugar no mundo moderno. Infligir dor inútil a animais indefesos é exactamente a mesma coisa. Eles dizem que faz parte da tradição. Nós afirmamos que se trata de *assassinio*. Por isso é que estamos aqui de novo.

— Porque não continuam com o boicote? — perguntou o homem da BBC.

Therri respondeu à pergunta. — O boicote estava a revelar-se um recurso excessivamente moroso. Centenas de baleias-piloto continuam a ser mortas. Por isso tivemos de mudar de estratégia. A indústria petrolífera

quer explorar poços de petróleo nestas águas. Se fizermos publicidade muito negativa à caça à baleia-piloto, as companhias petrolíferas são capazes de recuar, e isso irá pressionar os ilhéus a porem fim à suas *grinds*.

— E também temos outros assuntos a tratar aqui — acrescentou Ryan. — Há uma multinacional de processamento de peixe cuja laboração vamos tentar interromper para demonstrar a nossa oposição aos efeitos nefastos da aquacultura.

O repórter da *Fox News* estava incrédulo. — Há *alguém* a quem vocês não estejam a pensar opor-se?

— Informe-me se tivermos deixado passar alguém — disse Ryan pronto a provocar gargalhadas.

O homem da BBC quis saber. — Até onde tencionam levar o vosso protesto?

— Até onde conseguirmos. Na nossa opinião, esta caça à baleia-piloto é ilegal segundo as leis internacionais. Vocês estão aqui como testemunhas. As coisas podem aquecer. Se alguém quiser sair agora, posso arranjar quem o leve para terra — prescudou os rostos que o rodeavam e sorriu. — Ninguém? Ótimo. Bem, então, espíritos corajosos vamos lá transgredir. Temos estado a seguir o rasto de diversos grupos de baleias-piloto. Estas águas aqui à volta estão cheias delas. Aquele jovem marinheiro de convés que vêem a acenar freneticamente deve ter alguma coisa a dizer-nos.

Um tripulante que se mantivera de vigia aproximou-se a correr. — Dois grupos estão a passar por Stremoy — anunciou. — O nosso observador na costa diz que a sirene já soou e os barcos começam a ser postos na água.

Ryan virou-se para os repórteres. — É provável que tentem encaminhar as baleias para a costa para o local da matança em Kivik. Vamos posicionar-nos entre os barcos e as baleias. Se não conseguirmos afastar o grupo de baleias, passamos à intercepção dos barcos.

A repórter da CNN apontou para o cruzador. — Isso não vai irritar aqueles indivíduos?

— Estou a *contar* com isso — disse Ryan com um sorriso ameaçador.

...

No alto da ponte do *Leif Eriksson*, um homem à civil espreitava para o *Sentinela dos Mares* através de uns binóculos potentes. — Santo Deus — murmurou Karl Becker a Eric Petersen, o capitão do navio —, aquele barco parece que foi pintado por um *louco*.

— Ah, então conhece o capitão Ryan — afirmou Petersen, com um sorriso vago.

— Só de nome. Parece ser aquilo a que os Americanos chamam um escudo inviolável. Nunca foi condenado pelas transgressões que cometeu. O que é que o senhor sabe acerca de Ryan, capitão?

— Em primeiro lugar, que ele não é louco. Está possuído por uma determinação quase fanática, mas todas as suas acções são calculadas. Até mesmo a artimanha das cores garridas com que pintou o barco foi calculada. Evita que opositores inesperados cometam erros... e fica bastante bem na televisão.

— Talvez conseguíssemos prendê-los por poluição visual marítima, capitão Petersen — opinou Becker.

— Desconfio que Ryan conseguisse encontrar um perito que lhe dissesse que o navio é uma obra de arte flutuante.

— Fico satisfeito por ver que conserva o sentido de humor apesar da humilhação sofrida por causa daquele barco no último encontro que teve com os *Sentinelas dos Mares*.

— Durou apenas alguns minutos a darmos umas mangueiradas para nos livrarmos do lixo que nos atiraram. O meu antecessor achou que era necessário responder ao ataque do lixo com balas.

Becker retraiu-se. — A última vez que soube dele, o capitão Olafsen ainda comandava uma secretária. A publicidade foi muitíssimo negativa. “Navio de Guerra Dinamarquês Ataca Barco Desarmado.” Títulos de primeira página a dizerem que a tripulação estava embriagada. Credo, que revés!

— Tendo estado ao serviço de Olafsen como seu primeiro imediato, tenho o maior respeito pela sua avaliação. O problema foi ele não ter indicações claras dos burocratas de Copenhaga.

— Burocratas como eu? — perguntou Becker.

O capitão respondeu com um sorriso tenso. — Eu sigo ordens. Os meus superiores disseram que o senhor vinha a bordo na qualidade de observador do departamento da marinha. Está aqui.

— Se eu estivesse no seu lugar, não queria um burocrata a bordo do meu navio. Mas garanto-lhe que não tenho a mínima autoridade para contrariar as suas ordens. Claro que irei pôr no relatório o que vir e ouvir, mas deixe-me que lhe lembre que se esta missão for um fracasso, a sua e a minha cabeça rolarão.

O capitão não soubera o que fazer a Becker a primeira vez que o acolhera a bordo do *Eriksson*. O oficial era baixo e moreno, e, com aqueles olhos grandes e turvos e o nariz comprido, parecia um corvo-marinho abatido. Peterson, por seu lado, encaixava no modelo típico de muitos homens dinamarqueses por ser alto, louro e de queixada quadrada.

— Mostrei-me relutante em tê-lo a bordo — confessou o capitão —,

mas os impetuosos implicados nesta situação podiam ter perdido o controlo das coisas. Fico satisfeito com a possibilidade de poder consultar alguém do governo.

Becker agradeceu ao capitão e aproveitou para saber. — O que é que o senhor acha desta questão do *grindarap*?

O capitão encolheu os ombros. — Tenho muitos amigos na ilha, que preferiam morrer a abrir mão dos seus costumes ancestrais. Dizem que é o que os faz serem quem são. Respeito os seus sentimentos. E o senhor?

— Eu sou um copenhaguense. Esta história das baleias parece-me uma enorme perda de tempo. Mas está aqui muito em jogo. O governo respeita os desejos dos ilhéus, mas o boicote prejudicou-lhes a pesca. Não queremos que as Faroé percam a sua fonte de subsistência de modo a tornarem-se um fardo para o Estado. Seria extremamente dispendioso. Já para não falar na perda de rendimentos para o nosso país se as companhias petrolíferas fossem convencidas a parar a exploração por causa dessa caça às baleias.

— Estou absolutamente convencido que esta situação tem algo de comédia de costumes. Todos os actores conhecem exactamente o papel que representam. Os ilhéus planearam este *grind* para desafiar a SOS e para terem a certeza que o Parlamento estava ciente das suas preocupações. Ryan tem sido igualmente verboso quando diz que não vai permitir que nada se interponha no seu caminho.

— E o senhor, capitão Petersen, sabe qual é o seu papel?

— Com certeza. Só não sei como é que esta comédia vai terminar.

Becker fez um resmungo como resposta.

— Deixe-me tranquilizá-lo — declarou o capitão —, a polícia das Faroé tem ordens para se manter na retaguarda. Em circunstância alguma deverei recorrer às armas de fogo. As minhas ordens devem ser no sentido de proteger os ilhéus do perigo. Posso fazer a minha avaliação pessoal sobre o modo como as coisas devem ser feitas. Se o *Sentinela dos Mares* se aproximar o suficiente para pôr em perigo os barcos mais pequenos, disponho de autoridade suficiente para *acotovelar* o navio da SOS e obrigá-lo a afastar-se. Dê-me licença, Sr. Becker. Vejo que o pano está prestes a subir.

Zarpando de diversos portos, os barcos de pesca acorriam a dirigir-se para uma zona agitada do oceano. Avançavam rapidamente de arções levantados e juntos a oscilar ao sabor da pequena ondulação. Os barcos convergiam para um local onde os dorsos pretos e luzidios de um grupo de baleias-piloto irrompiam à superfície. Repuxos em borriffo eram lançados dos espiráculos das baleias.

O *Sentinela dos Mares* também avançava direito às baleias. Petersen

deu ordens ao seu timoneiro, e o cruzador zarpou da posição de espera em que se mantivera.

Becker estivera a remoer nas últimas palavras de Petersen.

— Diga-me, capitão, quando é que uma “cotovelada” se transforma numa esporada?

— Quando eu quiser.

— Não existe uma linha muito ténue a separá-las?

Petersen ordenou ao seu timoneiro que aumentasse a velocidade e avançasse directamente para o *Sentinela dos Mares*. Depois, o capitão virou-se para Becker e mostrou-lhe um sorriso cruel.

— Estamos quase a descobri-la.

2

RYAN OBSERVOU O CRUZADOR A SAIR DO SEU CÍRCULO INDOLENTE E A DIRIGIR-SE para o navio da SOS. — Parece que finalmente Hamlet se decidiu — disse ele a Chuck Mercer, seu primeiro imediato, que estava ao leme do *Sentinela dos Mares*.

O *Sentinela dos Mares* estivera a tentar levar as baleias para o mar alto. O grupo era constituído por cerca de cinquenta baleias-piloto, e algumas das fêmeas estavam a ficar para trás para acompanharem as crias, retardando a tentativa de resgate. O navio da SOS ziguezagueou como uma vara solitária que tentasse cercar gado transviado, mas as baleias nervosas tornavam a tarefa quase impossível.

— Parece uma gataria — murmurou Ryan. Saiu para a extremidade da ponte a estibordo para avaliar a distância a que os baleeiros estavam do grupo dos animais. Nunca vira tantos ilhéus envolvidos num *grind*. Parecia que todo o porto das Faroé se esvaziara. Dezenas de barcos, dispostos lado a lado, desde traineiras comerciais até dórís abertos impulsionados por motores de fora de borda, avançavam a toda a velocidade vindo de diversas direcções para se juntarem à caçada. As águas escuras ficavam listadas com os seus rastos.

Therri Weld observava a armada a agrupar-se. — É admirável a teimosia deles — comentou.

Ryan também estava aterrado e concordou com um aceno de cabeça. — Agora já percebo o que Custer sentiu. Os Faroenses saem em massa em defesa das suas tradições sanguíneas.

— Isto não é uma explosão expontânea de sentimentos — declarou Therri. — Pela forma ordenada como se movimentam, está tudo planeado.

Mal tinha proferido estas palavras, como se fizessem parte de um sinal, a frota que avançava começou a separar-se num movimento mais meticoloso. Numa clássica manobra militar de flanqueamento, os barcos contornaram o navio de Ryan de modo a colocarem-se no lado do mar das baleias que avançavam devagar. Espalharam-se em linha, de frente para a costa, com as baleias-piloto entre eles e o *Sentinela dos Mares*. As extremidades da linha começaram a curvar aos poucos para dentro. As baleias agruparam-se ainda mais e encaminharam-se para terra.

Ryan teve medo de ferir as baleias em pânico ou quebrar as unidades familiares se o seu navio se mantivesse naquela posição. Relutante, ordenou ao timoneiro que retirasse o navio da rota da caçada.

Quando o *Sentinela dos Mares* se afastou, um sonoro coro de aclamações triunfantes soou entre os pescadores. A linha dos barcos começou a fechar-se em volta das baleias indefesas num abraço mortal. Os baleeiros avançavam, apertando a linha para dirigirem as suas presas para o campo de morte onde as aguçadas facas e arpões dos verdugos as aguardavam.

Ryan ordenou a Mercer que afastasse o *Sentinela dos Mares* para o alto mar.

— Desistes assim com tanta facilidade? — interpelou-o Mercer.

— Espera e verás — respondeu Ryan, com um sorriso enigmático.

O cruzador aproximou-se e colocou-se ao lado do *Sentinela dos Mares* como um polícia que escoltasse um espectador desordeiro para fora de um jogo de futebol, mas quando os barcos se encontravam a cerca de quinhentos metros das baleias, o navio escolta da marinha começou a ficar para trás. Ryan assumiu o controlo do leme, verificando amiúde a localização do cruzador. Quando os barcos se encontravam naquela que considerou ser a posição exacta, agarrou no telefone e ligou para a casa das máquinas.

— Avancem a toda a velocidade — ordenou.

O *Sentinela dos Mares* era um navio que se distinguiu pelo ruído surdo característico, tinha um grande balanceio e era elevado em ambas as extremidades, com uma silhueta que lembrava uma banheira antiga. O navio de pesquisa de movimentos lentos fora concebido sobretudo como uma plataforma estável da qual se lançariam ao mar redes e instrumentos submarinos. A primeira coisa que Ryan fizera depois de a SOS ter adquirido o barco num leilão fora equipar a casa das máquinas com potentes motores a diesel que conseguiam impulsioná-lo a velocidades mais respeitáveis.

Ryan virou o leme todo para a esquerda. O barco estremeceu com a torção ao mesmo tempo que descrevia um círculo num enorme arco de espuma esparrinhada e regressava à caça às baleias. Apanhado desprevenido,

o cruzador tentou segui-lo, mas o navio de guerra não conseguiu acompanhar a viragem apertada do *Sentinela dos Mares* e ficou para trás, perdendo preciosos segundos.

A caça às baleias avançara para menos dois quilómetros da costa quando o *Sentinela dos Mares* alcançou o grupo de baleias e a fila de vaqueiros. O navio da SOS fez uma viragem brusca, atravessando-se no redemoinho causado pelas hélices dos baleeiros. Ryan mantinha-se ao leme. Queria ser o único responsável no caso de alguma coisa correr mal. O seu plano para anular a caçada requeria um toque destro no leme. Demasiado depressa ou próximo demais, os baleeiros seriam virados e lançados para a água gelada. Manteve o navio a uma velocidade constante, usando os seus largos vaus para criar um rasto único que as baleias pudessem seguir. As ondas batiam nas popas dos barcos e saltavam para o seu interior. Alguns barcos conseguiam passar por cima das ondas e manter-se à tona da água, enquanto outros perdiam a marcha e rodopiavam numa tentativa desesperada para evitarem afundar-se.

A fila quebrou-se numa confusão desordenada, deixando enormes espaços abertos entre os barcos, como buracos numa fileira de dentes. Ryan voltou a rodar o leme e fez o *Sentinela dos Mares* dar outra volta apertada, colocando a bordada do navio junto às baleias da frente. Ao sentirem a presença do seu navio, estas afastaram-se dos baleeiros da frente e viraram na direcção contrária, começando a passar pelas aberturas feitas na linha de caçada.

Agora era a vez da tripulação do *Sentinela dos Mares* aplaudir, mas o júbilo durou pouco tempo. O cruzador, que se deslocava mais depressa, alcançara o barco da SOS e acompanhava-o apenas a noventa metros de distância, igualando a velocidade do *Sentinela dos Mares*, nó a nó. Uma voz a falar inglês crepitou pelo rádio.

— Fala o capitão Petersen do *Leif Eriksson*, que chama o navio da SOS *Sentinela dos Mares*.

Ryan levou o microfone à boca com um puxão. — Daqui capitão Ryan. O que posso fazer por si, capitão Petersen?

— Peço-lhe que leve o seu barco para o alto mar.

— Estamos a agir de acordo com a lei internacional — dirigiu a Therri um sorriso largo e torcido. — A minha consultora jurídica encontra-se aqui ao meu lado.

— Não tenciono debater os aspectos mais delicados da lei, nem consigo nem com os seus consultores, capitão Ryan. O senhor está a pôr em risco a vida de pescadores dinamarqueses. Tenho autoridade suficiente para recorrer à força. Se o senhor não se afastar imediatamente, faço o seu barco ir pelos ares.

A peça de artilharia montada na torre do convés junto à proa da fragata fora virada de modo a que o seu cano apontasse directamente para o *Sentinela dos Mares*.

— O senhor está a fazer um jogo perigoso — disse Ryan com uma calma deliberada. — Um disparo errado pode não nos atingir e afundar alguns daqueles pescadores que o senhor está a tentar proteger.

Petersen declarou: — Não creio que falhássemos a esta distância, mas pretendo evitar o derramamento de sangue. O senhor está a dar às televisões muita metragem. Muitas baleias-piloto já escaparam, e a caçada foi estragada. Já deixou claro o seu ponto de vista e não é bem-vindo aqui.

Ryan deu uma gargalhada abafada. — É um prazer lidar com um homem razoável, ao contrário do seu antecessor amante das armas. Pronto, eu saio do caminho, mas não saímos das águas das Faroé. Temos outro assunto a tratar.

— São livres de fazer o que entenderem, desde que não quebrem as nossas leis nem ponham outras pessoas em perigo.

Ryan deixou escapar um suspiro de alívio, sendo apenas aparente a sua serenidade, porque tinha consciência do perigo que os seus tripulantes e os profissionais da imprensa corriam. Voltou a devolver o leme ao primeiro imediato e deu ordens para que se afastassem da costa devagar. Uma vez fora da zona da caçada, o *Sentinela dos Mares* dirigiu-se para mar aberto. O plano de Ryan era ancorar o navio a poucos quilómetros da costa o tempo necessário para se preparar para o protesto contra a piscicultura.

Mais descansado pelo último movimento do *Sentinela dos Mares*, Petersen certificou-se de que o cruzador se mantinha ligeiramente atrás dele, pronto a interceptar o navio se aquele tentasse avançar.

Therri quebrou a tensão na ponte de comando. — O capitão Petersen nem sabe como escapou por um triz — declarou com um sorriso rasgado. — Um único tiro e tê-lo-ia arrastado para tribunal com uma penhora do barco.

— Tenho a impressão que ele estava com mais receio da nossa arma de lixo — comentou Ryan.

O regozijo deles foi interrompido pelos impropérios de Mercer.

Ryan perguntou: — O que é que se passa, Chuck?

— *Que raio*, Mark — Mercer estava de pé com as duas mãos postas no leme. — Deves ter avariado o leme quando o puxaste como se estivesses a conduzir um *Jet Ski* — franziu o sobrolho e depois recuou um passo. — Anda, experimenta.

Ryan tentou rodar o leme, que cedeu um centímetro para cada lado, mas parecia estar travado sem sair do mesmo sítio. Fez um pouco de pres-

são e depois desistiu. — Esta porcaria está travada — disse Ryan com um misto de irritação e perplexidade.

Ryan pegou no telefone, deu ordens à casa das máquinas para que parassem e voltou a dirigir a atenção para o leme. Em vez de abrandar, inexplicavelmente, o navio ganhou velocidade. Ryan praguejou e voltou a ligar para a casa das máquinas.

— O que é que se passa, Cal? — gritou. — Esses motores puseram-te definitivamente surdo? Eu disse *desliga* os motores, não *acelera-os*.

O engenheiro de Ryan, Cal Rumson, era um marinheiro de primeira categoria. — Que diabo, eu sei o que disseste — respondeu Cal. A frustração na sua voz era evidente. — Eu *reduzi* a velocidade, mas os motores parecem loucos. Os comandos parecem não estar a funcionar.

— Então, desliga-os — disse Ryan.

— Estou a tentar fazê-lo, mas os motores trabalham cada vez *mais depressa*.

— Continua a tentar, Cal.

Ryan bateu com o telefone no apoio. Aquilo era de loucos! O navio parecia ter vontade própria. Os olhos de Ryan varreram o mar à frente do navio. A boa notícia era que não havia nenhum navio nem nenhuma massa de terra no caminho. O pior que podia acontecer era ficarem sem combustível no meio do Atlântico. Ryan pegou no microfone do rádio para informar o cruzador da situação perigosa em que estavam, mas foi interrompido por um berro de Mercer.

— O leme está a virar!

Mercer tentava segurar o leme, que aos poucos ia rodando lentamente para a direita, fazendo com que o barco voltasse para trás direito ao cruzador. Ryan agarrou na cabeça do leme, depois, ele e Mercer tentaram trazer o barco de volta à sua rota. Reuniram todas as forças que conseguiram, mas o leme escapava-lhes das mãos transpiradas e o *Sentinela dos Mares* aproximava-se cada vez mais do navio de guerra.

O barco dinamarquês já se apercebera da mudança de rota, e uma voz familiar crepitou pelo rádio.

— Comunique, *Sentinela dos Mares*. Fala o capitão Petersen. Com que propósito alterou a sua rota?

— Estamos com problemas no governo do navio. O leme está travado e não conseguimos desligar os motores.

— Isso é impossível — disse Petersen.

— Venha dizer isso a este *barco*!

Houve uma pausa, depois, Petersen informou: — Vamos desviar-nos para lhe darmos espaço suficiente. Lançaremos um aviso a todos os navios que estiverem na sua rota.

— Obrigado. Parece que sempre vai conseguir o que queria quanto a deixarmos as Faroé.

O cruzador começou a sair da frente, mas antes que o barco dinamarquês conseguisse desviar-se, o *Sentinela dos Mares* fez uma viragem brusca e dirigiu-se para o lado exposto do cruzador como um míssil subaquático teleguiado.

Os marinheiros alinharam-se no convés do cruzador e acenaram freneticamente ao navio que avançava para que se acautelasse com a sua presença. Da buzina de boca, o cruzador emitiu apitos de aviso breves e rápidos, ao mesmo tempo que vozes esganiçadas gritavam pelo rádio em dinamarquês e inglês.

Ao ver que os barcos estavam a poucos segundos da colisão, os marinheiros fugiram para tentar salvar as próprias vidas.

Numa derradeira tentativa desesperada para impedir uma colisão inevitável, Ryan pôs todo o peso do seu corpo sobre o leme, e ainda estava pendurado nele quando o barco se comprimiu contra a parte lateral do cruzador. A aguçada proa do *Sentinela dos Mares* penetrou na couraça de aço do casco do navio de guerra como uma baioneta, depois deslocou-o com um horrível rangido de metal rasgado e retorcido.

O *Sentinela dos Mares* espojou-se no oceano como um boxer aturdido que tivesse acabado de receber uma potente direita no nariz. O cruzador debatia para se manter à tona, ao mesmo tempo que milhares de metros cúbicos de água entravam pela enorme fenda aberta no casco. Os tripulantes apressaram-se a subir para os botes salva-vidas e prepararam-se para os baixar para o mar gelado.

Com o impacto, Therri fora lançada ao ar e caíra de joelhos. Ryan ajudou-a a levantar-se, e ele e todos os que estavam na ponte de comando correram para o convés. Os profissionais de televisão em pânico, ao verem que agora faziam parte da história em vez de a cobrirem, tentaram chegar a alguém que lhes dissesse o que haviam de fazer. Alguns tinham equimoses e coxeavam.

Alguém gritava por auxílio, e tripulantes e profissionais da imprensa retiraram um corpo ensanguentado da amálgama de metal em que ficara a secção da proa atingida.

Ryan gritou ordens para abandonar o navio.

No meio de toda aquela gritaria e confusão, ninguém levantou os olhos para o helicóptero que revolteava bem acima dos navios. As pás do rotor principal rodaram várias vezes como um busardo faminto, depois partiu direito à costa.

3

AO LARGO DA COSTA NORTE DA RÚSSIA

A DOIS MIL E DUZENTOS QUILÓMETROS A SUDESTE DAS ILHAS FAROÉ, O navio de pesquisa hidrográfica, *William Beebe* estava fundeado nas gélidas águas do mar de Barents. As letras *NUMA*² estavam brasonadas no casco turquesa de setenta e seis metros de comprimento. Assim chamado em homenagem a um dos pioneiros da exploração marítima em alto mar, o *Beebe* estava bem equipado com possantes gruas e guinchos, capazes de guindar barcos inteiros do fundo dos oceanos.

Quatro tripulantes, vestidos com fatos estanques de neoprene estavam de pé no convés da popa de olhos cravados numa zona do oceano onde se via a superfície turva como um caldeirão borbulhante. A superfície foi ficando cada vez mais descorada e acumulou-se numa cúpula espumosa e branca, de cujas águas o veículo submersível de resgate *Lampreia Marinha* irrompeu como um monstro marinho mutante que viesse em busca de ar. Com a precisão de um grupo de assalto da marinha, a tripulação a postos empurrou um barco insuflável com motor fora de borda pela rampa da popa até à água, subiu a bordo e aproximou-se rapidamente do submersível espojado.

A equipa expedita prendeu um cabo de reboque ao veículo laranja vivo e um molinete a bordo do *Beebe* içou o submersível até estar por baixo do elevado braço, que se estendia em ângulo recto por cima da popa do

² Agência Nacional Subaquática e Marítima. No original *National Underwater and Marine Agency*. (N. da T.).

navio. Os cabos *Kevlar* foram fixos a cavilhas de olhal cravadas no pequeno convés do submersível. O motor do potente braço roncou e o submersível foi guindado do mar. À medida que balouçava suspenso pelos cabos, o *Lampreia Marinha* oferecia uma visão completa do seu feio casco cilíndrico e proa em acordeão estranhamente truncada.

O braço moveu-se lentamente por cima do convés e baixou o veículo numa cesta de salvamento de aço feita à medida, enquanto a tripulação do convés que aguardava encostava uma escada à cesta de salvamento. Depois, a escotilha colocada por cima da torre de comando baixa abriu-se, ressoando um som metálico nos seus gonzos. Kurt Austin pôs a cabeça de fora e pestanejou como uma toupeira. O seu cabelo cinzento azulado, quase platinado, brilhava sob a intensa luz metálica do céu carregado de nuvens.

Austin saudou a tripulação do convés com um aceno de mão, depois comprimiu os ombros largos para passar pela estreita escotilha, saiu e parou ao lado da torre de comando. Segundos depois, o seu colega Joe Zavala pôs a cabeça de fora ao ar fresco e entregou ao colega uma caixa de alumínio reluzente.

Austin atirou a caixa para um homem atarracado de meia-idade parado ao fundo da escada. O homem tinha vestida uma camisola de lã de gola alta, umas calças amarelas impermeáveis e um impermeável. Só o boné de marinheiro com viseira que tinha na cabeça o identificava como um elemento da marinha russa. Quando viu a caixa ser atirada, deixou escapar um grito de desespero. Apanhou o contentor, balançou-o por instantes e depois abraçou-o contra o peito.

Enquanto Austin e Zavala desciam a escada, o russo abriu a caixa e retirou um objecto embrulhado em papel e acolchoado numa espuma plástica protectora, depois desembulhou o papel e mostrou uma garrafa quadrada de uma bebida alcoólica. Segurando-a como um recém-nascido, resmoneou em russo.

Ao reparar nos olhares perplexos dos homens da NUMA, disse: — Peço desculpa, meus senhores. Estava a agradecer o facto de nem o contentor nem o conteúdo se terem danificado.

Austin olhou para o rótulo e fez uma careta. — Acabámos de mergulhar quase cem metros e entrámos num submarino para recuperar uma garrafa de vodca?

— Ah, não — respondeu Vlasov, remexendo no interior da caixa. — Três garrafas. O melhor vodca feito na Rússia. — Desembrulhou com cuidado os outros recipientes e deu um beijo repenicado em cada uma antes de voltar a depositá-las na caixa. — A jóia da Rússia é uma das melhores e a *Moskovska* é soberba. Gelada, a melhor é a *Charodei*.

Austin interrogou-se se alguma vez conseguiria compreender o espí-

rito russo. — Claro — disse ele, animado — afundar um submarino para manter a bebida fresca faz todo o sentido quando a questão é colocada nesses termos.

— O submarino era um velho navio da classe *Foxtrot* usado em treinos — disse Vlasov. — Não esteve ao serviço mais de trinta anos. — Mostrou a Austin um sorriso radiante. — Tem de admitir que foi *sua* a ideia de colocar objectos no submarino para testar a sua capacidade de os recuperar.

— *Mea culpa*. Naquele momento, não me pareceu ser uma má ideia.

Vlasov baixou a tampa da caixa. — Então, o vosso mergulho foi um sucesso?

— Retumbante — respondeu Zavala. — Tivemos alguns problemas técnicos, mas nada de importante.

— Então, temos de comemorar com um brinde — declarou Vlasov.

Austin inclinou-se para diante e tirou a caixa das mãos do russo. — Não há como o presente.

Foram buscar três copos de plástico ao vestíbulo da messe e dirigiram-se para a sala de espera. Vlasov abriu a garrafa de *Charodei* e despejou uma boa porção em cada copo. Levantou o seu para fazer um brinde. — Aos bravos homens que morreram no *Kursk*.

Vlasov engoliu a vodca como se estivesse a beber uma tisana. Austin bebericou a sua bebida. Sabia, por experiências anteriores, que os mafarricos estavam à espreita na forte aguardente russa.

— E brindamos também para que não se repita o que aconteceu com o *Kursk* — declarou Austin.

O naufrágio do *Kursk* fora um dos piores acidentes submarinos de que havia memória. Mais de cem tripulantes pereceram no ano 2000 quando o submarino *Oscar II*, que transportava mísseis cruzeiro, se afundou no mar de Barents depois de uma explosão no compartimento dos torpedos.

Vlasov declarou: — Com o seu submersível, nenhum jovem ao serviço do seu país, qualquer que fosse, teria uma morte tão horrível como aquela. Graças ao engenho da NUMA temos uma maneira de entrar numa embarcação afundada esteja ou não a escotilha de salvamento operacional ou acessível. As inovações que vocês conseguiram implementar neste veículo são revolucionárias.

— É muito simpático da sua parte, comandante Vlasov. Joe merece todos os créditos por ter limado algumas arestas, feito certos melhoramentos e ter acrescentado o velho e eficiente senso-comum americano.

— Agradeço o elogio, mas roubei a ideia à Mãe Natureza — confesou Zavala com a modéstia que lhe era peculiar. Formado em engenharia marítima pelo New York Maritime College, Zavala tinha uma articulação mental mecânica brilhante. Fora recrutado pelo director da NUMA, James

Sandecker, logo depois de terminar o curso, e, além das suas obrigações na Equipa de Missões Especiais, liderada por Austin, desenhava diversos veículos subaquáticos tripulados e sem tripulação.

— Que disparate! — exclamou Vlasov. — Vai um longo caminho desde a lampreia até ao seu submersível.

— O princípio é o mesmo — disse Zavala. — As lampreias são criaturas extremamente engenhosas. Elas apanham um peixe em movimento, enterram o anel de dentes na pele da presa e sugam-lhe o sangue. Nós usamos a sucção e resinas em vez de dentes. O principal problema era vir à superfície com um tampão flexível e estanque adaptável a qualquer superfície e que nos permitisse fazer o corte. Recorrendo aos computadores e a materiais da era espacial, conseguimos arranjar uma solução bastante eficaz.

Vlasov voltou a levantar o seu copo de vodca. — Seguro na minha mão a prova da sua capacidade inventiva. Quando é que o *Lampreia Mariinha* está completamente operacional?

— Em breve — disse Zavala. — Espero.

— Quanto mais cedo melhor. Tremo só de pensar na possibilidade de acidentes desses acontecerem. Os soviéticos constroem barcos magníficos, mas os meus compatriotas sempre se vergaram ao gigantismo e descuidaram a qualidade — Vlasov bebeu o resto da sua bebida e levantou-se da cadeira. — Agora tenho de voltar à minha cabina para preparar um relatório que tenho de enviar aos meus superiores. Ficarão muito satisfeitos. Estou-vos grato por todo o trabalho árduo que fizeram. Agradecerei pessoalmente ao almirante Sandecker.

Assim que Vlasov saiu, um dos oficiais do navio entrou na sala e disse a Austin que tinha uma chamada telefónica. Austin atendeu o telefone, escutou por instantes, fez algumas perguntas e depois pediu: — Espere aí. Já lhe ligo.

Desligou e informou o colega. — É da NATO, do gabinete de acidentes submarinos do Atlântico Leste. Precisam da nossa ajuda numa missão de resgate.

— Alguém perdeu um submarino? — perguntou Zavala.

— Um cruzador dinamarquês afundou-se ao largo das Ilhas Faroé, e alguns membros da tripulação estão presos lá dentro. Parece que ainda estão vivos. Os suecos e os britânicos já estão a caminho, mas o cruzador não tem escotilha de salvamento. Os dinamarqueses precisam de alguém que consiga atravessar o casco e tirar os tipos lá de dentro. Souberam que andávamos aqui a fazer testes de mergulho.

— Quanto tempo temos?

— Algumas horas, pelo que me disseram.

Zavala abanou a cabeça. — As Faroé devem ficar a mais de mil e

novecentos quilómetros daqui. O *Beebe* é um navio rápido para o tamanho que tem, mas tinha de ter asas para lá chegar a tempo.

Austin reflectiu por instantes e depois exclamou: — És um génio!

— Fico satisfeito por finalmente o reconheceres. Importas-te de me dizer como chegaste a essa conclusão? Só em tipos que quisessem pagar-me uma bebida no bar formavam uma fila imensa.

— Antes de mais, diz-me se o *Lampreia Marinha* está em condições de ser usado numa operação de salvamento real. Notei em ti uma pontinha de dúvida quando Vlasov perguntou quando estaria efectivamente pronto.

— Nós, funcionários públicos, comprometemo-nos a ser muito cautelosos quando assinamos o contrato — afirmou Zavala.

— Já deves ter passado essa fase há algum tempo. Então?

Zavala reflectiu sobre a pergunta por breves instantes. — Viste como ele se comportou na subida.

— Claro, como um touro brama, mas trouxemo-lo sem problemas. Pagavas uma nota preta por uma volta como aquela no Disneyworld.

Zavala abanou a cabeça devagar. — Tens um talento especial para, de uma forma descontraída, colocares a possibilidade de uma morte horrível.

— O meu desejo de morrer não é maior do que o teu. Disseste que o *Lampreia Marinha* tem uma construção semelhante a um anexo de tijolo.

— Pronto, estava a meter-me contigo. Em termos de estrutura, é muitíssimo sólido. Em termos operacionais, podia ser melhor.

— Equitativamente, qual é a percentagem dos aspectos positivos numa missão de sucesso?

— Cerca de cinquenta por cento. Posso ataviar alguns remendos para aumentar as vantagens um pouco mais a nosso favor.

— Não estou a pressionar-te, Joe.

— Não precisas de o fazer. Não conseguiria dormir descansado se não tentássemos ajudar esses tipos. Mas ainda temos de fazer chegar o submersível a esse cruzador dinamarquês. Já pensaste nisso, não foi, minha raposa matreira? — disse Zavala ao reparar no sorriso rasgado de Austin.

— Talvez — respondeu Austin. — Há certos pormenores que tenho de ultimar com Vlasov.

— Visto que estou prestes a arriscar a minha vida num típico esquema Austin a agir sob o impulso do momento, será que podes dizer-me o que estás a cozinhar aí debaixo desse teu cabelo prematuramente grisalho?

— Com todo o gosto — respondeu Austin. — Lembras-te do que Vlasov disse acerca do gigantismo soviético?

— Sim, e...

— Pensa em *grande* — disse Austin, dirigindo-se para a porta. — Pensa *mesmo* em grande.

4

KARL BECKER CAMINHAVA IMPACIENTE DE UM LADO PARA O OUTRO DO convés do navio de pesquisa dinamarquês *Tor*. De ombros arqueados e mãos enfiadas nos bolsos do enorme casaco, o burocrata da marinha parecia um grande pássaro sem asas. Becker usava diversas camadas de roupa, mas tremia à medida que os seus pensamentos recuavam até à colisão. Fora empurrado para dentro de um bote de salvamento, acabando por ser atirado para dentro da água gelada quando a sobrecarregada embarcação se virara de quilha para o ar durante a descida. Se um arrastão faroense não tivesse posto o seu corpo semiconsciente a salvo, resgatando-o, teria morrido em poucos minutos.

Parou para acender um cigarro, cobrindo a chama com uma mão fechada em concha e curvando-se sobre a amurada. Quando fitou com tristeza a esfera vermelha de plástico que marcava a sepultura do cruzador afundado ouviu chamarem pelo seu nome. O capitão do *Tor*, Nils Larsen, atravessava o convés em passadas largas direito a ele.

— Onde estão o raio desses americanos? — resmungou Becker.

— Boas notícias. Acabaram de ligar — disse o capitão. — Contam estar aqui dentro de cinco minutos.

— Já não era sem *tempo* — disse Becker.

Tal como os seus colegas do *Leif Eriksson*, o capitão Larsen era alto e louro com um perfil escarpado. — Com toda a justiça — disse ele —, só há poucas horas é que o cruzador foi ao fundo. A equipa de resgate da NATO precisava no mínimo de *setenta e duas* horas para pôr aqui um navio-mãe

com tripulação e um veículo de salvamento a postos. As pessoas da NUMA fizeram das tripas coração para estarem aqui em oito horas. Merecem alguma folga.

— Eu sei, eu *sei* — concordou Becker, mais com desespero na voz do que com irritação. — Não quero parecer ingrato, mas todos os minutos contam. — Com um ruído seco e chicoteado dos dedos vergastou a beata para o mar e enfiou as mãos ainda mais fundo nos bolsos. — É pena a Dinamarca já não ter a pena de morte — arremessou, exasperado. — Gostava de ver todo esse bando de assassinos da SOS pendurado na extremidade de uma corda.

— Tem a certeza que eles o abalroaram de propósito?

— Não tenho a mínima dúvida! Eles mudaram a rota e vieram direitos a nós. *Pum!* Parecia um torpedo. — Lançou um olhar rápido ao relógio. — Tem a certeza que os americanos disseram cinco minutos? Não vejo barco nenhum a aproximar-se.

— É estranho — observou o capitão. Levantou os binóculos e perscrutou o horizonte. — Também não vejo barco nenhum. — Ao ouvir um barulho, apontou as lentes para o céu nublado. — Espere. Está um helicóptero a dirigir-se para cá, e vem muito depressa.

A espécie de ponto negro depressa aumentou de tamanho, destacando-se do céu coberto de nuvens cinzentas-de-ardósia, e pouco depois já era audível o matraquear das pás dos rotores. A aeronave dirigiu-se de imediato para o *Tor* e pairou sobre o navio apenas um pouco acima do mastro, depois virou, inclinando-se para o lado de dentro e descreveu um círculo largo em volta do navio de pesquisa. As grandes letras *NUMA* eram claramente visíveis na parte lateral do *Bell 212* turquesa.

O primeiro imediato do navio atravessou o convés a correr direito ao capitão e apontou para as hélices rotativas. — São os americanos. Estão a pedir autorização para aterrar.

O capitão respondeu afirmativamente, e a tripulação retransmitiu o consentimento através de um roufenho rádio portátil. O helicóptero iniciou a descida, depois ficou suspenso alguns instantes por cima do convés da popa e, por fim, desceu devagar fazendo uma aterragem suave exactamente no centro do círculo branco que marcava a pista dos helicópteros.

A porta abriu-se, e dois homens apareceram sob as pás rotativas e atravessaram o convés. Como político, Becker era um perspicaz observador de pessoas. Os homens moviam-se com uma desenvoltura descontraída, que já conhecera noutros americanos, mas o seu passo largo e determinado e a maneira como se comportavam denotavam um ar de confiança suprema.

O homem de ombros largos que seguia à frente tinha pouco mais

de um metro e oitenta de altura e pesava cerca de noventa quilos, calculou Becker. Tinha o cabelo grisalho, mas à medida que se aproximava, Becker reparou que era novo, andando pelos quarenta anos. O seu companheiro de aspecto moreno era um pouco mais baixo, jovem e magro. Caminhava com a graciosidade pantélica de um pugilista; não teria surpreendido Becker se soubesse que aquele homem financiara os seus próprios estudos na escola de combate como peso médio. Os seus movimentos eram descontraídos, mas com a energia própria de um esquivo serpenteante.

O capitão deu um passo em frente para cumprimentar os americanos. — Bem-vindos ao *Tor* — disse.

— Obrigado. Eu sou Kurt Austin da Agência Nacional Subaquática e Marítima — disse o homem possante que parecia capaz de atravessar uma parede. — E este é o meu colega, Joe Zavala. — Cumprimentou o capitão com um aperto de mão e depois Becker que quase ficou com lágrimas nos olhos com o aperto de mão esmagador. Zavala pulverizou os ossos que Austin não fora capaz.

— Conseguiram chegar depressa — comentou o capitão.

— Estamos alguns minutos atrasados em relação ao previsto — disse Austin. — A logística foi um pouco complicada.

— Não faz mal. Ainda bem que vieram! — respondeu Becker, esfregando a mão. Olhou de relance na direcção do helicóptero. — Onde está a equipa de salvamento?

Austin e Zavala trocaram olhares rápidos e divertidos. — Está a *olhar* para ela — respondeu Austin.

O espanto de Becker deu lugar a uma fúria mal contida. Rodou o corpo sobre si mesmo para encarar o capitão. — Como é que alguma vez estes dois... *cavalheiros* vão resgatar o capitão Petersen e os homens dele?

O capitão Larsen interrogava-se sobre o mesmo, mas mostrava-se mais reservado. — Sugiro que lhes pergunte — respondeu com evidente constrangimento diante da explosão de Becker.

— *Então?* — perguntou Becker, fitando primeiro Austin e depois Zavala.

Becker não podia saber que os dois homens que tinham saído do helicóptero equivaliam a um barco cheio de socorristas. Nascido em Seattle, Austin fora criado no mar e em zonas costeiras, não sendo isso surpreendente, porque o seu pai era proprietário de uma empresa de resgates marítimos. Ainda estudante, enquanto fazia o mestrado em gestão de sistemas na Universidade de Washington, também frequentara uma escola de mergulho de Seattle altamente conceituada, onde obtivera formação especializada em diversas áreas. Aplicara os conhecimentos adquiridos trabalhando em plataformas petrolíferas no Mar do Norte, trabalhara algum tempo na

empresa do próprio pai e depois fora contratado pela CIA para dirigir o serviço de informações subaquáticas. No final da Guerra Fria, fora contratado por Sandecker para liderar uma Equipa de Missões Especiais.

Zavala era filho de mexicanos que tinham passado a vau o Rio Grande e se haviam instalado em Santa Fé. O seu génio mecânico manchado de óleo tornara-se lendário nos corredores da NUMA, porque conseguia reparar, modificar ou recuperar qualquer tipo de motor alguma vez construído. Passara milhares de horas a pilotar helicópteros, pequenos jactos e aeronaves a turbo-hélice. A sua entrada para a equipa de Austin provara ser uma parceria feliz. Muitas das suas missões nunca seriam do conhecimento público, mas a camaradagem espirituosa que existia entre ambos diante do perigo dissimulava uma determinação férrea e uma competência por poucos rivalizada.

Tranquilamente, Austin olhou para Becker com uns olhos azuis-esverdeados penetrantes como corais submarinos. Não foi indiferente à situação difícil de Becker, mas deflectiu a ira do dinamarquês com um sorriso rasgado. — Desculpe ter sido irreflectido. Devia ter explicado imediatamente que o veículo de resgate vem a caminho.

— Deve cá estar dentro de uma hora — acrescentou Zavala.

— Entretanto, temos muita coisa para fazer — declarou Austin. Viu-se para o capitão. — Preciso de ajuda para descarregar do helicóptero uma peça do equipamento. Pode arranjar-me alguns homens de ombros fortes?

— Sim, com certeza — o capitão sentia-se aliviado por finalmente poder fazer alguma coisa. Movendo-se com uma eficiência decidida, ordenou ao primeiro imediato que tratasse de todos os pormenores necessários.

Sob as indicações de Austin, os tripulantes façanheiros levantaram uma grande caixa de madeira do porão do helicóptero e colocaram-na no convés. Usando um pé-de-cabra do helicóptero, Austin levantou a tampa da caixa e espreitou para o seu interior. Depois de uma avaliação rápida, declarou: — Parece que está tudo em ordem. Quais são as últimas informações sobre a situação?

O capitão Larsen apontou para a bóia balouçante que marcava o local onde o cruzador estava afundado. Austin e Zavala escutaram Larsen atentamente, enquanto fazia um breve resumo da colisão e do naufrágio.

— Não faz sentido — disse Austin. — Por aquilo que diz, eles tinham imenso mar.

— Também o *Andrea Doria* e o *Stockholm* — observou Zavala, referindo-se às desastrosas colisões marítimas ao largo de Nantucket.

Becker murmurou qualquer coisa acerca de uns criminosos da SOS, mas Austin ignorou-o e concentrou-se na questão que tinha em

mãos. — O que o faz ter tanta certeza que o capitão e os seus homens ainda estão vivos?

— Estávamos aqui próximo a fazer a avaliação de uma população de baleias quando recebemos o pedido de auxílio — informou Larsen. — Lançámos um hidrofone por cima do local e captámos o som de alguém a enviar um pedido de socorro por morse com pancadas no casco. Infelizmente, só conseguimos captar mensagens e não enviar. Percebemos, no entanto, que lá estão treze homens, incluindo o capitão Petersen, presos numa bolsa de ar nas camaratas da frente. O ar estava viciado e começavam a sentir os primeiros sinais de hipotermia.

— Quando foi a última vez que os ouviu?

— Há cerca de duas horas. Foi no essencial a mesma mensagem, só que as pancadas se tinham tornado muito mais indistintas. Por fim, não paravam de repetir a mesma palavra.

— Qual?

— *Desesperados*.

Foi Austin que rompeu o silêncio lúgubre que se seguiu. — Pediram mais algum equipamento capaz de ir até ao navio?

— A Guarda Costeira das Faroé chamou a base da NATO instalada em Stremoy. Eles contactaram a rede de resgate submarino da NATO poucos minutos depois de o cruzador se ter afundado. Aqueles navios que vê ali adiante são sobretudo de países escandinavos. Temos estado a actuar como o navio-mãe interino. Um navio sueco está a chegar com um veículo de resgate, mas, tal como os outros, é inútil numa situação como esta por estar preparado para resgatar homens através de uma escotilha de salvamento submarina. Conseguimos determinar com extrema precisão a localização do cruzador a setenta e nove mil duzentos e cinquenta metros de profundidade, mas, para além disso e apesar de toda a nossa capacidade técnica, tornamo-nos meros espectadores diante de um desastre deste género.

— Não forçosamente — disse Austin.

— Então, acha que pode dar uma ajuda? — perguntou Becker com uma expressão suplicante.

— Talvez — disse Austin. — Podemos falar com maior certeza depois de vermos com o que nos deparamos.

Becker pediu desculpa pela brusquidão inicial. — Desculpe ter perdido as estribeiras. Agradecemos-lhes terem-se disponibilizado para nos ajudar. É que eu tenho uma dívida de gratidão especial para com o capitão Petersen. Depois de sermos atingidos e não haver dúvidas de que o cruzador ia ao fundo numa questão de minutos, ele certificou-se de que eu tinha lugar num bote salva-vidas. Quando soube que ainda havia outros que es-

tavam lá em baixo, correu a ajudá-los e devem lá ter ficado presos quando o navio se afundou.

— É um indivíduo corajoso. Mais uma razão para os salvar, a ele e à tripulação — disse Austin. — Faz alguma ideia da posição em que o navio está lá em baixo?

— Sim, claro. Acompanhem-me — pediu o capitão. Indicou o caminho até um laboratório electrónico situado fora do convés principal. A sala estava equipada com monitores de computador usados para projecções de imagens captadas por sensores remotos. — Esta é uma imagem de sonar de alta resolução do *Leif Eriksson* — disse, indicando a imagem projectada no grande monitor. — Como podem ver, está pousado num recanto estreito de um talude. Os aposentos da tripulação são aqui, um convés abaixo da zona da messe, próximo da proa. Claro que o ar ficou acumulado aqui — com o cursor desenhou um círculo numa secção do casco. — Será um milagre ainda estarem vivos.

— É um milagre poderem desejar que isto nunca tivesse acontecido — observou Becker, sorumbático.

— Fale-nos desse compartimento.

— É bastante amplo. Existem beliches para duas dúzias de tripulantes. Entra-se nele por um único corredor estreito que atravessa o salão da messe. Também há uma escotilha de emergência.

— Vamos precisar de pormenores específicos acerca da camarata, em particular, sobre a localização de canos, condutas e estruturas de apoio.

O capitão entregou-lhes uma pasta. — O departamento da marinha enviou-nos por fax este material, prevendo uma tentativa de resgate. Creio que encontrarão aí tudo o que precisam. Caso contrário, podemos arranjá-lo rapidamente.

Austin e Zavala estudaram as plantas e os esboços esquemáticos do navio e depois voltaram à imagem do sonar. — Conseguimos saber tanto através da imagem — acabou por dizer Austin. — É capaz de ter chegado a altura de ir dar um mergulho.

— Ainda bem que trouxeste o fato-de-banho — observou Zavala.

— É o novo modelo da *Michelin*. Garante o sucesso absoluto com as mulheres.

Becker e o capitão questionaram-se se teriam dado com dois loucos. Trocaram olhares confusos e depois apressaram-se a seguir os homens da NUMA. Enquanto Zavala delineava a sua estratégia ao capitão Larsen e a Becker, Austin dava indicações aos quatro tripulantes bem constituídos que deslocavam a caixa até estar por baixo de uma longarina. Soltaram o cabo da grua e em seguida Austin prendeu-o a algo que estava no interior da grande caixa e fez sinal para que começassem a içá-lo.

A figura de um amarelo vivo que subiu do interior da caixa tinha pouco mais de dois metros de altura e parecia um *robot* num filme de ficção científica dos anos 50. Os moldes dos braços e das pernas em alumínio eram tão protuberantes como os do Homem da *Michelin*, e o capacete lembrava um bocal de tamanho descomunal. Os braços terminavam em pinças como as de um insecto. Quatro pequenas joeiras protegidas por invólucros circulares projectavam-se dos cotovelos e da parte posterior dos braços.

Austin roçou os nós dos dedos na mochila presa às costas da figura. — Este é o último grito em tecnologia *Hardsuit*. Este modelo consegue operar em profundidades de seiscentos e dez metros durante mais de seis horas, portanto, tenho muito tempo. Posso pedir emprestada uma escada pequena? Também vou precisar de uma equipa de tripulantes experientes na água.

O capitão ordenou ao primeiro imediato que pusesse os tripulantes a postos. Austin despiu o impermeável, vestiu uma camisola de lã grossa por cima da camisola de gola alta e enterrou um gorro preto na cabeça por cima das orelhas. O fato dividia-se em duas partes ao nível da cintura. Austin subiu a escada e fez deslizar o corpo para dentro da parte de baixo. Depois, a secção superior foi presa àquela, o cabo de suspensão foi fixado e a longarina levantou-o devagar do convés.

Usando o intercomunicador do fato, regulado para a mesma frequência dos receptores-transmissores portáteis do navio, pediu para que o parassem quando se encontrava a poucos metros do convés. Moveu os braços e as pernas, auxiliado por dezasseis articulações rotativas de compensação hidráulica. Depois, experimentou os manípulos de orientação manual localizados na extremidade de cada mão. Por fim, experimentou os comandos dos pés e escutou o zumbido dos propulsores verticais e horizontais.

— Todos os sistemas estão a funcionar — confirmou Austin.

O fato de mergulho atmosférico, ou ADS, fora concebido para proteger os mergulhadores das elevadas pressões oceânicas, ao mesmo tempo que lhes permitia executar tarefas de relativa minúcia. Apesar da sua forma humanóide, o *Hardsuit* era considerado um veículo e o mergulhador o seu piloto.

Com Zavala a supervisionar a operação, a longarina rodopiou sobre a água. Austin oscilou para trás e para diante como um iô-iô na extremidade do próprio cordel. Ao ver que a tripulação da lancha já estava na água, ordenou: — Desçam mais.

O cabo foi afrouxado e Austin pareceu mergulhar num poço fundo, ao mesmo tempo que começava a aparecer espuma verde por cima do seu capacete. Os tripulantes da lancha soltaram o cabo de fixação, e Austin afundou-se como uma pedra várias braças até ajustar o fato à flutuação

neutra. Depois, manuseou os propulsores, movendo-os para cima, para baixo, para trás e para diante, e, finalmente, fê-los rodar sobre o próprio eixo. Olhou uma última vez para a superfície desbotada que tremeluzia por cima dele, acendeu as luzes da secção do tronco, pressionou a manípulo de controlo vertical e iniciou a descida.

5

IGNORANDO ESTES ACONTECIMENTOS QUE DECORRIAM A MAIS DE SESSENTA metros acima da sua cabeça, o capitão Petersen estava deitado na sua tarimba a fitar a escuridão, interrogando-se se iria morrer gelado ou sufocar primeiro com a falta de oxigénio. Era um exercício puramente intelectual, porque não fazia a mínima ideia de como seria o seu fim. Desejava apenas que fosse rápido.

O frio consumira-lhe a maior parte da energia. Cada inspiração era dificultada pelo dióxido de carbono que ele e a tripulação exalavam e que tornava o ar cada vez menos capaz de os manter vivos. O capitão caía aos poucos no estado comatoso subsequente ao declínio da vontade de viver, sentindo-se como se estivesse numa vazante. Já nem os pensamentos relacionados com a mulher e os filhos conseguiam fazê-lo resistir.

Desejava chegar ao estado do entorpecimento que pudesse abafar-lhe a dor e o sofrimento, mas o seu corpo ainda albergava alguma vida capaz de lhe alimentar a infelicidade. Os pulmões torturados lançavam-no num acesso de tosse que lhe desencadeava um latejo no braço esquerdo, partido ao ser lançado de encontro a um tabique do porão. Era uma fractura simples, mas a dor era intensa. Os gemidos dos seus tripulantes lembravam a Petersen que não estava sozinho no seu infortúnio.

Como já fizera dezenas de vezes, o capitão reviveu uma vez mais a colisão, tentando perceber se teria sido possível evitá-la. Fizera tudo o que devia. Fora evitado um confronto directo e o *Sentinela dos Mares* estava a ser escoltado para o mar alto. Depois, sem qualquer aviso, aquele barco lu-

nático e garrido como um veículo circense alterara a rota e avançara a toda a velocidade para o lado exposto do cruzador.

A sua ordem enérgica para se desviar fora dada tarde de mais. O barulho suplicador do aço a rasgar indicara-lhe que o rombo era fatal. A sua experiência naval fora imediatamente posta à prova, portanto, dera a ordem de abandono do navio e estava a supervisionar a descida das botes salva-vidas quando um marinheiro apareceu a dizer que estavam homens feridos no convés inferior. Petersen nem hesitara. Deixara a supervisão dos botes salva-vidas entregue ao primeiro imediato e correrá em auxílio dos seus homens.

O vigia estava a dormir no momento em que o *Leif Eriksson* fora atingido. A proa do *Sentinela dos Mares* penetrara no casco atrás das camaratas, poupando aos tripulantes uma morte imediata, mas ferindo alguns homens. Petersen entrara de rompante no salão da messe, depois quase caíra na passagem do convés para as camaratas e vira que os feridos estavam a ser ajudados pelos companheiros.

— Abandonem o navio! — ordenou-lhes. — Formem padiolas humanas.

O navio afundava-se de popa com o peso da água que entrava a rodos pelo rombo escancarado. A água inundou o salão da messe, depois entrou pela escotilha aberta para as camaratas, anulando qualquer possibilidade de fuga. Petersen subiu até meio das escadas, fechou a escotilha com um puxão violento e rodou o manípulo para a fechar hermeticamente. Então, o navio foi-se deslocando aos solavancos enquanto descia, e ele foi atirado de encontro ao tabique do porão e perdeu os sentidos.

Fora um acidente afortunado porque desse modo não tivera de ouvir os horríveis vagidos e estrépitos emitidos pelo navio durante o seu mergulho fatal até ao fundo. E o seu corpo flácido não sofreria outros ferimentos quando, instantes depois, o cruzador batera ruidosamente no lodo macio do fundo. Ainda assim, quando o capitão acordou na camarata escura, ouviu um barulho ainda mais horrível, os gritos dos seus homens. Pouco depois de recuperar a consciência, um raio de luz penetrou na escuridão e revelou-lhe rostos pálidos e ensanguentados entre beliches retorcidos e cofres de bordo. O cozinheiro do navio, um homem baixo e redondo, chamado Lars, chamou o capitão pelo nome.

— Estou aqui — murmurou Petersen.

A luz trémula veio na sua direcção. Lars rastejou devagar até junto de Petersen a segurar uma lâmpada eléctrica portátil.

— Está bem, Lars? — perguntou-lhe o capitão.

— Uns quantos inchaços e nódoas negras. A gordura protegeu-me. E o senhor, como está?

Petersen conseguiu dar uma gargalhada cava. — Não tive tanta sorte. Parti o braço esquerdo.

— O que aconteceu, capitão? Eu estava a dormir.

— Um barco abalroou-nos.

— Chiça! — exclamou Lars. — Estava a ter um sonho magnífico com coisas boas para comer quando fui atirado para fora do beliche. Não esperava vê-lo aqui em baixo, capitão.

— Um homem da tripulação disse que vocês estavam em apuros. Vim cá abaixo ajudar-vos — levantou-se com esforço. — Não dou uma grande ajuda aqui sentado. Pode dar-me aí uma mão?

Improvisaram uma tala com o cinto do capitão e percorreram todo o compartimento. Com a ajuda de alguns homens que não tinham ficado muito feridos, tentaram pôr os menos afortunados em posições mais confortáveis. O frio húmido e penetrante era o maior perigo imediato. «Podemos ganhar tempo», pensou Petersen. A camarata tinha uma reserva de fatos de imersão usados para os proteger da água fria se o navio se afundasse.

Demoraram algum tempo a trazer os fatos, espalhados que estavam pela camarata em sacos. Depois, vestiram-nos aos feridos. Calçaram as luvas e enfiaram os capuzes. Em seguida, agarraram em roupa e cobertores ainda espalhados por ali e embrulharam-se em diversas camadas.

Com o frio temporariamente controlado, Petersen concentrou os seus esforços no problema do ar. Um dos cacifos de alumínio tinha dispositivos respiratórios que deviam ser usados em caso de incêndio ou de outra emergência. Foram então distribuídos por todos. Também eles os ajudariam a ganhar tempo. Petersen optou por usarem primeiro as garrafas de oxigénio por terem o ar mais puro que o do compartimento, que começava a deixar os homens nauseados.

Petersen constituiu equipas encarregues das batidas leves no casco à semelhança do que faziam os oficiais que se encontravam entre os prisioneiros de guerra e atribuíam funções para manter o moral elevado. Revendo-se com frequência na tarefa de darem pancadas leves e secas com uma chave inglesa no casco, os homens lançavam repetidos pedidos de socorro. À medida que sucessivamente os homens se iam cansando da tarefa, Petersen ia continuando a bater, embora não estivesse bem certo do que o levava a fazê-lo. Cansado do simples SOS, começou a enviar outras mensagens que descreviam a situação difícil em que se encontravam. Por fim, cansado, batia no tabique do porão apenas quando as forças lho permitiam, tornando as pancadas já muito espaçadas. Depois, parou definitivamente. Os seus pensamentos desviaram-se do resgate, fechou os olhos e voltou a pensar na morte.

Usando a bóia marcadora como guia, Austin mergulhou primeiro de pés e um pouco inclinado para a frente, como um antigo mergulhador de escafandro que descesse preso à extremidade de um tubo de ar invisível. Raios de luz coloridos e oscilantes lancetavam as águas como raios de sol que atravessassem os vidros coloridos de uma janela. À medida que Austin descia mais ainda, a água parecia absorver as cores, e, de repente, a penumbra transformou-se em noite violeta.

As potentes lâmpadas de halogénio instaladas na parte dianteira do *Hardsuit* captaram outeiros níveis de vegetação marinha e cardumes nervosos que fugiam dos seus feixes de luz, mas, pouco depois, Austin caía para níveis agrostídeos, onde viviam apenas os peixes mais robustos. Aos dezoito metros de profundidade, as suas luzes captaram os mastros e as antenas do cruzador e, em seguida, materializaram-se os fantasmagóricos contornos do navio.

Austin pressionou os propulsores verticais e abrandou a marcha até parar ao nível do convés. Depois, os propulsores horizontais zumbiram, e começou a deslocar-se ao longo do casco, contornou a popa e regressou à proa. O navio encontrava-se na mesma posição em que aparecia na imagem de sonar, ligeiramente inclinado sobre um talude, com a proa mais elevada do que a popa. Estudou o navio com a atenção de um médico legista que inspecionasse o corpo autopsiado de uma vítima assassinada, prestando particular atenção ao rombo triangular na parte lateral. Nenhum navio conseguiria sobreviver a semelhante ferida de uma baioneta gigante.

Vendo apenas metal retorcido para lá da abertura denticulada, dirigiu-se de novo para a proa. Aproximou-se até estar a poucos centímetros do casco, sentindo-se tão minúsculo como um mosca numa parede, inclinou o capacete sobre a chapa de metal e escutou. Os únicos sons audíveis eram o barulho cavo da sua respiração e o zumbido dos propulsores a manterem o fato em suspensão. Austin avançou alguns metros, virou-se, levantou os propulsores horizontais e fez com que os joelhos de metal batassem no navio.

Do outro lado do casco, os olhos semicerrados de Petersen abriram-se de repente e susteve a respiração.

— O que foi aquilo? — perguntou uma voz rouca na escuridão. Lars estivera a ajeitar-se no beliche ao lado do capitão.

— Ainda bem que vocês também ouviram — sussurrou Petersen. — Julguei que estava a ficar louco. Ouçam.

Apuraram os ouvidos e escutaram as batidas que vinham do exterior do casco. Código Morse. Lento e cadenciado, como se o mensageiro estivesse com dificuldade em marcar cada letra. Os olhos do capitão abri-

ram-se ainda mais, como os de uma personagem de banda desenhada, à medida que ia traduzindo as pancadas irregulares em letras.

P-E-T-E...

Austin amaldiçoava a dificuldade da comunicação. Por indicação sua, um dos tripulantes prendera um martelo de bola especialmente adaptado à mão direita do manípulo. O braço mecânico movia-se com uma lentidão exasperante, mas depois de articulados todos os recursos, acabou por transmitir uma palavra inteira em código Morse.

... ERSEN

Parou e encostou o capacete ao casco. Instantes depois, ouviu o eco de pontos e traços em resposta.

SIM

ESTADO

AR MAU FRIO

AJUDA RÁPIDO

Houve uma pausa. Depois, DEPRESSA

RÁPIDO

Petersen gritou aos seus homens que o resgate estava iminente, e sentiu-se culpado por lhes estar a mentir. O tempo de que dispunham estava prestes a esgotar-se. Tinha dificuldade em se concentrar. Cada vez era mais difícil respirar, e, em breve, seria impossível. A temperatura descera abaixo de zero e já nem os fatos de imersão conseguiam poupá-los ao frio. Deixara de tremer, o primeiro sinal de hipotermia.

Lars interrompeu os pensamentos soltos de Petersen. — Capitão, posso fazer-lhe uma pergunta?

Petersen resmoneou afirmativo.

— Por que raio é que o senhor veio cá abaixo? Podia ter-se salvo.

Petersen respondeu: — Ouvi algures que um capitão deve afundar-se com o seu navio.

— Não podia *afundar-se* mais do que isto, capitão.

Petersen emitiu um som gargarejado, a única coisa que conseguia emitir que mais se aproximava de uma gargalhada. Lars imitou-o, mas as forças de ambos depressa os abandonaram. Tentaram pôr-se na posição mais confortável que conseguiram e esperaram.

6

OS TRIPULANTES OBSERVAVAM A ÁGUA À ESPERA QUE AUSTIN SURGISSE À superfície para o prenderem como a um vitelo desembestado. Em poucos minutos, ele estava de volta ao convés onde expôs a situação a Becker e ao capitão Larsen.

— Santo Deus! — exclamou Becker. — Que morte horrível. O meu governo não se poupará a despesas para entregar os corpos às famílias.

O pessimismo de Becker começava a irritar Austin. — Por favor, deixe de representar o papel do dinamarquês pesaroso, Sr. Becker. Por enquanto o seu governo pode guardar a carteira. Aqueles homens ainda não morreram.

— Mas você disse...

— Eu *sei exactamente* o que disse. Eles estão em péssimas condições, mas isso não significa que estejam condenados. O submarino de resgate *Squalus* demorou mais de um dia a levá-lo a cabo e foram salvos trinta e três — Austin fez uma pausa quando os seus ouvidos apurados captaram um novo barulho. Olhou para o céu e, com a mão em concha, protegeu os olhos da claridade intensa do céu nublado.

— Parece que a cavalaria já chegou.

Um helicóptero gigantesco preparou-se para descer sobre o navio. A balouçar suspenso por baixo do helicóptero numa lingua via-se um submarino com a forma de um pequeno caça-submarinos de nariz embotado.

— É o maior helicóptero que já vi — confessou o capitão Larsen.

— Na verdade, o Mi-26 é o maior helicóptero do *mundo* — obser-

vou Austin. — Tem mais de trinta metros de comprimento. Chamam-lhe a grua voadora.

Becker sorriu pela primeira vez em várias horas. — Por favor, diga-me que aquele objecto de aspecto estranho que está pendurado por baixo do helicóptero é o seu veículo de resgate.

— O *Lampreia Marinha* não é a embarcação mais bonita do oceano — disse Zavala, encolhendo os ombros. — Sacrifiquei a forma à função quando a concebi.

— Pelo contrário — disse Becker. — É *linda*.

O capitão abanou a cabeça boquiaberto. — Como raio é que vocês conseguiram fazer aqui chegar este equipamento tão depressa? Estavam a mais de dois mil e duzentos quilómetros de distância quando o pedido de socorro foi lançado.

— Lembrámo-nos que os Russos gostam de fazer as coisas *em grande* — confessou Austin. — Deram pulos de contentes perante a possibilidade de mostrarem ao mundo que ainda são uma grande nação.

— Mas esse helicóptero não podia tê-lo trazido de tão longe em tão pouco tempo. Os senhores devem ser mágicos.

— Deu muito trabalho retirar este coelho da cartola — concordou Austin, enquanto observava as manobras do helicóptero. — O Mi-26 retirou o submersível do mar e transferiu-o para uma base terrestre, onde dois *Antonov N-124* de transporte pesado de aviões os aguardavam. O *Lampreia Marinha* entrou num avião, enquanto o helicóptero grande e o helicóptero da NUMA foram carregados no outro. Foi um voo de duas horas até à base da NATO instalada nas Faroé. Enquanto descarregavam o submersível e o preparavam para o trabalho, nós viemos andando para cá para pôr tudo a postos.

Os potentes motores turbo-hélice abafaram a resposta do capitão quando a aeronave se aproximou e ficou suspensa no ar. As oito pás do rotor principal e as cinco da cauda ceifavam o ar, e o vácuo que criavam escavou uma enorme cratera na superfície do oceano. O submersível foi solto poucos metros acima da água em redemoinho, e o helicóptero afastou-se. O *Lampreia Marinha* fora apetrechado com grandes flutuadores cheios de ar. Afundou-se por baixo das ondas, mas depressa voltou a surgir à superfície.

Austin sugeriu ao capitão que preparasse a enfermaria de bordo para tratar a hipotermia extrema. Depois, os tripulantes acompanharam-nos ao submersível. A tripulação da lancha soltou os flutuadores, o submersível extraiu ar dos tanques de lastro e desapareceu sob a superfície azul-escura.

O *Lampreia Marinha* rodou sobre si mesmo, mantendo-se na posição correcta pela acção dos próprios propulsores. Sentados no confortável *cockpit* com os rostos banhados pela luz azul do painel de instrumentos,

Austin e Zavala verificaram a lista de comandos de imersão. Depois, Zavala empurrou o manípulo dos comandos para a frente, apontou a proa embotada para baixo e fez entrar água nos tanques de lastro. Conduziu o submersível numa espiral descendente com tanta descontração como se estivesse a levar a família num passeio de domingo.

Austin espreitou para a escuridão azulada que se estendia para lá do alcance das luzes. — Não tive tempo de te perguntar antes de embarcarmos — disse quase como se pensasse em voz alta. — Isto é seguro?

— Como um antigo presidente disse certa vez: “Depende da tua concepção de *é*”.

Austin resmoneou. — Deixa-me reformular a pergunta. Os vedantes e a bomba estão a funcionar correctamente?

— Acho que consegui vedar as fugas, e a bomba de lastro funciona bem em condições ideais.

— E quais são as condições *reais*?

— Kurt, o meu pai costumava citar um antigo provérbio espanhol. — Ou entra mosca ou sai asneira.

— O que raio têm as moscas a ver com a nossa situação?

— Nada — respondeu Zavala. — Eu é que achei que devíamos mudar de assunto. Talvez o problema do comando do lastro desapareça.

O veículo fora construído como sistema de resgate de último recurso. Depois de os seus raios laser punçionarem uma abertura num navio afundado, a água começaria imediatamente a entrar depois do submersível se libertar. Não havia nenhuma forma de tapar a abertura, portanto toda a tripulação ali presa teria de ser evacuada numa única viagem. Aquele protótipo fora construído para transportar apenas oito pessoas, além do piloto e do co-piloto. Se os treze homens e o capitão fossem retirados do cruzador, excederiam seis vezes o limite do peso.

Austin disse: — Tenho estado a fazer cálculos de cabeça. Considerando que cada homem pesa sessenta e oito quilos, ficamos com mais de uma tonelada de peso. O *Lampreia* tem uma margem de segurança, portanto é capaz de não haver grandes problemas para além do defeito do tanque de lastro.

— Não há problema. Temos uma bomba de apoio se a principal não funcionar. — Ao conceber o *Lampreia Marinha*, Zavala seguiu a prática habitual e construiu sistemas redundantes. Zavala fez uma pausa. — Alguns tripulantes podem estar mortos.

— Tenho estado a pensar nisso — confessou Austin. — Podíamos aumentar a margem de segurança se deixássemos os cadáveres lá em baixo, mas eu só subo quando tivermos todos os homens a bordo, mortos ou vivos.

O *cockpit* mergulhou no silêncio, enquanto os dois homens consideravam as terríveis possibilidades. O único som audível era o zumbido dos motores eléctricos à medida que a embarcação deslegante mergulhava ainda mais nas profundezas. Pouco depois, estavam ao lado do cruzador. Austin guiou Zavala para o local da entrada. Depois ouviram um barulho leve e surdo quando a extremidade da frente do submersível bateu no fundo com as escoras de aço curvas. Os motores eléctricos das bombas zumbiram e o submersível estacou, colado ao aço pelo vácuo.

A manga de resgate, feita de um material sintético resistente, mas maleável, foi estendida. Oito propulsores verticais e horizontais mantinham o veículo imóvel controlado por computadores que monitorizavam o seu movimento em relação à corrente. O painel de instrumentos indicava quando a vedação estava completamente estanque. Habitualmente, uma sonda fina penetrava o casco para fazer a detecção de gases explosivos.

Sensores mediam a pressão no interior do vedante e mantinham o vácuo estanque. Depois de emitido o sinal de segurança para entrar, Austin pôs às costas uma pequena garrafa de oxigénio e na cara um escafandro autónomo e entrou na câmara de ar. Havia uma pequena fuga à volta do tampão, mas não o suficiente para causar preocupações. Começou a rastejar ao longo da manga de resgate.

No interior do cruzador, o capitão e os tripulantes tinham mergulhado num sono próximo da morte. O capitão Petersen foi arrancado ao torpor gelado pelo barulho de um pica-pau gigante. *Raio do pássaro!* Enquanto uma parte do seu cérebro amaldiçoava o causador do barulho, a outra começou automaticamente a analisá-lo, agrupando as pancadinhas secas e breves em padrões familiares, equivalendo cada uma delas a uma letra.

OLÁ

Acendeu a lâmpada eléctrica de repente. O cozinheiro ouvira o barulho e os seus olhos pareciam dois grandes ovos estrelados. Os dedos hirtos do capitão tactearam a chave inglesa colocada ao seu lado e bateu-a sem energia contra o casco. Depois repetiu o gesto, agora com mais força.

A resposta foi imediata.

DESPACHEM-SE

«É mais fácil dizer do que fazer», pensou o capitão. Petersen disse ao cozinheiro para se afastar do tabique do porão, depois seguiu-o, rolando para fora do beliche. Atravessou o convés muito devagar e gritou aos outros homens para que se despachassem. Sentou-se com as costas apoiadas num cacifo aquilo que lhe pareceu uma eternidade, sem saber bem o que havia de esperar.

Austin voltou a entrar no *Lampreia* de gatas. — Missão cumprida — declarou.

— Accionar o abre-latas — anunciou Zavala. Rodou o interruptor para accionar o anel de lâminas a laser, que cortaram os cinco centímetros da pele de metal com a mesma facilidade com que uma faca de poda cortaria a casca de uma laranja. Um monitor mostrou a penetração e o vermelho incandescente dos raios laser, extinguindo-se automaticamente depois de concluída a tarefa.

Petersen estivera a ver como um pálido círculo cor-de-rosa se ia tornando mais vivo até ficar um disco laranja-avermelhado e incandescente. Depois, sentiu um calor agradável no rosto. Ecoou um ressoar metálico estridente e cavernoso quando a parte seccionada do casco caiu para dentro do compartimento e ele teve de proteger os olhos do disco de luz intensa.

Uma névoa enchia a manga de resgate e os rebordos da abertura estavam quentes do corte a laser. Austin empurrou uma escada especialmente concebida para o efeito por cima do rebordo e enfiou a cabeça na abertura.

— Algum dos senhores chamou um táxi? — perguntou.

Apesar da disposição bem-humorada, Austin interrogou-se se o resgate não teria chegado tarde demais. Nunca vira um grupo de pessoas tão sujo de lama como aquele. Chamou o capitão Petersen. Um fantasma cheio de massa oleosa apareceu-lhe a rastejar e murmurou: — Sou eu o capitão. Quem é você?

Austin entrou no navio e ajudou o capitão a levantar-se. — As apresentações vão ter de esperar. Por favor, diga aos seus homens que ainda conseguem mexer-se que atravessem aquela abertura.

O capitão transmitiu a ordem. Austin atirou dois cobertores ensoados para cima dos rebordos rugosos da abertura e depois ajudou os que não conseguiam passar sozinhos. Petersen desfaleceu quando tentava rastejar para o interior do submersível, e Austin teve de o ajudar, primeiro, empurrando-o e, depois, puxando-o atrás de si. Mal entrou na câmara de ar, viu um fio de água a entrar pelo rebordo do vácuo que Zavala atamancara à pressa.

Fechou rapidamente a escotilha atrás de si. Zavala pusera os comandos em modo automático, enquanto puxava os tripulantes da câmara de ar, mas os grossos fatos de sobrevivência não facilitavam a tarefa. Era um milagre algum dos tripulantes ainda estar vivo. Espantosamente, alguns tinham chegado até ali sem qualquer ajuda. O espaço reservado aos passageiros estava equipado com dois bancos forrados que corriam a todo o comprimento do submersível, separados apenas por uma coxia estreita. Os sobreviventes apinharam-se nos bancos ou deixaram-se ficar de pé na coxia como utentes de um metro de Tóquio.

— Desculpem não haver primeira classe — disse Austin.

— Não faz mal — desculpou-o o capitão. — Os meus homens concordam que é melhor do que o nosso anterior alojamento.

Com os tripulantes instalados, Kurt voltou para o *cockpit*. — Havia uma pequena fuga em volta do vácuo — informou.

Zavala indicou uma luz que piscava no painel de registo do computador do submersível. — Maior do que apenas pequena. O anel de segurança saltou como um pneu vazio um segundo depois de termos fechado a câmara de ar.

Recolheu a manga de resgate telescópica, libertou o submersível do navio sem vida e partiu, mostrando claramente os seus projectores a abertura redonda onde o laser cortara a passagem para a liberdade. Quando o submersível já se encontrava livre do navio naufragado, foram accionadas as bombas de lastro. Os motores eléctricos foram ligados com um zumbido débil, à excepção da bomba dianteira direita, que fazia um ruído semelhante a um garfo a cair por uma conduta de lixo. Um tanque de lastro ainda tinha água, interferindo isso com o equilíbrio do submersível, ao passo que os outros se iam enchendo de ar comprimido.

O *Lampreia Marinha* funcionava como qualquer outro submarino. Era bombeada água para dentro dos tanques de lastro para entrar em imersão e, através do sistema de esgoto, era bombeado ar comprimido para o seu interior para fazer superfície. O computador tentou fazer a compensação dando mais potência aos propulsores verticais. O submersível inclinou-se aos solavancos de focinho para baixo, entrando pelos ventiladores o cheiro a metal quente. Zavala voltou a bombear água para dentro dos outros tanques e o *Lampreia* retomou praticamente a sua posição horizontal.

Austin fitou o painel de instrumentos. Uma luz piscava num diagrama esquemático indicativo de anomalias. Verificou o computador que servia de cérebro ao veículo. O sistema de anomalias revelava que a luz de aviso fora accionada devido a uma anomalia mecânica efectiva, o tipo de problema técnico que podia acontecer com equipamento novo, sendo provavelmente de fácil reparação. Mas este não era um mergulho de teste, tratava-se de uma submersão de grande profundidade a noventa metros. Outra luz vermelha começou a piscar.

— Os dois motores dianteiros pararam — constatou Austin. — É melhor usar as bombas de reserva.

— Aquelas eram as bombas de reserva — informou-o Zavala.

— Que belos sistemas redundantes. Onde está o problema?

— Podia dizer-te imediatamente se isto estivesse no ar em cima de um elevador.

— Não vejo nenhuma garagem por perto, e, em todo o caso, esqueci-me do cartão de crédito.

— Como o meu pai costumava dizer: “O que faz um burro teimoso mexer-se é uma carga de dinamite” — declarou Zavala.

Pelos corredores da NUMA, Austin tinha a reputação fundamentada de revelar uma obstinação inabalável diante da adversidade. Sensatamente, a maior parte dos homens largava tudo e fugia perante a calamidade quase certa, mas Austin enfrentava-a sempre com a mesma serenidade. O facto de ainda estar vivo e a respirar mostrava que possuía uma notável combinação de recursos e sorte. Aqueles que já tinham trabalhado com ele consideravam assustadora a sua serenidade. Austin encolhia sempre os ombros aos seus agravos, mas neste momento era Joe que o fazia experimentar o gosto do seu próprio bálsamo. Austin comprimiu os lábios num sorriso tenso, entrelaçou os dedos atrás da cabeça e recostou-se no assento.

— Não estarias tão descontraído se não tivesses um plano — observou Austin.

Zavala dirigiu ao colega uma piscadela de olho exagerada e retirou a chave de paltheto duplo que trazia ao pescoço, pendurada numa corrente. Abriu uma pequena tampa de metal que ocupava o centro da consola e inseriu a chave na ranhura. — Quando rodar esta chave e pressionar com um estalido o interruptor que está ao pé dela, o terceiro sistema redundante será accionado. As cargas explosivas despejarão todos os tanques de lastro, e aí vamos nós. Inteligente, eh?

— Não se o *Tor* estiver no caminho quando sairmos disparados da água. Afundávamo-nos, a nós e a ele.

— Se isso te faz sentir melhor, pressiona esse botão. Envia para a superfície uma bóia de aviso com foguetes luminosos, apitos e a fanfarra toda.

Austin espetou um dedo tenso no botão. Ouviu-se um *silvo* quando a bóia foi ejectada do submersível e depois avisou os passageiros para se segurarem bem.

Com um movimento seco e brusco, Zavala moveu o polegar em direcção ao céu com um sorriso rasgado e pueril.

— Vamos *subir*!

Ligou o interruptor e todos se sentiram mais esperançados, mas o único som que se ouviu foi o de Zavala a praguejar baixinho em espanhol. — O interruptor não funcionou — informou-os com um sorriso acanhado.

— Vejamos se consigo recapitular isto. Estamos a noventa metros de profundidade com a capacidade excedida, a cabina está cheia de marinheiros quase moribundos e o botão de pânico não funciona.

— Tens um jeito especial para resumir as situações, Kurt.

— Obrigado. Posso completá-lo um pouco melhor. Temos dois tan-

ques dianteiros cheios de água, dois da retaguarda vazios, significando isto uma flutuação neutra. Há alguma maneira de tornar o *Lampreia* mais leve?

— Posso largar o tubo de ligação. Chegamos à superfície, embora não seja muito bonito de se ver.

— Parece que não temos muitas hipóteses. Vou dizer aos nossos passageiros para se segurarem.

Austin fez o anúncio, sentou-se, prendeu o cinto e fez sinal para que seguissem. Zavala fez figas e soltou a manga de resgate. Por precaução, fize-a amovível, no caso de o submersível ter de se soltar depressa do local do resgate. Ouvia-se uma explosão abafada e o submersível pôs-se em movimento com um solavanco repentino. O *Lampreia Marinha* subiu trinta centímetros, depois, um metro e, finalmente, vários metros. No princípio, a sua marcha era aflitivamente lenta, mas a embarcação foi ganhando mais velocidade à medida que continuava a subir. Pouco depois, já se dirigia ve-loz para a superfície.

O *Lampreia Marinha* irrompeu à superfície de popa numa explosão que espalhou uma fonte de água branca. O veículo rodopiou violentamente, sacudindo os que estavam no seu interior como dados dentro de um copo. Alertados pela parafernália de luzes e buzinas da bóia de aviso, pequenos barcos precipitaram-se para eles e os seus tripulantes engataram flutuadores para estabilizar a embarcação numa posição quase horizontal.

O *Tor* prendeu um cabo ao veículo e rebocou o *Lampreia Marinha* até ao local onde uma grua podia içá-lo para o seu convés. Pessoal médico acorreu de todos os lados direito ao submersível assim que a escotilha foi aberta com um estalido. Os sobreviventes foram retirados um a um, deitados em macas e postos nos helicópteros *Medivac* que os aguardavam e os iriam transferir para o hospital mais próximo. Quando Austin e Zavala saíram do submersível, o convés estava quase vazio, à excepção de um punhado de tripulantes que se aproximou para os felicitar e depois partiu rapidamente.

Zavala olhou em volta para o convés quase deserto. — Não está aqui nenhuma fanfarra?

— O heroísmo é a única recompensa — declarou Austin, pontifical. — Mas eu não recusava um copinho de tequila se alguém mo oferecesse.

— Que coincidência. Não é que eu tenho uma garrafa de agave azul escondida no meu saco! E de primeira!

— Somos capazes de ter de adiar os nossos festejos. Vem aí o senhor Becker.

O burocrata dinamarquês atravessava o convés a passos largos com o rosto radiante de indiscutível felicidade. Agitou as mãos de ambos, deu

palmas estalejadas nas costas dos homens da NUMA e encheu-os de elogios efusivos.

— Meus senhores, muito obrigado — disse, esbaforido. — A Dinamarca agradece-vos. O *mundo inteiro* agradece-vos!

— O prazer foi todo nosso — respondeu Austin. — Obrigado pela oportunidade que nos deram de testarmos o *Lampreia Marinha* em condições reais. O helicóptero russo está na base da NATO com os aviões de transporte. Vamos telefonar-lhes, e podemos partir dentro de duas horas.

O rosto de Becker reassumiu a sua habitual máscara de severidade prática. — O senhor Zavala pode regressar, mas receio que o senhor tenha de adiar a sua partida. Um tribunal especial de investigação, constituído para avaliar o incidente com o cruzador, marcou para amanhã em Tórshavn o inquérito às testemunhas. Eles gostavam que fosse depor.

— Não percebo em que posso ser-lhes útil. Eu não vi o naufrágio.

— Sim, mas mergulhou até ao *Eriksson* já por duas vezes. Pode descrever os danos em pormenor. Eu ajudo-o a organizar o depoimento. — Ao perceber indecisão no rosto de Austin, acrescentou: — Receio ter de insistir que o senhor será nosso convidado nas Ilhas até a audição estar concluída. Anime-se. A embaixada americana já foi informada do nosso pedido e irá transmiti-lo à NUMA. Já lhe arranjei alojamento. Por acaso, ficamos no mesmo hotel. As Ilhas são magníficas e contamos retê-lo apenas um ou dois dias antes de regressar ao seu navio.

— Por mim, tudo bem, Kurt — disse Zavala. — Eu posso levar o *Lampreia* de volta ao *Beebe* e embrenhar-me nos testes.

Os olhos de Austin chisparam de irritação. Não gostava que um indolente e intrometido de um governozeco qualquer lhe dissesse o que devia fazer. Não se esforçou minimamente para disfarçar a contrariedade na voz. — Parece que vou ser seu hóspede, Sr. Becker — Depois, virou-se para Zavala. — Temos de adiar os nossos festejos. Vou telefonar para a base da NATO e pôr as coisas a andar.

Pouco depois, o ronco do motor do enorme helicóptero russo enchia o ar. O grampo do guindaste fora preso por baixo da barriga do *Lampreia Marinha*, e o helicóptero levantou o veículo do convés do navio. Depois, Zavala descolou no helicóptero da NUMA e seguiu o submersível de regresso à base onde seria carregado num avião de transporte para a viagem de regresso.

— Mais uma coisa — disse Becker. — Gostava que não se desfizesse daquele fato espantoso que usaram no resgate, no caso de o tribunal precisar de mais provas. Se não, teremos todo o gosto em o expedir por via marítima para onde desejar.

— Quer que faça outro mergulho?

— É possível. Claro que poria os seus superiores ao corrente da situação.

— Claro — disse Austin. Estava demasiado cansado para argumentar.

O capitão aproximou-se e anunciou que a lancha estava pronta para os levar de regresso a terra firme. Austin não se mostrou entusiasmado por passar mais tempo do que o estritamente necessário com o burocrata dinamarquês. — Irei para terra amanhã, se não se importam. O capitão Larsen deseja mostrar-me alguns dos resultados da pesquisa que realizou com as baleias.

O capitão percebeu o desespero nos olhos de Austin e alinhou no pretexto. — Ah, claro, como lhe disse, vai achar o nosso trabalho fascinante. Deixarei o senhor Austin em terra logo de manhã.

Becker encolheu os ombros. — Como queira. Já passei tempo de mais no mar que me chegue para o resto da vida.

Austin ficou a ver a lancha a dirigir-se para terra e virou-se para o capitão. — Obrigado por me ter resgatado do senhor Becker.

Larsen deixou escapar um suspiro profundo. — Penso que burocratas como Becker têm o seu valor na ordem das coisas.

— Como as bactérias estomacais que ajudam a digestão — comentou Austin.

O capitão riu-se e pôs uma mão no ombro de Austin. — Acho que se impõe uma comemoração líquida pela sua missão bem sucedida.

— Tem toda a razão — concordou Austin.

7

AUSTIN TEVE UM TRATAMENTO DE PRIMEIRA A BORDO DO NAVIO DE PESQUISA. Depois das bebidas no alojamento do capitão, desfrutou de uma magnífica refeição e foi entretido com incríveis imagens subaquáticas de baleias, recolhidas pelo navio de pesquisa. Foi-lhe destinada uma cabina confortável, dormiu a sono solto, e, na manhã seguinte, despediu-se do capitão Larsen.

O capitão ficou com pena de o ver partir. — Ainda por aqui ficamos alguns dias a fazer vigilância ao cruzador. Diga-me se houver alguma coisa que possa fazer por si ou pela NUMA.

Despediram-se com um aperto de mão, e Austin entrou na lancha para a curta viagem que o levaria a Western Harbor. Feliz por estar de novo em terra firme após várias semanas no mar ou no seu interior, caminhou ao longo do molhe pavimentado até passar a correnteza de barcos de pesca. A capital das Ilhas Faroé chamava-se Tórshavn, “Porto de Tor”, em homenagem ao mais grandioso dos deuses escandinavos. Apesar do seu homónimo atrozador, Tórshavn era uma povoação calma, situada num promontório entre dois movimentados portos de abrigo.

Austin teria preferido explorar as ruas estreitas que corriam por entre as casas antigas muito coloridas, mas um olhar rápido lançado ao relógio disse-lhe ser melhor apressar-se se queria chegar a tempo do inquérito. Deixou o saco no quarto de hotel que Becker lhe arranjava. Calculando que ficaria nas Faroé apenas mais um ou dois dias, decidiu que depois disso partiria, independentemente da vontade de Becker. A caminho da saída,

pediu na recepção que lhe marcassem um voo para Copenhaga para daí a dois dias.

O local para onde se dirigia ficava próximo, ao cimo da colina em direcção à Vaglio Square no coração comercial da cidade. Alguns minutos depois, parou em frente a um edifício impressionante do século XIX, construído em basalto escuro. A placa fixada no exterior identificava a estrutura como o *Raohus*, ou Paços do Concelho. Preparou-se mentalmente para o ordálio que tinha pela frente. Como funcionário de uma agência federal, Austin não era estranho aos perigos de navegar em águas governamentais. «O resgate dos homens presos no *Leif Eriksson* pode ter sido a parte mais fácil da minha aventura faroense», pensou.

A recepcionista que estava à entrada do *Raohus* explicou a Austin como podia chegar à sala de audiências. Seguiu por um corredor até uma porta guardada por um polícia corpulento e identificou-se. O agente da polícia pediu-lhe para esperar e esgueirou-se pela porta entreaberta para o interior da sala. Voltou a aparecer instantes depois na companhia de Becker. Levando Austin pelo braço, Becker afastou-se do alcance de outros ouvidos.

— Que prazer voltar a vê-lo, Sr. Austin — olhou de relance para o polícia e baixou a voz. — Este assunto é de extrema delicadeza. O senhor sabe alguma coisa sobre o governo das Ilhas Faroé?

— Apenas que existe uma ligação à Dinamarca. Desconheço pormenores.

— Exactamente. As Ilhas fazem parte do reino da Dinamarca, mas têm tido governações internas desde 1948. São bastante independentes, chegando mesmo a ter uma língua própria. Quando têm dificuldades financeiras, porém, não hesitam em pedir dinheiro a Copenhaga — declarou com um sorriso vago. — Este incidente ocorreu em águas faroenses, mas esteve implicado um navio de guerra dinamarquês.

— O que significa que a SOS não conseguiria ganhar nenhum concurso de popularidade na Dinamarca.

Becker desdenhou o seu comentário com um aceno petulante. — Deixei bem clara a minha posição. Aqueles loucos deviam ser *enforcados* por terem afundado o nosso navio, mas eu sou um homem realista. Todo aquele lamentável incidente nunca teria ocorrido se não fosse a casmurrice dos ilhéus em manterem vivos os seus costumes antigos.

— Está a referir-se à caça à baleia?

— Não comento a moralidade do *grindarap*. Na Dinamarca, muita gente vê o *grind* como um ritual bárbaro e inútil. Mais importantes ainda são as implicações económicas. As empresas que compram o peixe faroense ou exploram o seu óleo não querem que o grande público pense que

estão a fazer negócio à custa da morte das baleias. Quando as Faroé não conseguem pagar as suas próprias contas, Copenhaga tem de abrir os cordões à bolsa.

— Mas que independência!

Becker voltou a sorrir. — O governo dinamarquês quer resolver esta questão rapidamente com o mínimo de publicidade internacional. Não queremos que esses tipos da SOS sejam vistos como uns mártires corajosos que actuam irreflectidamente, mas para proteger criaturas indefesas.

— O que pretende o senhor de mim?

— Por favor, no seu depoimento vá um pouco mais além das simples observações técnicas. Nós sabemos *o que* afundou o cruzador. Não se coiba de enfatizar o sofrimento humano a que assistiu. O nosso objectivo é condenar Ryan no tribunal da opinião pública, depois pôr esses rufias irreflectidos fora do nosso país e garantirmos que não voltam cá. Queremos ter a certeza que o mundo os vê como párias em vez de mártires. Talvez, então, algo como isto nunca mais volte a acontecer.

— Calculo que Ryan esteja inocente em toda esta história.

— A inocência ou a culpabilidade dele não são do interesse do meu governo. Estão em jogo questões muito mais importantes do que essa.

— Como o senhor diz, é um assunto da máxima delicadeza. Contarei à sua gente o que vi. É a única coisa que lhe posso prometer.

Becker fez um aceno de cabeça. — É justo. Vamos entrar?

O polícia abriu a porta e Becker e Austin entraram na sala de audiências. Os olhos de Austin percorreram toda a grande sala revestida a lambrins escuros e depois detiveram-se nos fatos escuros, supostamente de gente do governo e do tribunal, que enchiam diversas filas de cadeiras. Ele vestia o seu habitual fato de trabalho composto por calças de ganga, camisola de gola alta e impermeável, não precisando de usar fatos de mais cerimónia quando estava embarcado. Havia mais fatos sentados atrás de uma mesa comprida de madeira, virados para a sala. Sentado numa cadeira à direita da mesa estava um homem de uniforme, que falava em dinamarquês e as suas palavras eram anotadas por um estenógrafo.

Becker indicou um lugar, sentou-se ao lado de Austin e sussurrou-lhe ao ouvido. — É o representante da guarda costeira. Você é a seguir.

A testemunha da guarda costeira terminou poucos minutos depois, e Austin ouviu chamarem pelo seu nome. Quatro homens e duas mulheres estavam sentados à mesa, estando o grupo equitativamente dividido em representantes das Faroé e da Dinamarca. O magistrado, um dinamarquês avuncular com um rosto comprido à viking, disse chamar-se Lundgren. Explicou a Austin que ia fazer-lhe perguntas, bem como os outros elementos da mesa se tivessem alguma questão que quisessem ver esclarecida. Aquele

era apenas um inquérito com o propósito de se reunir a informação inicial, não um julgamento, explicou, por isso não haveria lugar a interrogatório. Ele também faria a tradução quando fosse necessário.

Austin acomodou-se na cadeira, e, à medida que as perguntas lhe foram sendo feitas, foi fornecendo um relato íntegro do resgate. Não tinha de florear o sofrimento, nem a provação dos tripulantes no seu túmulo escuro e quase irrespirável. A expressão facial de Becker mostrava estar satisfeito com o que ouvia. Austin voltou para o seu lugar passados quarenta e cinco minutos, com os agradecimentos da mesa. Estava ansioso por se ir embora, mas decidiu ficar quando o presidente da mesa anunciou, em dinamarquês e em inglês, que o capitão do *Sentinela dos Mares* iria apresentar o seu depoimento.

Austin teve curiosidade de ver como *alguém* conseguia defender-se dos relatos de testemunhas oculares. A porta abriu-se e entraram dois policiais. No meio deles vinha um homem alto e de constituição robusta na casa dos quarenta e cinco anos. Austin avaliou o enérgico capitão Ahab de queixo orlado por uma barba aparada, o cabelo arranjado e o uniforme de galões dourados.

O magistrado pediu à testemunha para se sentar e se apresentar.

— Chamo-me Marcus Ryan — disse o homem, com os olhos cínzeos a estabelecerem contacto directo com os da assistência. — Sou o director executivo da organização *Sentinelas dos Mares* e comandante do navio almirante da SOS, o *Sentinela dos Mares*. Para os que não nos conhecem, a SOS é uma organização internacional que se dedica à preservação dos oceanos e da vida marinha.

— Faça, por favor, um relato dos acontecimentos relacionados com a sua colisão com o cruzador dinamarquês *Leif Eriksson*.

Ryan iniciou uma diatribe contra a pesca à baleia. Usando um tom de voz firme, o magistrado pediu-lhe para confinar as suas observações à colisão. Ryan pediu desculpa e descreveu o modo como o *Sentinela dos Mares* de repente mudara de direcção e avançara para o cruzador, abalroando-o.

— Capitão Ryan — disse Lundgren com divertimento não velado na voz. — O senhor está a querer dizer-me que o seu barco *atacou e abalroou* o *Leif Eriksson* sozinho?

Pela primeira vez desde que começara a prestar o seu depoimento, Ryan perdeu o apurmo. — Hum, não, senhor doutor juiz. Estou a dizer-lhe que os comandos do meu navio não responderam.

— Deixe-me ver se entendi bem — interrompeu uma mulher que fazia parte da mesa. — O senhor está a dizer que o seu barco assumiu sozinho o controlo dos comandos e fez tudo isso de livre vontade.

Ouviu-se uma série de risadas por entre a assistência.

— Parece que de facto assim foi — admitiu Ryan.

O seu reconhecimento foi pretexto para um rol de indagações mais profundas. «O interrogatório pode não ter sido adverso, mas o tribunal está a tentar acabar com Ryan com bicadas sucessivas como um bando de patos esfomeados», pensou Austin. Ryan fazia todos os possíveis para fugir às perguntas, mas, a cada resposta, os seus argumentos iam ficando cada vez mais enfraquecidos. Por fim, levantou as mãos, como que para dizer *basta*.

— Apercebo-me de que a minha exposição suscita mais perguntas do que respostas, mas deixem-me dizer isto de forma inequívoca, para que não haja mal-entendidos. Nós *não* abalroámos deliberadamente o navio dinamarquês e tenho testemunhas que podem corroborar o que acabo de dizer. Podem confirmá-lo com o capitão Petersen. Ele próprio lhes dirá que eu o avisei.

— Quanto tempo antes da colisão foi lançado esse alerta? — quis saber Lundgren.

Ryan inspirou fundo e depois expirou. — Menos de um minuto antes de batermos.

Lundgren não quis fazer mais perguntas e Ryan foi dispensado. A repórter da CNN preparou-se para depor. Manteve-se calma durante a descrição que fez da colisão, mas não resistiu e lançou a Ryan uns olhos acusadores quando descreveu a morte do seu operador de câmara.

Lundgren fez sinal a um oficial de justiça para que passasse um vídeo na televisão instalada num dos lados da sala com boa visibilidade para todos. A cassette de vídeo começou a ser passada. Mostrava Ryan no convés do seu barco rodeado por repórteres e fotógrafos. Ouviu-se algumas piadas acerca do mar encapelado, depois a voz da repórter a dizer «Faça apenas com que a história valha o raio de todo o Dramamine que já tive de engolir.»

A câmara mostrou em plano fechado o sorriso rasgado de Ryan ao responder. — Posso quase garantir-lhes que terão alguma acção. — Enquanto a câmara seguia o seu dedo a apontar para o cruzador dinamarquês, ouviu-se um resmoneio entre a audiência. «Pronto», pensou Austin, «Ryan está *frito*».

A cassette chegou ao fim, e Lundgren fez uma pergunta à repórter. — Era a sua voz que se ouvia na cassette?

Quando a repórter respondeu afirmativamente, Ryan levantou-se de um salto.

— Isso é injusto. Estão simplesmente a retirar o meu comentário do contexto!

— Faça o favor de se sentar, Sr. Ryan — ordenou-lhe Lundgren, estupefacto.

Ryan apercebeu-se que aquela explosão reforçaria a imagem de um impetuoso capaz de abalroar um navio. Voltou a acalmar-se. — As minhas desculpas, senhor doutor juiz. Ninguém me disse que o vídeo ia ser apresentado como prova. Espero ter a possibilidade de o comentar.

— Isto não é um tribunal, mas o senhor terá todas as hipóteses de nos dar a conhecer a sua versão antes deste caso chegar ao fim. A mesa irá ouvir o capitão Petersen e os seus tripulantes assim que a sua condição física o permitir. Até lá, o senhor ficará em prisão preventiva na esquadra da polícia. Faremos todos os possíveis para abreviar a conclusão do processo.

Ryan agradeceu ao tribunal. Depois, escoltado pelos polícias, abandonou a sala.

— Já acabou? — perguntou Austin a Becker.

— Parece que sim. Esperava que voltassem a pedir-lhe para depor, mas parece que já não precisam de si. Espero que os seus planos não tenham sido muito alterados.

Austin garantiu a Becker que não havia problema. Deixou-se ficar sentado enquanto a sala começava a ficar vazia, ruminando no depoimento de Ryan. Ou o homem estava a dizer a verdade ou era um excelente actor. Cobia a homens mais sagazes decidi-lo. Primeiro, ia beber uma boa chávena de café forte, depois ia ver que voos havia mais cedo para Copenhaga. Daí, voaria de regresso a Washington.

— Sr. Austin.

Uma mulher dirigia-se para ele com o rosto contraído num sorriso luminoso. Austin reparou na sua figura atlética e bem proporcionada, no cabelo acastanhado que lhe caía pelos ombros, na pele imaculada e nos olhos vivos. Tinha vestida uma camisola branca de lã islandesa, conhecida como *lopapesya*.

Cumprimentaram-se com um aperto de mão. — Chamo-me Therri Weld — apresentou-se num tom de voz aveludado e caloroso. — Sou consultora jurídica da organização SOS.

— Muito prazer em conhecê-la, Sra. Weld. Em que posso ajudá-la?

Therri estivera a observar a expressão séria de Austin, enquanto prestava o seu testemunho, e não estava preparada para o seu sorriso sincero. Com aqueles ombros largos, feições marcadas e olhos azuis-esverdeados, ele lembrava-lhe um capitão pirata num filme de corsários. Quase se esqueceu do que lhe ia dizer, mas depressa recuperou a consistência mental que a caracterizava.

— Será que pode dispensar-me uns minutos? — perguntou-lhe.

— Eu ia tomar um café. Tenho muito gosto que me acompanhe.

— Obrigada. Há um café bastante razoável ao virar da esquina.

Sentaram-se numa mesa recatada e pediram dois capuchinos.

— O seu depoimento foi fascinante — disse ela, enquanto bebia dois golinhos de café.

— O seu capitão Ryan foi a estrela do dia. O que eu disse nem se comparou com a história dele.

Therri riu com ternura. O seu riso tinha uma cadência musical que Austin apreciou. — Receio que hoje não tenha sido o seu melhor dia. Habitualmente, consegue ser bastante eloquente, em particular, em relação a estes assuntos que mais o arrebatam.

— Mesmo tentando explicar a uma chusma de cépticos que o barco dele estava possuído por espíritos malévolos. O depoimento da repórter e o vídeo não ajudaram nada.

— Concordo, e foi por isso que quis falar consigo.

Austin dirigiu-lhe o seu melhor sorriso rasgado pueril e campesino. — Ah, chavelho, tinha esperança que se sentisse irremediavelmente atraída pelo meu magnetismo animalesco.

Therri ergueu uma sobranceira finamente arqueada. — Isso é evidente — disse ela. — Mas a principal razão para querer falar consigo é para ver se pode ajudar a SOS.

— Para já, senhora Weld...

— *Therri*. E posso tratá-lo por Kurt?

Austin fez um aceno de cabeça afirmativo. — Tenho uns quantos problemas para resolver imediatamente, Therri. Em primeiro lugar, não sei em que posso ajudá-la. Segundo, não sei se *quero* ajudar a vossa organização. Não sou a favor da morte das baleias, mas não aprovo a acção de excêntricos radicais.

Therri olhou para Austin de soslaio com os seus olhos vivos e penetrantes como dois feixes de laser. — Henry David Thoreau, John Muir e Edward Abbey foram considerados excêntricos radicais no seu tempo, mas compreendo o seu ponto de vista. A SOS tende a ser demasiado activista para o gosto de muitos. Está bem, diz que não aprova a acção de excêntricos radicais, mas aprova a *injustiça*? Porque é justamente isso que está aqui em questão.

— Como?

— Marcus *não* abalroou o barco dinamarquês de propósito. Eu estava na ponte de comando quando aquilo aconteceu. Ele e os outros fizeram todos os possíveis para evitar a colisão.

— Informou disso as autoridades dinamarquesas?

— Informei e eles disseram-me que não precisavam do meu depoimento e mandaram-me sair do país.

— Pronto — concluiu Austin. — Acredito em si.

— Assim, sem mais nem menos? Não me parece ser uma pessoa que aceite as coisas apenas pelo que aparentam.

— Não sei o que mais posso dizer sem a ofender.

— *Nada* do que diga me pode ofender.

— Ainda bem que o diz. Mas, o que a faz pensar que me importaria com o facto de a acusação de Ryan ser ou não justa?

— Não lhe peço que se *importe* com o Marcus.

O tom de voz de Therri insinuava alguma amargura por detrás das suas feições suaves. Austin reprimiu um sorriso. — O que pretende exactamente de mim, Therri?

Ela afastou do rosto uma madeixa de cabelo e disse: — Gostava que fizesse um mergulho até ao *Sentinela dos Mares*.

— Qual seria o propósito desse mergulho?

— Podia provar a inocência de Marcus.

— De que maneira?

Ela abriu as mãos. — Não sei, mas pode encontrar *alguma coisa*; aquilo que sei é que o Marcus está a dizer a verdade. Para ser sincera, muito do radicalismo dele é fogo de vista. O que ele é mesmo é um pragmático inflexível que considera cuidadosamente todas as vantagens. Não é o tipo de pessoa que ande por aí furioso a abalroar navios da marinha. Além disso, ele *adorava* o *Sentinela dos Mares*. Até foi ele que escolheu aquele ridículo conjunto de cores psicadélicas. Ninguém naquele navio, incluindo eu mesma, tinha a mínima intenção de magoar alguém.

Austin reclinou-se na cadeira, entrelaçou os dedos atrás da cabeça e fitou o rosto sério de Therri. Gostava da maneira como os lábios perfeitos dela se contraíam um pouco num sorriso à Mona Lisa, mesmo quando estava séria. O seu ar de rapariga da casa do lado não conseguia disfarçar a mulher sensual que se escondia por detrás de uns olhos invulgares. Havia mil razões para simplesmente lhe agradecer o café, despedir-se com um aperto de mão e desejar-lhe boa sorte. Talvez existissem três boas razões para ele considerar o seu pedido. Era linda, talvez houvesse ali qualquer coisa, e, com razão ou sem ela, mostrava-se determinada na sua causa. O avião dele partia apenas dentro de dois dias. Não havia motivo nenhum para a sua curta estada nas Faroé ser enfadonha.

Intrigado, endireitou o tronco e pediu mais dois cafés.

— Pronto, está bem — disse Austin. — Conte-me exactamente o que aconteceu.

8

ALGUMAS HORAS MAIS TARDE, AUSTIN ESTAVA MUITO LONGE DO CONFORTO da cafeteria, metido no escafandro protector e bolboso do seu *Hardsuit* de alumínio a imergir de novo no mar gelado das Faroé. À medida que ia penetrando nas profundezas, sorria ao imaginar a reacção de Becker se soubesse que um barco dinamarquês estava a ser usado para ajudar Marcus Ryan e a SOS. «Claro que é sem a conivência do burocratazinho», pensou Austin com um riso abafado a ecoar dentro do capacete.

Depois de deixar Therri Weld, voltara ao hotel e telefonara ao capitão Larsen a pedir-lhe autorização para realizar outro mergulho a partir do *Tor*. Disse querer tirar umas fotografias do local do resgate para incluir num relatório, o que em parte era verdade. Larsen não hesitou em aceder e até lhe enviou uma lancha para o trazer a bordo. Como Becker pedira a Austin para deixar o *Hardsuit*, por ele não havia problema nenhum.

O profundímetro de Austin indicou-lhe a proximidade do fundo. Abrandou a descida com pequenas explosões dos propulsores verticais e imobilizou-se numa suspensão colímbria a cerca de quinze metros acima da proa do cruzador. O mar não perdera tempo a acolher o navio no seu seio. Um manto hirsuto de excrescências marinhas cobria o casco e a superestrutura como uma manga de alpaca. Cardumes de peixes de águas profundas entravam e saíam pelas vigias, distorcidas pela vida marinha que criara a sua morada nas fendas e recantos obscurecidos do navio.

Usando uma câmara digital silenciosa, Austin tirou fotografias do círculo que o *Lampreia Marinha* fizera durante a missão de resgate e do

rombo triangular onde o *Sentinela dos Mares* perfurara o casco. Austin brincou com o capitão Larsen a propósito da última posição conhecida do *Sentinela dos Mares* relativamente ao cruzador. Usando uma bússola submarina de reconhecimento, percorreu toda a zona do naufrágio.

Usou uma matriz de busca padrão, percorrendo uma série de carreiros grosseiramente paralelos até as suas luzes captarem a pintura psicadélica no casco do navio. À semelhança do cruzador, o navio da SOS já tinha um revestimento considerável de algas marinhas. Era aterradora a combinação das algas marinhas com o efeito enleado. O *Sentinela dos Mares* parara no fundo com o lado direito voltado para cima, e, à excepção do focinho achatado e esmagado, o navio parecia estar em boas condições.

Austin observou com cuidado a proa esmagada e lembrou-se do depoimento de Ryan. Os motores tinham ficado descontrolados, afirmara, e não respondiam aos comandos. Não havia a mínima hipótese de verificação dos motores sem se entrar no navio naufragado, mas o sistema de direcção podia ser investigado com maior facilidade, porque parte dele era exterior. As manobras do leme num navio moderno são realizadas numa combinação entre a electrónica e a hidráulica. No entanto, mesmo com os computadores, o posicionamento por GPS e o piloto automático, o conceito não é diferente do que quando Colombo zarpava rumo à Índia. Numa extremidade está uma cabeça do leme, na outra está um leme. Ao virar-se a cabeça do leme e a porta do leme, vira-se o navio para a direcção desejada.

Austin pairou acima da popa, deu uma volta quase completa e desceu vários metros até estar de frente para o leme do tamanho de um homem.

Curioso.

O leme estava intacto, mas parecia haver algum desfasamento. Presos ao leme estavam dois cabos que saíam da pá para cada um dos lados do casco. Austin seguiu o cabo de estibordo até uma caixa de aço com o tamanho aproximado de uma grande mala de viagem, soldada ao casco. Uma ligação eléctrica saía da caixa e atravessava o casco.

Ainda mais curioso.

A solda em volta das caixas e da ligação eléctrica ainda brilhava, parecendo recente. Afastou-se e seguiu o cabo até uma caixa idêntica colocada do outro lado. Levantou a máquina fotográfica e tirou algumas fotografias. Uma cânula revestida a borracha tão grossa como o polegar de um homem ligava as duas caixas. Outra cânula saía da caixa colocada a bombordo e seguia ao longo da curvatura do casco até um ponto que teria estado acima da linha de água quando o navio flutuava. Na sua extremidade encontrava-se um disco de plástico achatado com cerca de quinze centímetros de diâmetro. Austin compreendeu de imediato o significado do que acabava de ver.

Parece que alguém lhe deve um pedido de desculpas, Sr. Ryan.

Austin tirou mais algumas fotografias, depois soltou o disco com os braços manipuladores e colocou-o numa armação de transporte presa a uma secção exterior do *Hardsuit*. Permaneceu imerso mais vinte minutos, explorando cada centímetro quadrado do casco. Não encontrando mais nada invulgar, accionou o comando do propulsor vertical e iniciou a viagem de regresso à superfície. Já fora do *Hardsuit*, agradeceu ao capitão Larsen a utilização do *Tor* e entrou num barco pequeno para voltar a Tórshavn.

De novo no seu quarto de hotel, retirou o cartão da câmara digital e inseriu-o no computador, fazendo as fotografias subaquáticas aparecerem no ecrã. Estudou as fotografias ampliadas e realçadas até quase as ter decorado, depois, ligou a Therri e pediu-lhe para voltarem a encontrar-se na mesma cafetaria. Ele chegou cedo, e tinha o computador preparado em cima da mesa quando ela entrou poucos minutos depois.

— Boas ou más notícias? — perguntou.

— Ambas — Austin empurrou o portátil sobre a mesa. — Resolvi um enigma, mas descobri outro.

Ela sentou-se e fitou a fotografia projectada no ecrã. — Para o quê exactamente estou eu a olhar?

— Julgo tratar-se de um mecanismo destinado a inviabilizar ou a sobrepor-se aos comandos da ponte.

— Tem *a certeza* disso?

— É quase certo.

Clicou o rato do computador e passou uma série de fotografias que mostravam as caixas soldadas ao casco vistas de diversos ângulos. — Esses invólucros podem esconder guinchos que conseguissem puxar o leme para qualquer direcção ou travá-lo num determinado ponto. Veja isto. Esta ligação eléctrica sobe pela parte lateral do navio até um receptáculo que fica acima da linha de água. Alguém fora do navio podia controlar o leme.

Therri franziu o sobrolho. — Parece um pratinho de tarte.

Austin remexeu no bolso do casaco, agarrou no disco de plástico que descolara do casco e atirou-o para cima da mesa. — Neste prato não há nenhuma tarte. É uma antena que pode ter sido usada para captar sinais.

Therri lançou um olhar rápido ao monitor e depois pegou no disco e estudou-o em pormenor. — Isto deve explicar os problemas que o Marcus teve com o leme. E quanto aos motores que não conseguia desligar?

— Aí é que está — observou Austin. — Se conseguisse entrar no barco e virar a casa das máquinas do avesso, era capaz de encontrar um mecanismo qualquer que permitisse que a velocidade do navio também fosse controlada a partir do exterior.

— Eu conhecia todas as pessoas que estavam a bordo do *Sentinela dos Mares*. São extremamente leais — Avançou o queixo para diante como

se esperasse uma objecção. — Não havia ninguém naquele navio capaz de o sabotar.

— Eu não fiz nenhuma acusação.

— Desculpe — disse ela. — Acho que devia admitir a possibilidade de alguém da tripulação poder estar implicada.

— Não forçosamente. Deixe-me lembrar-lhe a pergunta que se faz nos aeroportos sobre a segurança. Alguém fez a sua mala ou foi feita sem a sua presença?

— Então, acha *mesmo* que alguém *de fora* pode ter sabotado o barco.

Austin anuiu com um aceno de cabeça. — Descobri uma ligação eléctrica de acesso aos guinchos que penetra no casco e interrompe o fornecimento de energia ao navio. Alguém teve de entrar no barco para fazer essa instalação.

— Agora que fala nisso — observou ela, sem hesitação —, o barco precisou de um arranjo qualquer no motor, e esteve em doca seca nas Ilhas Shetland durante quatro dias.

— Quem fez esse trabalho?

— Marcus deve saber. Eu pergunto-lhe.

— Pode ter interesse — disse, batendo com o dedo ao de leve no ecrã. — Este pode ser para o Ryan o bilhete de saída da prisão. Sugeriria que entrasse em contacto com um tipo que está no meu hotel, chamado Becker, que parece ser uma espécie de ardiloso de bastidores que trabalha no departamento da marinha dinamarquesa. Ele é capaz de nos ajudar.

— Não estou a perceber. Por que motivo hão-de os dinamarqueses querer ajudar Marcus depois das coisas horríveis que disseram sobre ele?

— Isso foi para consumo público. O que eles querem mesmo é pôr Ryan a mexer das Faroé com um pontapé no traseiro e certificarem-se de que nunca mais volta a aparecer-lhes à frente. Eles não querem que ele volte a entrar na sua caixinha de sabão, porque isso pode afugentar as empresas que possam estar a pensar investir nas Faroé. Lamento que isso prejudique os planos de martírio de Ryan.

— Não nego que Marcus pensasse transformar esta numa *cause célèbre*.

— Essa não é uma estratégia arriscada? Se ele pressionar demasiado os dinamarqueses, eles podem ver-se forçados a declará-lo culpado e a metê-lo na cadeia. Não me parece que ele seja um tipo imprudente.

— Marcus não é nada imprudente, mas correrá um risco calculado se achar que é compensador o que está em jogo. Neste caso, terá pesado o facto de ir para a prisão e a possibilidade de parar com a *grind*.

Austin retirou do computador o cartão com as fotografias e entregou-o a Therri. — Diga a Becker que estou disposto a depor sobre o que vi

e provarei que fui eu que tirei essas fotografias. Vou ver se descubro o fabricante desta antena, embora seja possível que tenha sido montada a partir de componentes padronizados e não nos revele nada.

— Não sei como hei-de agradecer-lhe — disse Therri, levantando-se da cadeira.

— Habitualmente, os meus honorários são pagos com a aceitação de um convite para jantar.

— Teria o maior gosto em... — ela interrompeu-se e olhou de relance por cima do ombro de Austin para o outro lado da sala. — Kurt, conhece aquele homem? Há algum tempo que está a olhar fixamente para si.

Austin virou-se e viu um homem calvo e de queixo comprido, que rondava os sessenta anos, a dirigir-se para a mesa deles.

— Se não me engano é Kurt Austin da NUMA — disse o homem numa voz ressonante.

Austin levantou-se e estendeu-lhe a mão. — Professor Jorgensen, que prazer em vê-lo. Foi há três anos que nos vimos pela última vez.

— Por acaso foi há quatro, desde que trabalhámos naquele projecto do Iucatã. Que magnífica surpresa! Pelas notícias, soube do resgate milagroso que realizou, mas julguei que já tivesse saído das Faroé.

O Professor era um homem alto e de ombros estreitos. Os grandes tufos de cabelo que flanqueavam a sua cabeça sardenta lembravam asas de cisne. Falava inglês com um sotaque de Oxford, o que não admirava, porque passara os anos de estudante naquela conhecida universidade inglesa.

— Fiquei cá para ajudar a senhora Weld num projecto — Austin apresentou Therri e disse: — Este é o Professor Peter Jorgensen. O doutor Jorgensen é o maior fisiologista piscícola do mundo.

— Kurt fá-lo soar muito mais fascinante do que é. Não passo de um simples clínico de peixes, digamos. Então, o que a traz a este imenso posto avançado da civilização, Sra. Weld?

— Sou advogada e estou a estudar o sistema jurídico dinamarquês.

Austin quis saber. — Então, e o Professor? Está aqui a fazer algum trabalho nas Faroé?

— Sim, estou a analisar uns fenómenos um tanto peculiares — afirmou, sem desviar os olhos de Therri. — Posso estar a intrometer-me, mas tenho uma excelente sugestão. E se jantássemos juntos hoje e assim falá-vos no que estou a fazer.

— Parece que a senhora Weld e eu já temos planos.

Uma expressão pesarosa perpassou pelo rosto de Therri. — Oh, Kurt, desculpe. Comecei por dizer que teria todo o gosto em jantar consigo, mas não pode ser hoje. É que vou estar ocupada com aquele assunto jurídico de que falámos.

— Virou-se o feitiço contra o feiticeiro — disse Austin, encolhendo os ombros. — Parece que eu e o senhor vamos sair esta noite, Professor.

— Excelente! Encontramo-nos na sala de jantar do Hotel Hania pelas sete, se lhe parecer bem. — Virando-se para Therri, disse: — Fico desolado, Sra. Weld. Faça votos para que voltemos a encontrar-nos. — Beijou-lhe a mão.

— É encantador — disse Therri, depois de Jorgensen se ir embora. — Muito requintado à boa maneira antiga.

— Concordo — disse Austin —, mas, mesmo assim, preferia tê-la a si a acompanhar-me ao jantar.

— Desculpe. Talvez quando regressarmos aos EUA. — Os olhos dela toldaram-se de repente. — Tenho estado a pensar na sua teoria sobre a possibilidade de o *Sentinela dos Mares* ter sido comandado a partir do exterior. A que distância teria de se estar para controlar um navio?

— Conseguia-se fazê-lo a uma distância relativamente grande, mas quem quer que o fizesse estaria mais ou menos próximo para ver se o navio estava a responder aos comandos. Tem alguma ideia?

— Na zona *havia* muitos barcos, que transportavam os membros da imprensa, e até um helicóptero.

— Os comandos podem ter sido accionados do mar ou do ar. Não era preciso muito em termos de equipamento. Talvez um transmissor com um mecanismo de controlo de direcção, como os *joysticks* dos jogos de vídeo. Partindo do princípio de que sabemos o *como*, falemos agora no *porquê*. Quem podia beneficiar da neutralização de Ryan?

— Tem o resto do dia livre? A lista pode ser *interminável*. Marcus fez inimigos pelo mundo fora.

— Para já, vamos restringir-nos às Ilhas Faroé.

— Os baleeiros seriam os primeiros da lista dos inimigos dele. A questão exalta paixões, mas, no fundo, são boa gente, apesar de terem uns costumes estranhos. Não estou a vê-los a atacar o navio da marinha que fora enviado para lá para os proteger — ela fez uma pausa para reflectir. — Há outra hipótese, embora se calhar seja um bocado rebuscada.

— Diga lá.

Ela franziu o sobrolho com o esforço da concentração. — Depois da operação *grindarap*, Marcus e os seus tripulantes planeavam manifestar-se junto a uma exploração piscícola, propriedade da Oceanus Corporation. Os *Sentinelas* também são contra a aquacultura em grande escala pelos danos que causa ao ambiente.

— O que sabe sobre a Oceanus?

— Pouca coisa. É uma multinacional distribuidora de produtos marinhos e rações para peixe. Tradicionalmente, compravam peixe a frotas

pesqueiras do mundo inteiro, mas, nos últimos anos, entraram em força no negócio da aquacultura. As explorações piscícolas deles já atingiram uma escala idêntica à de algumas herdades em terra geridas por grandes latifundiários norte-americanos.

— Acha que a Oceanus podia planejar tudo isto?

— Bem, não sei, Kurt, embora disponha dos recursos para o fazer. E, talvez, dos motivos.

— Onde está localizada essa exploração piscícola deles?

— Próximo daqui, perto de um sítio chamado Skaalshavn. Marcus planeava andar com o *Sentinela dos Mares* para trás e para diante em frente à exploração para gáudio das câmaras — Therri lançou um olhar rápido ao relógio de pulso. — A propósito, lembrei-me que... tenho de me ir embora. Tenho muito que fazer.

Despediram-se com um aperto de mão, prometendo voltar a encontrar-se. Therri atravessou a sala de jantar e parou por instantes para lhe lançar um olhar rápido e coquete por cima do ombro. Talvez o gesto tivesse sido feito com intenção de o tranquilizar, mas apenas fez com que Austin se sentisse ainda mais melancólico.

9

EDUCADAMENTE, O PROFESSOR JORGENSEN AGUARDOU UNS MINUTOS ENQUANTO Austin tentava escolher, percorrendo os incompreensíveis pratos da ementa, mas acabou por não aguentar mais. Inclinou-se sobre a mesa e sugeriu: — Se quiser experimentar uma especialidade das Faroé, recomendo-lhe o papagaio-do-mar frito ou o bife de baleia-piloto.

Austin imaginou-se a roer uma baqueta de um passarinho atarracado com o bico idêntico ao de um papagaio e desistiu do papagaio-do-mar. Depois de ouvir a maneira sangrenta como as baleias-piloto encontravam a morte nas Faroé, achou que seria melhor comer focinho de tubarão, mas acabou por escolher o *skerpikjot*, carneiro velho. Depois da primeira garfada, pensou que teria sido preferível escolher o papagaio-do-mar.

— Como é que está o seu carneiro? — perguntou-lhe Jorgensen.

— Não tão duro como o cabedal dos sapatos — respondeu Austin, sendo notória a sua dificuldade em mastigar.

— Oh, santo Deus, devia tê-lo prevenido para pedir o carneiro *cozido*, como eu pedi. Eles secam o *skerpikjot* ao vento. Normalmente é preparado no Natal e servido durante todo o ano. É só levantar o dedo, como eles dizem — animou-se com outra ideia. — A esperança de vida nas Faroé é bastante elevada, por isso, deve-lhe fazer bem.

Austin mastigou um pedaço pequeno até conseguir engoli-lo. Depois, pousou a faca e o garfo, enquanto dava um pouco de descanso aos maxilares. — O que o trouxe às Faroé, doutor Jorgensen? Não pode ter sido a comida.

Os olhos do Professor bailaram divertidos. — Tenho andado a meter o nariz em relatórios sobre a diminuição das reservas de peixe nas ilhas. É um verdadeiro mistério!

— Em que sentido?

— Primeiro, julguei que a causa do desaparecimento do peixe talvez se devesse à poluição, mas as águas são espantosamente imaculadas em volta das Faroé. O mais que posso fazer é realizar alguns testes no terreno, de maneira que volto amanhã para Copenhaga para introduzir algumas amostras de água no computador. Pode ser que haja pequenos vestígios de químicos que estejam na origem do problema.

— Já tem alguma teoria para a origem dos químicos?

— É estranho — continuou, dando um puxão a um dos tufos de cabelo. — Tenho a certeza que o problema está de alguma maneira relacionado com uma exploração piscícola próxima, mas até agora não encontro nenhuma relação lógica entre ambos.

Austin estivera a olhar para o carneiro, questionando-se onde iria comer um hamburger, mas o seu sentido auditivo apurou-se ao ouvir as palavras do Professor. — O senhor disse que estava a fazer análises à água próximo de uma exploração piscícola?

— Sim. Existem diversas instalações de aquacultura nas ilhas que se dedicam à produção de trutas, salmões e outros peixes do género. Recolhi amostras das águas em volta de uma exploração piscícola em Skaalshavn, a algumas horas de carro pela costa acima, quem sai de Tórshavn, no Sundini, o comprido estreito que separa Stremoy da ilha de Eysturoy. Antigamente era um cais de baleeiros. A exploração pertence a um grande consórcio da indústria pesqueira.

Austin tentou a sua sorte. — A Oceanus?

— Sim, já ouviu falar neles?

— Só há pouco tempo. Se bem entendo o que está a dizer, Professor, as quantidades de peixe junto a essa instalação são inferiores ao que deviam.

— Exactamente — respondeu Jorgensen de sobrolho franzido. — Um verdadeiro mistério.

— Constou-me que as explorações piscícolas podem ser nefastas para o ambiente — disse Austin, lembrando-se da conversa que tivera com Therri Weld.

— É verdade. Os resíduos de uma exploração piscícola podem ser tóxicos. Eles alimentam o peixe com uma dieta química especial de crescimento mais rápido, mas a Oceanus alega que possui um sistema de purificação da água melhorado. Até agora não encontrei quaisquer provas que pusessem em causa esse argumento.

— O senhor já visitou as instalações dessa exploração piscícola?

Jorgensen mostrou os seus grandes dentes num sorriso rasgado. — O acesso está vedado a visitantes. Têm o sítio mais bem fechado a sete chaves do que as jóias da coroa. Fora das instalações consegui falar com uma pessoa da firma de advogados representante da empresa na Dinamarca. Ele garantiu-me que não eram usados químicos na exploração piscícola e que eles tinham os melhores equipamentos de limpeza das águas. Continuando a ser um eterno cientista céptico, aluguei uma cabana próximo das instalações da Oceanus e aproximei-me o mais que consegui de barco para recolher as amostras de água. Como lhe disse, parto para Copenhaga amanhã, mas você e a sua amiga são bem-vindos àquela cabana. É um passeio bonito.

— Obrigado, Professor. Infelizmente, a senhora Weld estará ocupada nos próximos dias.

— Isso é uma pena.

Austin anuiu com uma expressão ausente. Estava intrigado com a referência de Jorgensen à segurança apertada da Oceanus. Onde alguém veria nisso um obstáculo, Austin via-o como um convite à confirmação da ligação entre a Oceanus e a funesta colisão do navio da SOS com o cruzador. — Sou capaz de aceitar o seu convite para ir até à cabana. Gostava de conhecer um pouco melhor as Faroé antes de partir.

— Excelente! Fique o tempo que quiser. As ilhas são impressionantes. Vou telefonar ao senhorio a dizer que você vai para lá. Ele chama-se Gunnar Jepsen e vive numa casa que fica atrás da cabana. Pode usar o carro que aluguei. Há um barquinho que está incluído no aluguer da cabana e muito com que se entreter. Há aves deslumbrantes e incríveis nas falésias, as caminhadas são magníficas e ali perto existem umas ruínas arqueológicas fascinantes.

Austin sorriu e afirmou: — Tenho a certeza que vou descobrir algo para fazer.

Depois do jantar, tomaram uma última bebida no bar do hotel e despediram-se com a promessa de se encontrarem em Copenhaga. O Professor ia ficar em casa de um amigo nessa noite e deixaria as ilhas na manhã seguinte. Austin subiu para o quarto, porque queria começar o dia bem cedo pela manhã. Aproximou-se da janela e ficou ali um pouco a pensar, enquanto admirava a cidade e o porto peculiares; depois agarrou no telemóvel e marcou um número familiar.

Gamay Morgan-Trout estava no seu escritório na sede da NUMA, em Washington D.C., a fitar o monitor do computador, quando o telefone tocou. Sem desviar os olhos do ecrã, atendeu o telefone e murmurou absorta. — Está? — Ao som da voz de Austin, o seu rosto iluminou-se num sorriso

radioso, que o tornava único pelo pequeno espaço que tinha entre os dentes da frente.

— Kurt! — exclamou ela com evidente satisfação. — Que bom ouvir-te.

— Digo o mesmo. Como é que vão as coisas por aí na NUMA?

Ainda a sorrir, Gamay afastou da testa um fio de cabelo comprido ruivo-escuro e respondeu: — Andamos aqui à nora desde que tu e o Joe se foram embora. Estou a ler um novo resumo de uma pesquisa relacionada com nervos de peixe-sapo que podem ajudar a curar problemas de equilíbrio nos humanos. O Paul está ao computador a trabalhar numa imagem da Java Trench. Já nem me lembro de quando me diverti tanto. Tenho tanta pena de ti e do Joe. Aquele resgate temerário deve ter sido uma chatice medonha.

O computador de Paul Trout estava ligado em rede ao da mulher. Trout fitava o ecrã numa atitude que lhe era muito peculiar, com a cabeça um pouco baixa, em parte para pensar, mas também para ajustar a posição na cadeira aos seus dois metros de altura. Ele tinha o cabelo castanho-claro com risco ao meio ao estilo da época do *Jazz* e penteado para trás nas têmeoras. Como de costume, estava impecavelmente vestido, com um fato italiano claro em tons de azeitona e um dos seus laços coloridos a condizer, um pormenor pessoal. Levantou os olhos cor de avelã e espreitou como se o fizesse por cima de um par de óculos, embora usasse lentes de contacto.

— Pergunta, se faz favor, ao nosso chefe destemido quando é que volta para aqui — pediu Paul. — A sede da NUMA tem sido um túmulo, enquanto ele e o Joe andam a fazer as parangonas dos jornais.

Austin ouviu a pergunta de Trout. — Diz ao Paul que estarei de volta à minha secretária daqui a alguns dias. O Joe deve aí chegar lá para o final da semana, depois de terminar uns testes que está a fazer no último brinquito. Queria que vocês soubessem onde vou estar. Amanhã vou subir a costa das Faroé até uma aldeiazinha chamada Skaalshavn.

— O que é que se passa? — quis saber Gamay.

— Quero dar uma vista de olhos numa exploração piscícola, propriedade de uma empresa chamada Oceanus. É capaz de haver uma ligação entre a Oceanus e o naufrágio daqueles dois navios aqui nas Faroé. Enquanto ando por aqui a meter o nariz, podes tentar ver o que consegues descobrir sobre esta empresa? Não tenho muito a que me agarrar. Talvez o Hiram nos consiga ajudar — Hiram Yeager era o ás dos computadores que armazenava a imensa base de dados da NUMA.

Conversaram mais alguns minutos, tendo Austin posto Gamay ao corrente do resgate dos marinheiros dinamarqueses. Depois desligaram,

prometendo Gamay fazer de imediato a indagação sobre a Oceanus. Ela contou ao marido o essencial da conversa que tinha tido com Austin.

— Kurt consegue aperceber-se de uma marosca mais depressa do que qualquer outra pessoa que conheço — disse Paul com um riso abafado, aludindo à antiga crença de que apitar a um navio pode atrair uma tempestade. — O que é que ele queria saber sobre explorações piscícolas, como é que se põe a funcionar um tractor submarino?

— Não, uma enfardadeira — disse Gamay com uma minúcia exagerada. — Como é que me podia esquecer que praticamente crescestes num barco de pesca?

— Um simples neto de pescador, como diria Jimmy Buffett — Trout nascera em Cape Cod, no seio de uma família de pescadores. O seu trajecto ancestral divergira quando, ainda rapaz, andara pelas imediações da Woods Hole Oceanographic Institution e alguns dos cientistas dessa instituição o encorajaram a estudar oceanografia. Fizera o doutoramento em ciência oceanográfica na Scripps Institution of Oceanography, especializando-se em geologia oceânica de profundidade e tornando-se perito na utilização de gráficos computadorizados em diversos projectos submarinos.

— Acontece que, apesar de admitires a tua ignorância, sabes muito mais de aquacultura do que demonstras.

— A exploração piscícola não é uma coisa nova. Lá pelos meus sítios, há centenas de anos ou mais, que as pessoas arranjam terrenos alagadiços para criar e apanhar amêijoas e ostras.

— Depois, sabes, no essencial, o princípio é o mesmo, só se estendeu o conceito aos peixes de barbatana. O peixe é reproduzido em tanques e criado e engordado em jaulas de rede abertas que flutuam no oceano. As explorações piscícolas podem produzir peixe numa fracção de tempo muito menor à que demora apanhá-lo em mar aberto.

Paul franziu o sobrolho. — Com o governo a restringir a pesca natural por causa da diminuição das reservas de pescado, este tipo de competição é a última coisa que um pescador precisa.

— As explorações piscícolas discordam, afirmando que o produto da aquacultura é mais barato e a sua actividade fomenta o emprego e ajuda a injectar dinheiro na economia.

— Como bióloga marinha, qual é a tua posição em relação a este assunto?

Gamay formara-se em arqueologia marinha antes de mudar o seu pólo de interesse e inscrever-se na Scripps, onde fizera um doutoramento em biologia marinha, conhecendo e casando com Paul nessa altura.

— Julgo que me posiciono no meio — afirmou. — A exploração

piscícola tem os seus aspectos positivos, mas estou um pouco preocupada porque, ao serem grandes empresas a gerir estas explorações piscícolas, as coisas podem sair fora do controlo.

— De que lado o vento é mais favorável?

— É difícil de dizer, mas posso esclarecer-te com um exemplo sobre o que se passa neste momento. Imagina que és um político que está na corrida para as autárquicas e a indústria da exploração piscícola diz que vai investir centenas de milhões de dólares nas comunidades costeiras e que esse investimento conseguirá gerar empregos e milhares de milhões de dólares por ano na actividade económica da tua comarca. De que lado *te* posicionavas?

Trout deixou escapar um assobio baixo. — *Milhares de milhões?* Não fazia a mínima ideia que estavam em jogo essas quantias.

— Estou a falar apenas numa *fracção* do mundo empresarial. Existem explorações piscícolas espalhadas pelo mundo inteiro. Se nos últimos tempos comeste salmão, camarão ou bivalves, esse peixe pode ter sido criado no Canadá, na Tailândia ou na Colômbia.

— As explorações piscícolas devem ter uma capacidade incrível para escoar peixe nessas quantidades.

— É *espantoso*. Na Colômbia britânica, têm setenta milhões de salmão criado em explorações piscícolas, comparados com cinquenta e cinco mil de pescado criado em meio natural.

— Como é que os pescadores solitários conseguem competir com semelhantes produções?

— *Não conseguem* — afirmou Gamay, encolhendo os ombros. — Kurt queria saber informações sobre uma empresa chamada Oceanus. Vamos lá ver o que consigo encontrar.

As mãos dela percorriam velozes o teclado do computador. — É estranho. Normalmente o maior problema da *internet* é haver *demasiada* informação. Não há quase nada acerca da Oceanus. A única coisa que consegui encontrar foi este artigo de um único parágrafo a dizer que umas instalações de salmão processado do Canadá foram vendidas à Oceanus. Vou depenicar um pouco mais.

A busca demorou mais quinze minutos, e Paul voltara a mergulhar no Java Trench quando finalmente ouviu Gamay exclamar: — Ah!

— Terreno aurífero que compensa explorar?

Gamay deslizou o cursor para cima e para baixo. — Numa nota informativa da indústria encontrei algumas frases sobre uma aquisição. Ao que parece, a Oceanus é proprietária de empresas espalhadas pelo mundo inteiro, que se espera produzam mais de quinhentos milhões de libras por ano. A fusão permite o acesso ao mercado deste país através de uma subsi-

diária americana. O vendedor estima que os EUA comprem um quarto da sua produção.

— Quinhentos milhões de libras! Estou quase a desistir da minha pesca à linha. Não me importava de ir ver umas dessas instalações. Onde ficam as mais próximas?

— A exploração canadiana de que te falei. Também gostava de a ver.

— Então, o que é que nos impede? Estamos para aqui a girar os polegares sem nada para fazer desde que o Kurt e o Joe se foram embora. O mundo não vai precisar de ser salvo, e, caso venha a precisar, Dirk e Al estão sempre disponíveis.

Ela olhou de soslaio para o ecrã. — As instalações ficam em Cape Breton, o que é mais do que um salto da costa do Potomac.

— Quando é que aprendes a confiar no meu talento ianque? — perguntou-lhe Paul com um suspiro fingido.

Enquanto Gamay o olhava com um sorriso divertido, Paul pegou no telefone e pressionou um número. Depois de uma conversa breve, desligou com um sorriso rasgado e triunfante estampado no seu rosto pueril. — Era um colega do departamento de viagens da NUMA. Há um avião da NUMA que parte de Boston daqui a umas horas. Têm dois lugares vagos. Pode ser que, com o teu encanto, consigas convencer o piloto a fazer escala em Cape Breton.

— Vale a pena tentar — concordou Gamay, pressionando o botão “OFF” para desligar o computador.

— E a tua pesquisa sobre o peixe-sapo? — perguntou-lhe Paul.

Gamay respondeu com uma má imitação do coaxar de um sapo. — E quanto à Java Trench?

— Já lá está há milhões de anos. Acho que pode esperar mais alguns dias.

O monitor do computador dele também se apagou. Aliviados por finalmente acabarem com o seu aborrecimento, correram para a porta do gabinete.

10

A NEBLINA MATINAL DESAPARECERA, E AS FAROÉ GOZAVAM DE UM RARO momento de sol que revelava todo o esplendor do cenário da ilha. O campo parecia coberto por uma baeta de bilhar de um verde luminoso. No terreno acidentado não se via nenhuma árvore, ponteados apenas por casas com telhados cobertos de turfa e campanários ocasionais, embelezadas por paredes de pedra inclinadas e passadiços.

Austin conduzia o *Volvo* do Professor por uma estrada tortuosa ao longo da costa, que oferecia vistas interiores de montanhas longínquas. Afloramentos cinzentos com reentrâncias erguiam-se do mar azul gelado como gigantescas e petrificadas barbas de baleia. Os pássaros giravam em torvelinho em volta de majestosos penhascos verticais onde o mar esculpiu a irregularidade da linha de costa.

Por volta do meio-dia, Austin emergiu de um túnel escavado na montanha e viu uma espécie de aldeia de bonecas aglomerada numa colina um pouco em declive no extremo de um fiorde. A estrada serpenteante seguia por uma série de encostas escarpadas inclinadas, que decaíam centenas de metros em poucos quilómetros. As rodas do *Volvo* contornaram o rebordo das longas curvas pronunciadas e sem guardas ao longo da berma. Austin ficou satisfeito ao chegar à estrada plana, que seguia entre a rebenção salpicada de espuma e as casas cheias de cor erguidas no declive da encosta como espectadores num anfiteatro.

Uma mulher plantava flores em frente a uma igreja minúscula, cujo telhado coberto de turfa estava encimado por um campanário pequeno e

rectangular. Austin lançou um olhar rápido ao seu livro de expressões faroenses e saiu do carro.

Depois disse: — *Orsaka. Hvar er Gunnar Jepsen?* — Desculpe, onde posso encontrar Gunnar Jepsen?

Ela pousou a pequena pá e aproximou-se. Austin viu que se tratava de uma mulher bonita que andaria algures entre os cinquenta e os sessenta anos. O seu cabelo prateado estava preso num rolo, e tinha a pele bronzeada à excepção das rosetas vermelhas que tinha nas maçãs do rosto por causa do sol. Tinha os olhos tão cinzentos como o mar próximo. Um sorriso luminoso perpassou-lhe pelo rosto estreito, e ela apontou para uma estrada secundária que conduzia aos limites da aldeia.

— *Gott taak* — agradeceu ele.

— *Einsgiskt?*

— Não, sou americano.

— Não vemos muitos americanos aqui por Skaalshavn — disse ela, falando inglês com uma cadência escandinava. — Seja bem-vindo.

— Espero não ser o último.

— Gunnar mora lá em cima na colina. Basta seguir por aquela estrada. — Ela voltou a sorrir. — Espero que tenha uma boa visita.

Austin agradeceu-lhe uma vez mais, voltou para o carro e seguiu por dois trilhos de cascalho miúdo ao longo de cerca de quatrocentos metros. A estrada terminava numa grande casa com telhado de turfa, construída na vertical com sobrado cor de chocolate preto. Uma *pickup* estava estacionada no caminho. A noventa metros na encosta descendente estava uma casa igual à casa principal, mas mais pequena. Austin subiu as escadas do alpendre e bateu à porta.

O homem que abriu tinha uma altura mediana e um porte avantajado. Tinha bochechas e rosto redondos e finos fios de cabelo louro arruivado penteados por cima da cabeça calva.

— *Ja* — disse, mostrando um sorriso simpático.

— Senhor Jepsen? — perguntou Austin. — Chamo-me Kurt Austin e sou amigo do Professor Jorgensen.

— Senhor *Austin*. Entre. — Apertou a mão de Kurt, sacudindo-a como um vendedor de automóveis em segunda mão que cumprimentasse um potencial cliente. Depois, acompanhou-o até uma sala de estar rústica. — O doutor Jorgensen telefonou-me a dizer que o senhor vinha cá. Ainda são uns bons quilómetros de Tórshavn até aqui — comentou Jepsen. — Aceita uma bebida?

— Agora não, obrigado. Talvez mais tarde.

Jepsen assentiu com um meneio de cabeça e perguntou-lhe: — Vem pescar um pouco?

— Ouvi dizer que até em terra firme se consegue apanhar peixe nas Faroés.

— Não propriamente — respondeu Jepsen com um sorriso franco —, mas quase.

— Depois de ter estado a resgatar um navio em Tórshavn achei que a pesca seria uma boa maneira de descontraír.

— A resgatar um navio? *Austin* — praguejou em faroês. — Devia ter calculado. Você é o americano que salvou os marinheiros dinamarqueses. Eu vi na televisão. Incrível! Espere até a gente da aldeia saber que tenho como hóspede uma celebridade.

— Eu tencionava não ser incomodado.

— Claro, mas vai ser impossível manter a sua visita em segredo para os aldeãos.

— Conheci uma ao pé da igreja. Parecia muito simpática.

— Devia ser a viúva do pastor. Ela é a chefe dos correios e a maior mexeriqueira. Neste momento, já *toda a gente* sabe que está aqui.

— A cabana do Professor é aquela que fica ali em baixo na colina?

— É — respondeu Jepsen, retirando de um prego cravado na parede uma argola com uma chave. — Venha daí, eu mostro-lha — *Austin* tirou do carro o saco que trazia, e, enquanto desciam o caminho pedregoso, Jepsen perguntou: — É muito amigo do doutor Jorgensen?

— Já o conheço há uns anos. A sua reputação de cientista piscícola é conhecida no mundo inteiro.

— Sim, eu sei. Fiquei muito honrado por tê-lo tido cá. Agora o senhor.

Pararam em frente à cabana, cujo alpendre oferecia uma vista do porto, onde estava ancorada uma pitoresca frota de barcos de pesca. — É pescador, Sr. Jepsen?

— Num sítio pequeno como este, sobrevive-se a fazer muitas coisas. Alugo a minha cabana e não tenho muitas despesas.

Subiram os degraus de acesso ao alpendre e entraram. O interior era no essencial um quarto com uma cama de solteiro, uma casa de banho e a zona da cozinha com uma mesa e duas cadeiras, mas com um ar confortável.

Jepsen comunicou-lhe. — Existe material de pesca no armário. Diga-me se precisar de um guia para ir à pesca ou para fazer caminhadas. As minhas raízes remontam aos Vikings, e ninguém conhece este sítio como eu.

— Obrigado pela oferta, mas ultimamente estive rodeado por muita gente e gostava de passar algum tempo sozinho. Sei que um barco também está incluído no aluguer da cabana.

— É o terceiro a contar do fim do molhe — informou Jepsen. — Um barco com casco de extremidades cortadas. As chaves estão lá.

— Obrigado pela ajuda. Agora, se me dá licença, gostava de começar a instalar-me, depois vou até à aldeia esticar as pernas — disse Austin.

Jepsen pediu a Austin que o contactasse no caso de precisar de alguma coisa. — Vista abafos — acrescentou enquanto se aproximava da porta. — O tempo muda muito depressa por aqui.

Seguindo o conselho de Jepsen, Austin vestiu um impermeável por cima da camisola. Saiu e parou no alpendre da cabana, inspirando o ar frio. A terra ia descendo gradualmente até ao mar. Da situação privilegiada onde se encontrava, tinha uma vista desafogada do porto, do molhe e dos barcos. Voltou a subir o caminho até ao *Volvo* e conduziu até à aldeia.

A sua primeira paragem foi no afanoso porto de pesca, onde uma procissão de barcos de arrasto descarregava a faina sob um chapéu-de-chuva de aves marinhas de peiros estridentes. Encontrou o barco amarrado como Jepsen dissera. Era um barco com interior de madeira de boa construção com cerca de seis metros de comprimento, revirado para cima nas duas extremidades ao estilo dóri. Verificou o motor e achou-o relativamente limpo e novo. A chave estava na ignição, como Jepsen afirmara. Austin ligou o motor e, por instantes, prestou atenção ao seu funcionamento. Satisfeito por estar a trabalhar numa toada uniforme, desligou-o e regressou ao carro. No caminho, encontrou a viúva do pastor a sair de um desvão de carga.

— Olá, americano — disse ela com um sorriso rasgado e amistoso. — Encontrou Gunnar?

— Encontrei, obrigado.

Ela segurava um peixe embrulhado em papel de jornal. — Vim cá abaixo buscar qualquer coisa para o jantar. Chamo-me Pia Knutsen.

Cumprimentaram-se com um aperto de mão, sendo o de Pia emotivo e firme.

— Muito prazer em conhecê-la. Chamo-me Kurt Austin. Ando por aqui a apreciar a vista. Skaalshavn é uma aldeia bonita. Tenho estado a pensar o que significará este nome.

— Está a falar com a historiadora não-oficial da aldeia. Skaalshavn significa “Porto do Crânio”.

Austin desviou os olhos para a água. — A baía tem a forma de um crânio?

— Ah, *não*. É muito anterior a isso. Os Vikings encontraram crânios em algumas grutas na altura do povoamento.

— Houve aqui gente antes dos *Vikings*?

— Se calhar monges irlandeses, ou talvez até fosse anterior a eles.

As grutas ficavam do outro lado do promontório, naquele que foi o porto original e o velho depósito dos baleeiros. Tornou-se demasiado pequeno quando a pesca começou a aumentar, por isso, os pescadores trouxeram os barcos para este lado e instalaram-se aqui.

— Gostava de fazer umas caminhadas. Recomenda-me alguns caminhos dos quais consiga ter uma boa vista da povoação e dos arredores?

— Das falésias das aves marinhas avista uma extensão de muitos quilómetros. Tome aquele caminho que vai por detrás da aldeia — disse ela, apontando. — Atravessa os paúis por umas cascatas e regatos muito bonitos e passa por um grande lago. O atalho sobe a pique depois de passar pelas ruínas de uma antiga herdade, e depois chega às falésias. Não se aproxime muito da beira, sobretudo se estiver enevoado, a menos que tenha asas. Os penhascos têm perto de quinhentos metros de altura. Regresse de novo pelos cairnes e mantenha-os sempre à sua esquerda. O atalho é íngreme e a descida é muito acentuada. Não ande muito junto à beira ao longo do mar, porque às vezes as ondas rebentam e passam por cima das rochas e podem arrastá-lo.

— Vou ter cuidado.

— Mais uma coisa. Vista roupa quente. Às vezes, o tempo muda muito depressa.

— Gunnar deu-me o mesmo conselho. Parecia muito conhecedor. Ele é de cá?

— Gunnar gosta que as pessoas pensem que as origens dele remontam a Erik, o Vermelho — desdenhou ela. — Ele é de Copenhaga e mudou-se cá para a aldeia há um ano ou dois.

— Conhece-o bem?

— Ah, sim — respondeu ela, rolando os olhos sedutores. — Gunnar tentou enfiar-me na cama dele, mas eu não sou assim tão incapaz.

Pia era uma mulher bonita e Austin não ficou surpreendido com o avanço de Jepsen, mas com certeza que não teria vindo de tão longe por causa dos romances locais. — Ouvi dizer que na costa lá para cima havia umas instalações piscícolas ou qualquer coisa do género.

— Sim, consegue vê-las dos penhascos. São uns edifícios feios todos em betão e metal. O porto está cheio das jaulas de peixe deles. Criam o peixe ali e metem-no nos barcos para fora. Os pescadores locais é que não gostam daquilo. Ninguém da aldeia lá trabalha. Já nem Gunnar.

— Ele trabalhava na exploração piscícola?

— No princípio. Tinha alguma coisa a ver com a construção. Com o dinheiro que lá ganhou comprou casas e agora vive das rendas.

— Têm cá muitos visitantes? — Austin olhava para um iate azul luzidio que entrava no porto.

— Observadores de aves e pescadores — ela seguiu o olhar de Austin.
— Como aqueles homens naquele barco bonito. Ouvi dizer que pertence a um espanhol rico. Dizem que veio lá de Espanha até aqui só para pescar.

Austin voltou-se para Pia. — A senhora fala muito bem inglês.

— Aprendemos na escola juntamente com o dinamarquês. E o meu marido e eu estivemos um tempo em Inglaterra logo depois de nos termos casado. Aqui não tenho muita hipótese de falar inglês — levantou o peixe, segurando-o um pouco abaixo do nariz de Austin e perguntou-lhe: — Quer vir jantar lá a casa, hoje? Assim podia praticar o meu inglês.

— Não era muito incómodo?

— Não, não. Apareça lá depois do passeio. A minha casa é a que fica por detrás da igreja.

Combinaram encontrar-se poucas horas depois, e Austin levou o carro até ao princípio do trilho. O caminho de cascalho miúdo subia e passava pelo meio de paúis com elevações e depressões suaves salpicadas por flores silvestres, depois, passava próximo de um pequeno lago, quase perfeitamente redondo, que parecia feito de cristal. Depois de se afastar quase um quilómetro e meio do lago, chegou às ruínas de uma velha herdade e a um cemitério antigo.

O caminho tornava-se mais íngreme e menos distinto. Como Pia o aconselhara a fazer, seguiu os montes de rocha cuidadosamente erguidos que marcavam o caminho. Conseguia ver rebanhos de ovelhas tão distantes que lembravam montinhos de linho. Alteavam-se ao longe em camadas sucessivas montanhas etéreas com cascatas a cair como véus de noiva.

O atalho conduzia aos penhascos, onde centenas de aves marinhas enchiam o ar, equilibrando-se com delicadeza por entre correntes de ar ascendentes. Sobranceiros rochedos verticais elevavam-se da baía, com as culminâncias coroadas por grinaldas de nevoeiro. Austin mastigou uma *PowerBar* e achou que as Faroé deviam ser o lugar mais transcendente do planeta.

Continuou a caminhar até parar no cimo de um espinhaço que lhe permitiu ter uma vista panorâmica sobre a costa serrilhada. Um promontório redondo separava Skaalshavn de uma enseada mais pequena. Agrupados ao longo da costa do antigo porto estavam dezenas de edifícios cuidadosamente dispostos. Enquanto observava com atenção a vista lá em baixo, sentiu uma gota de chuva cair-lhe na cara. Nuvens escuras e encapeladas aproximavam-se em rolos espessos, vindas das montanhas em estratos, obliterando o sol. Começou a descer do espinhaço descoberto. Mesmo com as encostas escarpadas a suavizarem a descida a pique, era um percurso difícil naquele atalho íngreme, e teve de avançar devagar até o terreno voltar a nivelar-se. À medida que se aproximava do nível do mar, as nuvens

começavam a dissipar-se. Continuou a dirigir-se para as luzes da aldeia, e, pouco depois, estava ao pé do carro.

Pia olhou para a figura ensopada e suja de lama estacada à sua porta e abanou a cabeça.

— Parece que acabou de sair do oceano — puxou Austin por uma manga para dentro e mandou-o ir para a casa de banho despir-se. Austin estava demasiado molhado para protestar. Enquanto se despia, ela foi abrindo uma greta da porta e atirando-lhe uma toalha e roupas secas.

— Eu sabia que as roupas do meu marido ainda iam servir — disse, satisfeita, quando Austin se atreveu a aparecer com a camisa e as calças vestidas. — Era um homem grande como você.

Enquanto Pia punha a mesa, Austin espalhou as suas roupas ao pé do fogão de cozinha a lenha, depois pôs-se praticamente em cima dele e expôs o corpo todo ao calor até ela lhe anunciar que o jantar estava pronto.

O bacalhau fresco assado desfazia-se na boca. Acompanharam o jantar com um vinho branco caseiro muito suave. Como sobremesa comeram um pudim de uvas. Depois do jantar, ela falou-lhe na sua vida nas Faroé e Austin explicou-lhe um pouco o trabalho que fazia na NUMA. Ela estava fascinada com as viagens que ele tivera de fazer a lugares exóticos durante as missões que lhe haviam sido destinadas na NUMA.

— Esqueci-me de lhe perguntar se tinha dado um bom passeio, apesar da chuva — perguntou-lhe Pia, enquanto levantava os pratos da mesa.

— Subi até ao cimo dos penhascos. A vista é incrível. Vi a exploração piscícola de que me falou. Eles deixam lá entrar visitantes?

— Ah, *não* — respondeu Pia com um meneio de cabeça negativo. — Não deixam lá entrar *ninguém*. Como já lhe disse, ninguém da aldeia lá trabalha. Há uma estrada ao longo da costa que eles usavam quando estavam a construí-la, mas agora está fechada com uma vedação muito alta. Entra e sai tudo por mar. Dizem que parece outra aldeia.

— Parece interessante. É pena ninguém lá poder entrar.

Pia voltou a encher o copo de Austin e lançou-lhe um olhar dissimulado. — Eu conseguia lá entrar num *ápice*, se quisesse, pelo Portão das Sereias.

Ele abanou a cabeça, sem saber se tinha percebido bem. — O Portão das Sereias?

— Era o que o meu pai costumava chamar à abóbada natural que fica na orla do antigo porto. Às vezes, levava-me a passear de barco e íamos lá. Nunca me levou lá dentro por ser perigoso por causa das correntes e das rochas. Alguns homens afogaram-se ao tentar passar por aquela passagem, por isso, os pescadores não se aproximam dali. Dizem que aquele sítio está

assombrado pelas almas dos mortos, que se consegue ouvi-los gemer, mas é só o vento a soprar pelo meio das grutas.

— Parece que o seu pai não tinha medo de fantasmas.

— Ele não tinha medo de *nada*.

— O que têm essas grutas a ver com a exploração piscícola?

— É por elas que se entra lá para dentro. Uma gruta comunica com as outras que levam ao velho porto. O meu pai dizia que havia pinturas nas paredes. Espere, eu mostro-lhe.

Aproximou-se de uma estante e retirou de uma prateleira um álbum com fotografias de família. Comprimida entre as páginas das fotografias estava uma folha de papel, que ela desdobrou e estendeu em cima da mesa. Desenhados no papel estavam bosquejos grosseiros de bisontes e veados. Mais interessante para Austin foram as descrições de barcos compridos e graciosos impulsionados a velas e remos.

— Estes desenhos são muito antigos — disse Austin, sem todavia conseguir situá-los no tempo. — O seu pai mostrou-os a mais alguém?

— Sem ser a pessoas da família, não. Queria que as grutas se mantivessem secretas por recear serem estragadas se as pessoas soubessem da sua existência.

— Então, as grutas não têm um acesso por terra?

— Havia um caminho, mas foi bloqueado com pedregulhos. O meu pai dizia que não era difícil retirá-los. Ele queria trazer cá uns cientistas da universidade para as coisas serem feitas como devia ser, mas entretanto morreu durante um temporal.

— Lamento.

Pia sorriu. — Como já disse, ele não tinha medo de nada. Seja como for, depois da morte dele, a minha mãe mudou-se com a família e foi viver com uns parentes. Só cá voltei com o meu marido. Andava demasiado ocupada a cuidar dos filhos para me preocupar com as grutas. Depois, a empresa piscícola comprou o terreno e o velho depósito beleeiro e mais ninguém lá conseguiu entrar.

— Tem outros desenhos?

Ela abanou a cabeça negativamente. — O meu pai experimentou fazer um mapa das grutas, mas não sei o que foi feito dele. Dizia que as pessoas que tinham feito aquelas pinturas eram espertas. Tinham usado imagens de peixes e pássaros como sinais. Desde que se seguisse o peixe certo, a gente não se perdia. Algumas das grutas iam dar a becos sem saída.

Conversaram noite dentro. Por fim, Austin olhou para o relógio e disse que tinha de se ir embora. Pia só o deixou sair depois de concordar que voltaria para jantar no dia seguinte. Conduziu pela estrada deserta sob a luminosidade sombria tida como noite nas regiões do norte.

Estava uma luz acesa na casa principal, mas não viu qualquer sinal de Jepsen, e calculou que estivesse deitado. A chuva parara de cair. Saiu para o alpendre e ficou ali um bocado a contemplar a aldeia e o porto calmos lá em baixo, depois voltou para dentro da choupana e preparou-se para se deitar. Apesar de a aldeia distante parecer tranquila, não conseguia afastar a sensação perturbadora de que Skaalshavn era um lugar de segredos obscuros. Antes de se deitar, certificou-se de que a porta e as janelas estavam bem fechadas.